Diário de Lisboa

ANO 67 N.º 22 500 Quarta-feira, 28 de Outubro de 1987 Preço 45$00

AMANHÃ
Vantagens da amnésia política
escreve Mário Mesquita

Eduard Shevardnaze poderá levar «sim» de Moscovo a Washington:

Encontro entre Reagan e Gorbachev ainda este ano?

Uma reunião inesperada do ministro soviético dos Negócios Estrangeiros, Eduard Shevardnadze, com o embaixador dos EUA em Mosocvo veio alterar de novo o cenário das conversações sobre controlo de armamentos. O chefe da diplomacia soviética deverá agora deslocar-se a Washington, talvez já na próxima sexta-feira, para fixar com a administração Reagan a data de uma nova cimeira entre os líderes das duas superpotências. Entretanto, um dos responsáveis soviéticos na ONU afirmou já que Moscovo espera que este encontro se realize ainda este ano. A viagem de Shevardnadze, a concretizar-se, surge uma semana depois do seu homólogo norte-americano, George Shultz, ter tentado, sem êxito, chegar a acordo quanto à data da esperada cimeira

Págs 12 e 13

Reforma fiscal discutida sexta-feira no Parlamento

IMPOSTOS ÚNICOS CHAMAM-SE IRS E IRC

Dois impostos únicos, um sobre o rendimento de pessoas singulares (IRS) e outros sobre o rendimento de pessoas colectivas (IRC), estarão em discussão na próxima sexta-feira, quando o projecto governamental de reforma fiscal subir ao plenário da Assembleia da República. O novo sistema de impostos abrange a globalidade dos rendimentos dos portugueses, sujeitos a tributação.

Pág.11

Presidente da Bolsa do Porto

«Mercado está a ser irracional»

5 milhões de contos

EDP apresentou resultados negativos

RDP: «mexidas» internas preparam concessão da «Comercial» a privados

A privatização da Rádio Comercial, por uma concessão efectuada através de concurso público, está na forja, tal como o «DL» adiantava a semana passada. Notícias mais recentes, dão conta de profundas «mexidas» internas na RDP, por forma a colocar os «homens certos nos lugares certos» com vista ao processo que se avizinha. Um matutino adiantava esta manhã a hipótese deste processo estar concluído no Verão de 1988.

Pág.24

PABLO MILANÉS

... e o povo tomou conta da noite no Casino

Pág. 19

Ontem, na Assembleia

REGIONALIZAÇÃO SIM E NÃO

A regionalização dominou, ontem, o plenário da Assembleia da República, sob duas formas e também com dois desfechos um e outro esperados e lógicos.A autorizacão legislativa para o Governo aprovar o Estatuto da Imprensa Regional foi acolhida favoravelmenbte pela maioria. O Governo apresentara o pedido: PSD e o CDS disseram amen. Em contrapartida, o projecto de deliberação para constituir uma Comissão Eventual de regionalização foi rejeitado. O projecto levava a assinatura do Partido Comunista e o resultado previa-se: o chumbo pela maioria, encorpada com os votos do PS e do CDS.

Simplesmente, a caminho destes desfechos lógicos e anunciados, alguma coisa aconteceu que merece a pena ser contada.

Começa que o Estatuto da Imprensa Regional já na semana passada fora discutido no plenário, ficando para ontem, apenas, a votação. Então o Governo justificara o pedido de autorização legislativa com a urgência de igualar muitas das condições de vida da Imprensa Regional às vividas pela Imprensa de âmbito e vocação nacionais. Nomeadamente, o Governo diz desejar criar condições para uma igualdade na distribuição dos apoios financeiros futuros.

Mas já então também a oposição, nomeadamente pela voz de Arons de Carvalho, do PS, apontou o erro grave que é pretender equiparar a jornalistas profissionais os cidadãos que não fazem do jornalismo a sua actividade principal, ou eventualmente nem o exerçam de uma forma remunerada.

O erro agrava-se, no entender deste deputado socialista, pelo facto de o Governo chamar a si, através da Direcção—Geral da Comunicação Social, o direito de passar as carteiras profissionais, faculdade até aqui reservada em exclusivo ao Sindicato dos Jornalistas.

Ontem já não houve tempo para continuar esta discussão:votou-se apenas e ganhou quem se esperava que ganhasse. Apenas uma nota curiosa: a autorização baixa agora, por dez dias, à Comissão de Assuntos Constitucionais, Direitos, Liberdades e Garantias; e baixa por requerimento do Partido Social Democrata, aprovado por unanimidade. Mesmo em questões processuais não serão muitas as vezes em que, como ontem, os interesses do partido do governo poderão fazer o pleno dos votos no plenário.

De regionalização, dissemos, se falou na sessão de ontem da Assembleia da República. E uma das falas mais longas, às vezes em jeito de charada, girou em torno da criação projectada pelo Partido Comunista de uma «Comissão Eventual para o processo legislativo relativo às regiões administrativas».

E charada porquê?

Primeiro, porque na Assembleia já existe uma Comissão que é sede idónea para debater e preparar a regionalização, a Comissão de Administração do Território, Poder Local e Ambiente, presidida pelo deputado socialista António Guterres.

Segundo porque uma Comissão idêntica à agora pretendida, já devera ter funcionado na Assembleia anterior e não funcionou, sendo dissolvida em razão da dissolução da AR; do seu trabalho não ficou rasto suficientemente vincado para guiar os deputados actuais nos caminhos da regionalização.

Terceiro porque quem na anterior legislatura se opôs à Comissão Eventual de Regionalização, avançou agora na defesa da sua recriação; e quem a criara com os seus votos e a defendera com os seus argumentos—que não com o seu trabalho persistente e assíduo—combateu-a agora e matou à nascença a reincarnação.

Razões políticas, dir-se-à, prefiguraram o desfecho: se é o PCP a apresentar o projecto, chumba-se. E PSD, PS e CDS chumbaram-no, com a ressalva do comportamento do PRD que fez questão de sublinhar, pela voz de Carlos Lilaia:

«Se antes apoiámos a criação da Comissão Eventual, não é agora, porque a proposta surge com outra cor, que deixaremos de também lhe dar um voto favorável».

As alianças implícitas e explícitas, em tempo de Governo minoritário como era o anterior, e o novo equilíbrio de forças saido das últimas eleições são afinal, a chave mestra da tal charada.

E enquanto a charada não se aclara de vez, as Regiões Administrativas que esperem.

PS insiste nas leis paraconstitucionais

O Partido Socialista insiste na sua campanha preparatória do terreno para negociar a revisão constitucional com a maioria no poder. O «leit-motiv» são as leis paraconstitucionais, como lhes chama, diplomas estruturantes do regime democrático de cuja aprovação faz depender a sua colaboração na revisão constitucional com o PSD.

Ontem foi a vez de Lopes Cardoso que, numa declaracão política apresentada antes da ordem do dia, disse:

«O PS não dissocia a revisão constitucional da discussão e aprovação de um conjunto de leis paraconstitucionais que assegurem o real equilíbrio de poderes e preservem as condições de efectiva alternância democrática».

Este deputado socialista teorizou também sobre o papel das minorias numa Assembleia de maioria absoluta que suporta o Governo.

Para Lopes Cardoso, as minorias são tão essenciais como as maiorias e, para além de serem «em cada momento um travão necessário», são também «enquanto alternativas de poder, e prefiguração da indispensável alternância».

O Grupo Parlamentar do Partido Socialista reafirmou-se, assim, pela voz de Lopes Cardoso, «como oposição e oposição sem concessões, mas também como alternativa necessária à alternância».

Bis para a Alta de Coimbra

A Academia coimbrã baixou, ontem, a Lisboa e à Assembleia da República, tendo acolhido os deputados, à saida da reunião do plenário, com sanfona, cantorias e a habitual «passerelle» das capas negras. Motivo: dois deputados do círculo de Coimbra apresentaram antes da ordem do dia as conclusões do recente | Encontro sobre a Alta de Coimbra.

Entre essas conclusões avulta a proposta à autarquia e ao ministério da Cultura para que unam esforços no sentido de a Velha Alta de Coimbra poder vir a ser declarada pela UNESCO como património de interesse mundial. É que, segundo o deputado João Rui Almeida, a situação do património cultural compreendido na Alta Coimbra pode ser considerada como calamidade pública.

Marques Júnior e o Presidente

A Presidência da República entregou na AR o pedido de autorização para a deslocação do dr. Mário Soares a Bruxelas, nos dias 18 a 20 de Novembro. A visita não tem carácter oficial e o Presidente da República justificou-a porque vai receber o grau de Doutor «honoris causa» pela Universidade Livre de Bruxelas.

Mário Soares foi, ainda, referido na Assembleia a propósito da actual instalação da Presidência em Beja. Marques Júnior, deputado do PRD, disse que não obstante a importância que estes dias passados em Beja poderão vir a ter para os alentejanos, a visita teria um saldo mais visível e positivo se visasse, por exemplo, «contribuir para o desbloqueamento do projecto do Alqueva, ou o projecto integrado das pirites alentejanas ou ainda o plano de recuperação do degradado centro histórico de Beja».

Quinta: objectores de consciência

Os objectores de consciência são o tema de fundo agendado para a reunião plenária de amanhã. Com efeito, a ordem do dia inclui apenas a discussão de uma proposta de lei sobre o regime disciplinar que lhes é aplicável.

Sexta-feira de manhã, a partir das dez horas, o Governo vai a S.Bento para ser interrogado, ao abrigo do regimento parlamentar, sobre economia e política externa.

A Bolsa e o Orçamento, os fundos da Comunidade e a estação de rastreio de Almodovar, a fracassada candidatura de Sá Machado à UNESCO e o combate à corrupção são alguns dos assuntos agendados para esta sessão de perguntas, orais e escritas, ao Governo.

CÂMARA MUNICIPAL DA AMADORA

EDITAL

CONCURSO PÚBLICO PARA A CONSTRUÇÃO E EXPLORAÇÃO DE QUIOSQUE NO PARQUE CENTRAL DA AMADORA

ORLANDO GASPAR GUERREIRO DE ALMEIDA, Presidente da Câmara Municipal da Amadora,

I

TORNA PÚBLICO que esta Câmara Municipal, em reunião de 2 de Junho, deliberou abrir concurso para a construção e exploração de QUIOSQUE NO PARQUE CENTRAL DA AMADORA – ZONA 4 — de harmonia com as condições seguintes:

a) a construção que se subordinará a projecto a fornecer pela Câmara Municipal da Amadora;

b) no quiosque apenas poderão ser comercializados jornais, tabacos, refrigerantes, café, leite, chocolate, bolos e sandes (devidamente embalados). Não será permitida a venda de quaisquer bebidas alcoólicas.

II

MAIS SE TORNA PÚBLICO que **o prazo para apresentação das propostas no Departamento de Administração Geral e Finanças da Câmara Municipal da Amadora, no 1.º andar do edifício dos Paços do Concelho, decorre até às 17.30 horas do dia 23 de Novembro próximo**, propostas que devem conter os elementos seguintes e apresentarem-se encerradas em subscrito lacrado dirigido ao Presidente da Câmara Municipal da Amadora:

a) compromisso do início da construção no prazo de 60 dias sobre a data da celebração do contrato e de conclusão no de 180 dias sobre a data do início;

b) compromisso da prestação de caução que garanta a construção depois de adjudicada;

c) indicação sobre o prazo pretendido para vigorar a concessão;

d) indicação sobre eventual preço a pagar pela concessão, sabido que, terminado o prazo da concessão, o estabelecimento reverterá para o Município da Amadora;

III

TORNA-SE PÚBLICO, POR FIM, que as propostas apresentadas serão abertas em reunião pública da Câmara Municipal da Amadora, a realizar no edifício dos Paços do Concelho, pelas 17 horas do dia 24 de Novembro próximo, e que à Câmara Municipal da Amadora se reserva o direito de anular o presente concurso se qualquer das propostas não for considerada satisfazer os interesses municipais.

Para conhecimento geral vai o presente edital ser afixado nos lugares públicos do costume e nos órgãos da imprensa local.

Paços do Concelho, 21 de Outubro de 1987

O PRESIDENTE DA CÂMARA
Orlando Gaspar Guerreiro de Almeida

SIRP SERVIÇO DE INFORMAÇÃO E RELAÇÕES PÚBLICAS
Gabinete de Imprensa ☎ 94 29 30 — Ext. 320/321

SIC

« (Há alunos) que vão para a escola com fome».
Roberto Carneiro, ministro da Educação

«Os pais não devem encarar a Escola como um sítio onde vão despejar as crianças».
id

«Dois terços dos emigrantes portugueses a trabalhar em Espanha desejam regressar a Portugal».
Eloy Garcia Diaz, secretário-geral da Caritas espanhola

«(A Constituição actual) é mais parecida com as constituições dos partidos do Pacto de Varsóvia».
Rui Machete, PSD

«(O CDS) tem condições privilegiadas para fazer a revisão constitucional».
Nogueira de Brito, CDS

«Existe um clima de pressão (sobre o PS) (...) porque dele depende a formação da maioria necessária à revisão constitucional».
Jorge Lacão, PS

«(A carga ideológica da Constituição) deve ser pesada à luz da forma como a Constituição nasceu»
João Amaral, PCP

«A África constitui factor decisivo da vitória ou derrota na luta pelo domínio do Mundo, que se vem travando entre a URSS e os EUA».
Joaquim Silva Cunha, ministro do Ultramar de Salazar

«A que critério obedeceu a abertura da consulta internacional para exploração da Setenave, e quais as verdadeiras intenções do Governo?».
comunicado do PS/Setúbal

«O sonho de um Alentejo verde, fecundo, produtivo e rico está porventura ao alcance da nossa vontade».
Mário Soares

«É imperioso que se amplie e profunde a cooperação e o diálogo entre todos os órgãos de soberania, a administração central e o poder local, no respeitante à temática alentejana»
id

Diálogo em Mértola:

Jovem: *«Você aceita um cumprimento de um anarquista?»*
Soares: *«Então não, eu também sou um bocado...»*

Mário Soares no Alentejo

DE MÉRTOLA EMPOBRECIDA E DESERTIFICADA AS GRANDES EXPECTATIVAS DO ALQUEVA

Augusto Vilela
Enviado especial

Pela primeira vez desde a sua chegada ao Alentejo, Mário Soares referiu-se ontem, de maneira explicita, ao projecto do Alqueva e à sua importância para o desenvolvimento do Alentejo.

Fê-lo no discurso que proferiu durante o jantar com autarcas do distrito e depois de um dia em que pôde observar as riquezas históricas de Mértola, a rica herança islâmica ali deixada, mas também a pobreza e desertificação ali bem patentes no facto deste concelho ter perdido, entre 1930 e 1985, mais de metade da sua população, passando de 25.512 habitantes para 11.300. E também depois de ter sobrevoado, de helicóptero o Pomarão e a mina de S. Domingos, um caso chocante de abandono e exemplo bem expressivo daquilo que acontece quando um país entrega as suas riquezas naturais a interesses estrangeiros e também um aviso aos governos em relação às pirites alentejanas, Neves Corvo e outras jazidas mineiras.

Para o Presidente da República, a questão da irrigação das terras apresenta-se como «uma prioridade principal» e constitui a condição «sine qua non» para um desenvolvimento acelerado da região e do País.

«Julgo que o Alqueva», afirmou Mário Soares-, «poderá vir a representar, a breve prazo, a resposta, há tanto tempo esperada, dos anseios legitimos do povo alentejano. O sonho de um Alentejo verde, fecundo, produtivo e rico está, porventura, ao nosso alcance».

Mário Soares salientou que a região Alentejana, com os seus problemas próprios e específicos, carecem do empenhamento «concreto» de todos os que detêm responsabilidades públicas, e disse ser por isso, imperioso «que se amplie e aprofunda a cooperação e o diálogo entre todos os órgãos de soberania, a administração central e o Poder Local, no que respeita a temática alentejana»...

O Presidente da República abordou, ainda, a questão da revisão constitucional, lembrando que ela será um momento decisivo na manifestação da solidariedade do País para com as suas partes mais esquecidas, pobres e sujeitas aos custos de situações geográficas de periferia e interioridade. Manifestou-se segundo de que os deputados eleitos pelo círculo do Alentejo, «farão ouvir a sua voz esclarecida e conhecedora na defesa dos interesses legítimos do povo Alentejano, contribuindo para assegurar uma regionalização que terá de se concretizar com prudência, equilíbrio, sentido das realidades e auscultando o sentir das populações, ouvindo nomeadamente os autarcas por eles livremente escolhidos».

Disse esperar que a próxima revisão constitucional «constitua ocasião propícia para um diálogo descomplexado e responsável entre todos os partidos representados no Parlamento, com vista a que se obtenha um consenso sobre os grandes temas da vida nacional, alguns dos quais tocam especialmente o Alentejo».

Mértola descobre o seu passado

A visita a Mértola constituiu o aspecto mais importante do programa do dia de ontem e proporcionou, não só ao Presidente da República como aos jornalistas e convidados que o acompanhavam, o contacto com uma realidade e um trabalho cultural que não tem paralelo no País, considerados os escassos recursos disponíveis para o efeito.

Tudo parou naquela vila sobranceira ao Guadiana, adormecida no tempo e na contemplação do seu passado histórico.

A população veio para a rua esperar o Presidente, encheu o Salão Nobre da Câmara Municipal para a habitual cerimónia de boas-vindas e depois acompanhou-o numa demorada visita aos principais pontos de referência históricos.

O dr. Cláudio Torres, historiador que deixou a sua carreira de professor na Faculdade de Letras de Lisboa para se instalar em Mértola, como arqueólogo e investigador, foi o guia.

Acompanhado também por Brás Mimoso, do Instituto Português do Património Cultural, e Almeida Fernandes, do Instituto do Ambiente, Mário Soares não parou de encontrar surpresas.

A primeira no museu onde encontrou uma colecção de cerâmica islâmica que é das mais ricas que se podem encontrar em qualquer parte do mundo. Esta colecção vai ser exposta em Lisboa, na Gulbenkian, por ocasião do IV Congresso de Cerâmica Medieval do Mediterrâneo Ocidental, de 16 a 22 de Novembro. Dela fazem parte peças únicas no mundo e existem peças que não se encontram no Louvre ou British Museum.

Tudo isto recolhido e restaurado em Mértola por equipas de jovens que desde há cerca de oito anos ali trabalham periodicamente sob a orientação do dr. Cláudio Torres.

O espanto e surpresa de Mário Soares foi total quando teve conhecimento dos escassos meios com que tudo aquilo tinha sido feito: apenas com magros subsídios da Câmara.

Perante esta realidade, o responsável do património cultural presente, ali mesmo prometeu um apoio mais substancial para breve.

A surpresa não foi menor na visita ao castelo, face às escavações realizadas e que têm permitido recolher um espólio valiosíssimo. Ali estão presentes as marcas de várias civilizações e dos invasores que por aqui passaram ou se estabeleceram ao longo dos séculos.

O trabalho de campo permitiu já descobrir o antigo «forum» romano com ocupação islâmica e um cripto-pórtico, do século III ou IV, que servia de suporte ao «forum». Aí foram também descobertos 18 esqueletos de soldados berberes.

Na torre de menagem do castelo encontra-se o núcleo visigótico do Museu de Mértola.

Soares visitou depois a mesquita do século XII, única existente no País e de que restam ainda em estado puro as paredes exteriores e os arcos interiores. Visitou ainda o Centro de Estudos Medievais Islâmicos, instalado no antigo edifício da Câmara Municipal, onde são feitos os trabalhos de investigação e restauro.

Todo este espólio, e o muito que há ainda por descobrir, atestam o rico passado histórico de Mértola, outrora uma cidade importante: pelo Guadiana subiam os barcos que transportavam, para o Mediterrâneo, vinhos, cereais, minérios e outros produtos do interior alentejano. E foi, também, durante algum tempo, capital de um pequeno reino.

Hoje é a imagem do tempo parado.

Desenvolvimento e subdesenvolvimento

Ainda no concelho de Mértola, Mário Soares visitou a Cooperativa Agrícola do Guadiana, que integra 140 agricultores, distribuídos por 75 localidades, cobrindo praticamente todo o distrito de Beja. Esta cooperativa tem em curso um programa de reconversão agrícola com financiamentos comunitários, no valor de três milhões de contos — um milhão de contos será investido pelos agricultores o restante suportado pelos referidos fundos.

Este projecto visa o abandono das explorações extensivas de cereais, pouco rentáveis numa terra de fracas aptidões agrícolas, substituindo-as pela tremocilha e, paralelamente a isso, o desenvolvimento da criação de gado ovino.

Quando o projecto estiver completado, a cooperativa poderá vir a ter efectivos de cerca de 200 mil ovelhas, o que permitirá colocar carne de borrego no mercado a preços mais baixos e um aproveitamente integral das peles e lãs.

Dali, Soares seguiu para o Pomarão. Sobrevoou de helicóptero esta antigo terminal mineiro e a mina de S. Domingos.

Toda esta zona é uma imagem de degradação e não será exagero classificá-la mesmo como um enclave de tipo colonialista.

Quando a empresa estrangeira concessionária e proprietária abandonou a exploração, em 1966, alegando falta de rentabilidade, retirou dali tudo quanto tinha algum valor. Tudo quanto era ferro e outros metais foi vendido.

No desemprego e na miséria ficavam centenas de mineiros e respectivas famílias. A situação atenuou-se alguns anos depois, através daqueles que conseguiram emigrar ou cujos filhos entretanto saíram também e puderam ajudar os pais.

Mas o que ali se pode encontrar é uma imagem humilhante. Muitos anos depois, tudo é da empresa da mina. A barragem, as casas, os terrenos... Não se pode construir isto, não se pode fazer aquilo, porque... é da mina.

Esta situação arrasta-se há anos sem que nenhum governo tenha tido a coragem ou a iniciativa de a encarar de frente. Mas há muito mais a recear. Com a onda de liberalismo que por aí ainda e a febre de especulação, não tardará muito que o domínio da mina se alargue. Cada vez é maior o número de estrangeiros que se tornam proprietários de terras nesta zona. O fenómeno do Algarve, embora com outras características já está a chegar aqui. Na margem direita do Guadiana ainda há pouco tempo podiam ver-se cartazes onde se lia «for sale».

Como última parte do programa da tarde, Soares visitou ainda, no Museu D. Leonor, uma exposição sobre Mariana de Alcoforado.

Mota Amaral convida Soares

O chefe do executivo açoriano formaliza sexta-feira um convite para que o Presidente da República, Mário Soares, se instale, temporariamente, nos Açores no decurso do próximo ano. Um informador do gabinete de Mota Amaral referiu que o convite é formalizado numa audiência que o chefe de Estado concede, em Beja, ao presidente do Governo Regional dos Açores.

Ser ou não ser anarquista

À saída da sessão solene nos Paços do Conselho de Mértola, um jovem acercou-se do Presidente e perguntou-lhe: «Você aceita um cumprimento de uma anarquista?»

A tal pergunta, Soares foi lesto na resposta» «Então não, eu também sou um bocado...»

Mas o termo «anarquia» esteve também presente noutra frase do Presidente, quando o arqueólogo Cláudio Torres lhe comunicou o projecto de transformação da antiga prisão da vila em Biblioteca Municipal.

«Transformar prisões em bibliotecas é um velho sonho dos anarquistas», disse o Presidente.

Outra curiosidade sucedeu quando Soares, ao indagar o nome a uma criança, esta disse que se chamava Nelson.

Perante a estupefacção da criança, o Presidente disse-lhe: «Foi um grande almirante».

PCP apelida privatizações em curso de "expedientes fraudulentos"

A Comissão Política do PCP considerou, em nota ontem divulgada, que a «ofensiva em curso» no sentido da privatização de empresas públicas infringe os «valores básicos» da Constituição, «cujo conteúdo essencial se encontra—refere a nota—garantido pelo artigo 290, realativo aos limites materiais da revisão constitucional».

Segundo aquele orgão dirigente do PCP, existe ainda uma «manifesta inconstitucionalidade» e também «grave irregularidade institucional» nas acções e medidas anunciadas pelo Executivo com o objectivo de «preparar e consumar» desnacionalizações de empresas públicas ou de elementos fulcrais do seu património, «antes de qualquer revisão e fora dos limites a que está sujeita qualquer revisão do texto fundamental».

Consideram, por outro lado, os comunistas ser necessário «combater concepções que se têm vindo a expandir, segundo as quais seria constitucional facultar ao capital privado a propriedade, titularidade de capital social ou gestão de empresas directamente nacionalizadas, através da violação do seu estatuto por transformação em empresas mistas com participação do capital privado até 49 por cento».

«Expediente de cunho marcadamente fraudulento», eis como classifica a Comissão Política do PCP tais concepções, citando para o efeito os artigos 83, 85(nº3) e 89(nº2) da Constituição.

O Governo é acusado ainda de recurso a «sofismas» para «empolar e distorcer» o valor dos prejuízos de algumas empresas públicas e das suas relações financeiras com o Orçamento do Estado «pelo recurso ao artifício da capitalização para valores de 1987» e «escamoteando, por outro lado, os elevados lucros das empresas públicas do sector financeiro» e gerando «confusão propositada entre subsídios efectivos, indemnizações compensatórias pela prestação de serviços públicos a preços inferiores aos custos e participações de capital para a realização de investimentos, entre outros».

A nota refere ainda a omissão «fraudulenta», pelo Governo, das «causas reais» e dos «responsáveis» pela situação económica e financeira actual de muitas empresas públicas e a sua «utilização» também pelo Executivo como «instrumento de políticas conjunturais» ou de práticas de gestão «a favor do grande capital privado».

Num debate sobre revisão constitucional

PSD E CDS DEFENDEM REFERENDO

O recurso ao referendo político em questões de importância nacional foi ontem à noite defendido por representantes do PSD e do CDS, durante um debate sobre revisão constitucional. À excepção do PRD, todos os partidos com assento na Assembleia da República se fizeram representar, não através dos respectivos líderes parlamentares como estava previsto, mas por outros deputados.

Em nome do CDS, único partido que até agora apresentou um projecto de revisão constitucional, Nogueira de Brito considerou que a Constituição deve prever a existência de leis orgânicas, aprovadas com um número de votos superior a uma maioria de dois terços.

Depois de afirmar que o seu partido «tem condições privilegiadas para fazer a revisão constitucional», o dirigente centrista criticou os partidos que, em seu entender, a pretendem utilizar «como moeda de troca», não a valorizando em si.

Também Jorge Lacão, do PS, referiu a necessidade de a Constituição prever a aprovação, por uma maioria de dois terços, das leis que «são estruturadoras do sistema político», a que chamou leis para–constitucionais.

O mesmo deputado afirmou que «existe um clima de pressão» sobre o seu partido, clima esse que «é natural porque dele depende a formação da maioria necessária à revisão constitucional». Lacão defendeu o reforço do papel do Parlamento na vida política portuguesa e a introdução da moção de censura construtiva.

«Uma mistificação organizada», eis como qualificou João Amaral, (PCP), o processo gerado à volta da revisão constitucional. Para este deputado, a carga ideológica da Constituição «deve ser pesada à luz da forma como a Constituição nasceu» e que ela «não tem um texto que seja património de qualquer formação política». Isto porque, prosseguiu, quando o Texto Fundamental se refere à socialização dos meios de produção, fá–lo «num contexto concreto, de génese histórica».

O projecto de alteração da Lei Orgânica do Parlamento e o de alteração do Regimento da Assembleia da República apresentados pelo PSD são, para João Amaral, «tentativas de esmagamento da Oposição».

A «natureza compromissória particular» da nossa Constituição foi focada por Rui Machete, (PSD), para quem há «dois princípios» que a ela presidem: «um princípio democrático e um princípio colectivista/marxista, o qual está caduco em muitos aspectos».

Segundo este deputado social–democrata, ele próprio um dos redactores do projecto de revisão constitucional do seu partido, «o princípio colectivista/marxista/socialista só é realizável na medida em que a vontade do povo é que cheguemos a uma sociedade sem classes», o que tem sido demonstrado nem pelos resultados eleitorais, nem pela prática dos partidos.

Rui Machete sublinhou a necessidade de «dotar o país de normas jurídico–constitucionais capazes de gerar o maior consenso» e que «tenham em conta que Portugal é um país da Europa ocidental, integrado na CEE», afirmando que a actual Constituição «é mais parecida com as constituições dos países do Pacto de Varsóvia».

O representante do PSD negou qualquer preocupação do seu partido em introduzir na revisão constitucional normas que «eternizem» a sua maioria absoluta.

PSD/Madeira

O grupo parlamentar do PSD na Assembleia Regional da Madeira entregou ontem uma proposta de alteração ao estatuto político em vigor desde 1976, visando mudar a Lei Eleitoral

Segundo so serviços de Imprensa do Parlamento Refional, a proposta dos social–democratas visa a alteração das disposições estatutárias que estabelecem o número de eleitores recenceados e necessários à eleição dos mandatos regionais.

A proposta é fundamentada em argumentos de «racionalidade na representação parlamentar, critério mais significativo da vontade do povo madeirense».

A vigência do Estatuto Provisório, elaborado e aprovado em 1976, impede a alteração da Lei Eleitoral regional, apesar de terem sido apresentadas três propostas (PSD, PS e CDS) nesse sentido.

A comissão de Política Geral da Assembleia Regional tinha decidido segunda–feira suspender a discussão das propostas até à alteração do estatuto, cujo pedido foi agora formulado junto da Mesa do Parlamento pelo partido maioritário na região.

CONSTRUTORA DO TÂMEGA, SA
EMPREITEIROS DE OBRAS PÚBLICAS E CONSTRUÇÃO CIVIL

UMA O.P.V. DIFERENTE

Na Oferta Pública de Venda que se realiza no próximo dia 2 de Novembro, na Bolsa de Valores do Porto, **2/3 das acções a alienar (196 800) são acções próprias,** pelo que o resultado da Operação reverterá para a Empresa destinando-se ao seu projecto de investimento.

A CONSTRUTORA DO TÂMEGA **distribuirá a título de dividendos um mínimo de 25 % dos resultados líquidos** previstos para o final do exercício (453,6 mil contos) acrescidos do montante da O.P.V., que, no caso, será de pelo menos 1,5 milhões de contos.

A Empresa, ainda este ano, vai aumentar o seu capital por incorporação de reservas (400 mil contos) e subscrição reservado aos accionistas.

Isabel Lisboa

Para os Amantes da Música e da Imagem
Os Espaços Technics e Panasonic

Na Lartécnica 87, reservámos para si, amante da música e da imagem, locais onde pode aperceber-se da superior qualidade de Technics e Panasonic, marcas-padrão no campo das aparelhagens de som e video.
Technics é para quem o ouvir música não é questão de aumento do volume de som, mas a possibilidade de atingir toda a riqueza de uma interpretação.
Panasonic é para quem o uso do televisor ou do video-gravador não é questão de ver «mais ou menos», mas obter a imagem mais definida possível. E, para quem ouvir rádio, «cassettes» ou discos compactos num automóvel é acto de exigência.

É, portanto, para si, amante da música ou da imagem, que estamos na FIL-Lartécnica 87, «stand» 402.

Fil Lartécnica

ONDE TAMBÉM MOSTRAMOS E DEMONSTRAMOS RÁDIOS • RÁDIOS GRAVADORES • CALCULADORAS • FERROS ELÉCTRICOS • MÁQUINAS DE BARBEAR • ASPIRADORES • PILHAS • PANELAS E MICROONDAS ***PANASONIC.***

Panasonic

Equipamento video patrocinador mundial dos Jogos Olímpicos de 1988

MKM markimage

REPRESENTANTE
sonicel s.a.

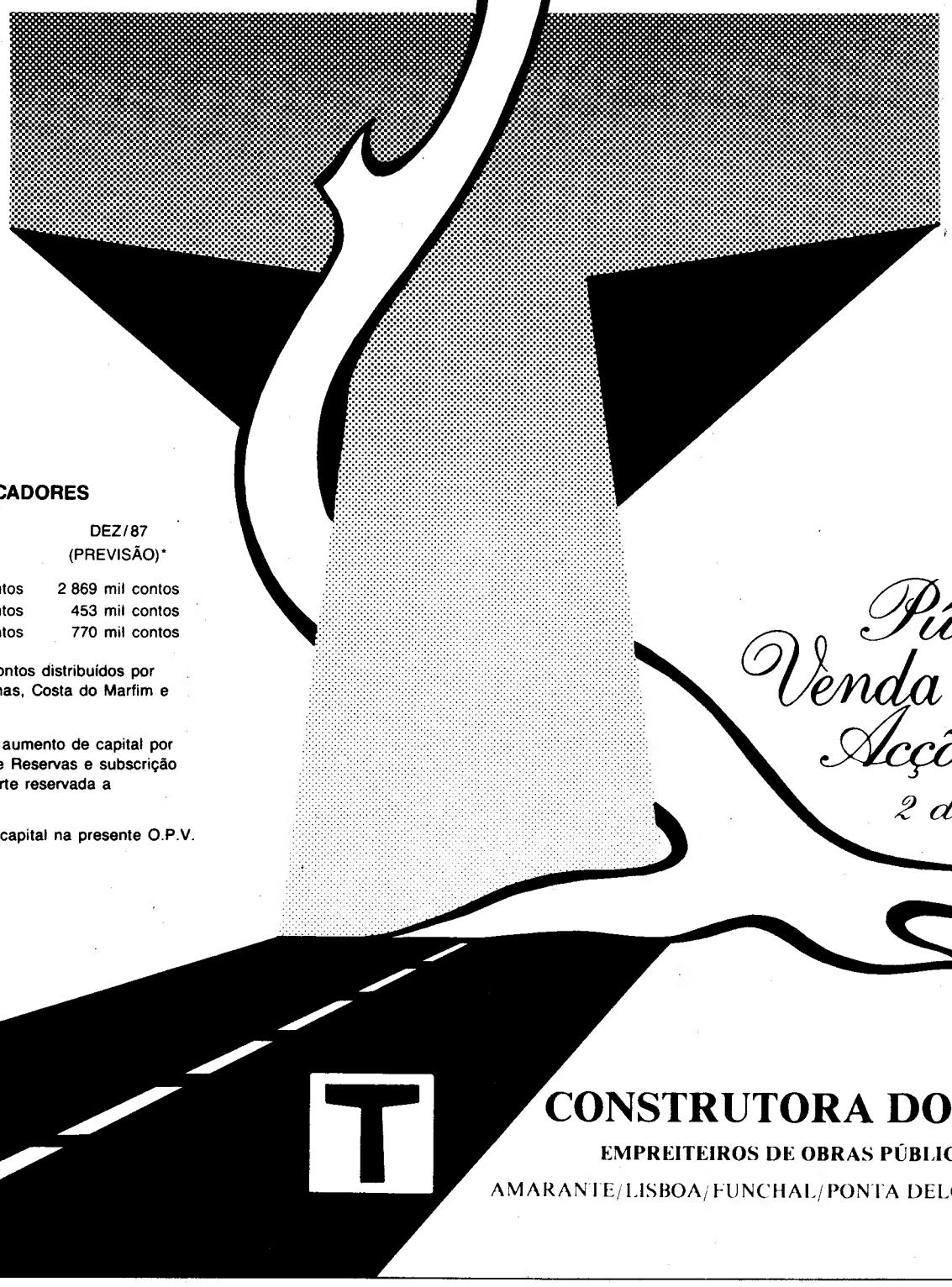
LISBOA — Av. 5 de Outubro, 108 PORTO — R. de Camões, 726-734 · FARO — Largo do Sol-Posto, 1 e 2

A Confiança cresce em sólidos muros!

Ao longo de cinquenta anos construímos Obras Públicas em 7 países, alicerçados na experiência, e renovação tecnológica.

Conquistámos mercados, ampliámos a nossa capacidade de realização, criámos confiança!

Hoje, baseados numa equipa sempre actualizada e experiente, fortalecemos a confiança em nós depositada...



PRINCIPAIS INDICADORES

	JUN/87	DEZ/87 (PREVISÃO)*
Capitais Próprios	2 702 mil contos	2 869 mil contos
Resultados Líquidos	286 mil contos	453 mil contos
Cash Flow	439 mil contos	770 mil contos

Actividade — 9 milhões de contos distribuídos por Continente e Ilhas, Costa do Marfim e Moçambique

Aumento de Capital — Está previsto o aumento de capital por Incorporação de Reservas e subscrição pública com parte reservada a accionistas

* Sem ter em conta a alienação do capital na presente O.P.V.

Oferta Pública de Venda de 300.000 Acções

2 de Novembro

Isabel Lobinho

CONSTRUTORA DO TÂMEGA,SA

EMPREITEIROS DE OBRAS PÚBLICAS E CONSTRUÇÃO CIVIL

AMARANTE/LISBOA/FUNCHAL/PONTA DELGADA/MAPUTO/ABIDJAN

Igreja Velho-Católica: missa nos Alunos de Apolo

EM VEZ DE TANGO HINOS AO SENHOR

Os jornalistas estiveram para ser expulsos do «templo» em que se transformou, na noite de ontem, a sala de dança dos Alunos de Apolo. Mas António Raposo, padre e bispo da Igreja Velho-Católica, aproveitou a presença da Imprensa na celebração da missa daquela seita para dizer «algumas verdades». Presente o arcebispo primaz do Canadá, monsenhor Reiner, e muito povo em vez de dançar o tango deu as mãos e cantou hinos ao Senhor.

Monsenhor Reiner, do Canadá, e o bispo António Raposo celebram missa na Sociedade Filarmónica Alunos de Apolo

O ambiente era de cortar à faca, e todos olhavam os profissionais da Comunicação Social com alguma desconfiança. Um vespertino da capital referira ontem que o Patriarcado havia emitido uma nota, datada de 21 de Setembro último, na qual se afirmava que António Raposo «vem exercendo celebrações de carácter religioso, sobre cujo valor muitos fiéis são induzidos em erro, pensandotratar-se de cerimónias litúrgicas aprovadas», e devido a isso, lê-se ainda, «O Patriarcado julga-se na obrigação de esclarecer que o dito senhor não é sacerdote católico».

A nota acrescentava que os fiéis, assim advertidos, que «participarem em tais celebrações manifestam que não estão em comunhão com a Igreja, privando-se do direito de receberem os sacramentos». Para esclarecimento dos leitores que desconhecerem a história da Igreja Velho-Católica, sinalizemos apenas que a sua constituição foi o resultado de um cisma no interior da Igreja Católica, o século passado, contra o dogma da infanlibilidade papal.

A Igreja Velho-Católica portuguesa teve ligações estreitas com as Igrejas ecuménicas Anglicana, Lusitana, Presbiteriana e outras, consideradas seitas protestantes. Mas em 1970 um novo cisma afastou os velhos-católicos do Conselho Ecuménico das Igrejas, por não concordarem com a ordenação das mulheres. Por tudo isso, o bispo António Raposo insistiu ao repórter do «DL», terminada a missa: «Nós somos católicos e não vamos desistir: é nossa decisão firme não recuar perante ameaças.»

«Inquisição ainda não acabou»

O arcebispo primaz do Canadá daquele grupo religioso fez, a propósito, uma observação dura, durante a sua intervenção: «Não tive pressa de vir a Portugal porque tinha a impressão de que a Inquisição já havia terminado. Mas afinal estava enganado: não há liberdade religiosa no vosso país.» De seguida, monsenhor Reiner testemunhou pessoalmente que António Raposo foi ordenado bispo por si: «Vocês são bem-vindos, porque o homem que está a meu lado é um sacerdote.»

Depois de invectivar as contas bancárias do Vaticano e o arcebispo Marcinkus, o religioso canadiano disse: «Há 60 Igrejas em todo o mundo, mas a Igreja de Roma tenta silenciá-las porque tem medo que as pessoas vão lá.» Foi a deixa para o bispo António Raposo: «Não temos medo do cardeal-patriarca e dos reitores de seminários. Em vez de nos virem incomodar deviam era obrigar os padres caloteiros a pagar as contas que devem e aos que abusam das mulheres na sacristia, destruindo casais, deviam castigá-los por isso.»

«Seria melhor que os pais fossem como José e Maria e os jovens como Jesus de Nazaré», cantavam os fiéis. E o bispo português revelava, apontando para um ponto indefenido da sala: «Estão aqui espiões mandados pelo cardeal-patriarca.» E dizia: «Há muitos bispos que em vez de estarem com Jesus estão com Satanás. Cristo está rodeado de Judas vestidos com vestes cardinalícias e cheios de dólares, enquanto há crianças a morrer de fome nos bairros da lata.»

António Raposo já foi apontado como autor de «milagres» e, durante a missa, não deixou de se referir ao assunto: «Não sou eu que curo, mas Jesus. Nós somos apenas os seus canais.» Subiu então ao palco dos Alunos de Apolo uma mulher: o pai havia sofrido um acidente cardiovascular, acompanhado com edema pulmonar e trombose. Os médicos desenganaram-na: «Pedi ao padre António para rezar por ele. Este sábado o meu pai já foi ao café sozinho.»

E, para os jornalistas presentes verem, o bispo velho-católico pediu: «As pessoas que já foram curadas estendam os braços». Levantaram-se seis ou sete, o que sugeriu este comentário a António Raposo: «A Igreja Católica não tem o monopólio do Espírito Santo.»

No fim, e antes da imposição das mãos, prometeu: «Fiz aqui algumas acusações, mas omiti nomes. Se mandarem mais uma nota do Patriarcado então ponho tudo cá para fora.» Entre os crentes, um jovem dobrava-se com vómitos — tinha medo que fizessem mal ao sacerdote.

REP

Imposição das mãos: «Há espiões do cardeal-patriarca entre nós»

CONSTRUTORA DO TÂMEGA, SA

EMPREITEIROS DE OBRAS PÚBLICAS E CONSTRUÇÃO CIVIL

Oferta Pública de Venda de 300.000 Acções

2 de Novembro

1. Realizar-se-á no próximo dia 2 de Novembro pelas 10.30 horas, na Bolsa de Valores do Porto, uma sessão especial de bolsa, destinada à venda de 300 000 acções ao portador de valor nominal de 1000$00 cada, da CONSTRUTORA DO TÂMEGA, S.A., nas seguintes condições:

1.1. O valor mínimo de alienação é de Esc. 6 500$00 por acção.

1.2. As ordens de compra deverão respeitar os seguintes requisitos:
– Só serão aceites ordens de compra de 10 ou múltiplos de 10 acções;
– O preço unitário oferecido para cada uma das ordens de compra, deverá ser divisível por 100$00 e sempre igual ou superior ao preço mínimo fixado;
– As ordens de compra deverão indicar as quantidades pretendidas e os preços por elas oferecidos, não sendo aceites ordens ao melhor;
– O pagamento deverá ser efectuado a contado, nos termos do art. 60 do Decreto-Lei n.º 8/74, de 14 de Janeiro;
– As ordens de compra deverão ser transmitidas aos correctores adstritos à Bolsa de Valores do Porto até ao dia útil anterior ao da realização da sessão especial.

1.3. A satisfação das ordens de compra será efectuada do seguinte modo:
– Por ordem decrescente dos preços oferecidos, começando pelos preços mais elevados, até se esgotarem as 300 000 acções;
– Todas as ordens satisfeitas, sê-lo-ão pelo preço oferecido;
– Caso as ordens de compra ao último preço aceite excedam a quantidade disponível, proceder-se-á a rateio proporcional às quantidades pretendidas.

1.4. Não existem regras de preferência estatutária a observar.

2. As acções da CONSTRUTORA DO TÂMEGA, S.A., não estão ainda admitidas à cotação, tendo, no entanto, a empresa já solicitado a admissão simultânea nas Bolsas de Valores do Porto e de Lisboa.

3. A alienação das 300 000 acções da CONSTRUTORA DO TÂMEGA, S.A., a que se refere o presente anúncio, está assegurada, ao preço de 6 500$00 por um Sindicato Bancário, constituído pelas seguintes instituições:
– UNIÃO DE BANCOS PORTUGUESES
– BANCO PORTUGUÊS DO ATLÂNTICO

4. Os elementos referentes à empresa, designadamente os Estatutos, Relatório, Balanço e Contas dos exercícios de 1984, 1985 e 1986, bem como o prospecto informativo, podem ser consultados na sede da CONSTRUTORA DO TÂMEGA, S.A., Rua Cândido dos Reis, 171 – Amarante ou nos escritórios de Lisboa, Av. Defensores de Chaves, 41 - 2.º – 1000 Lisboa, ou ainda na Secretaria da Bolsa de Valores do Porto.

Das 300 000 acções a alienar na presente O.P.V., 196 800 acções são da própria empresa.
Brevemente a CONSTRUTORA DO TÂMEGA, S.A. irá realizar um aumento de capital por incorporação de reservas (400 000 contos) e subscrição pública com parte reservada aos accionistas.

Operação liderada por:

BPA

BANCO PORTUGUÊS DO ATLÂNTICO

CONSTRUTORA DO TÂMEGA, S.A.
Sede: Rua Cândido dos Reis, 171 — AMARANTE
Escritórios: Av. Defensores de Chaves, 41 - 2.° — 1000 LISBOA

Isabel Lobinho

TROIA

III FESTIVAL INTERNACIONAL DE CINEMA

TROIA
31 Outubro/8 Novembro 1987
COSTA AZUL PORTUGAL

30 de Outubro

Sala Estúdio 13

24h00 – **THE ASSAULT**, de Fons Rademakers (EUA)

31 de Outubro

Sala Estúdio 13

14h15 – **OLHOS NEGROS**, de Nikita Mikhalkov (Itália-URSS)
16h00 – **THE GLASS MENAGERIE**, de Paul Newman (EUA)
18h00 – **84, CHARING CROSSROAD** (LEVA-Inglaterra
21h15 – **MADRID**, de Basilio Patino (Espanha)

Sala B

14h15 – **ZEIT DER STILLE**, de Thorsten Näter (RFA)
16h00 – **JÚLIA EM OUTUBRO**, de Silvio Soldini (Itália)
18h00 – **PARECE MORTO MAS ESTÁ APENAS DESMAIADO**, de Felice Farina (Itália)
21h15 – **A THOUSAND CRANES**, de Brian Kahn (EUA)

1 de Novembro

Sala Estúdio 13

10h15 – **FASIA**, de Re Karen (RFA)
THE SPIRAL DANCE, de Harry Gordon (EUA)
14h15 – **A BORBOLETA NA GAIOLA**, de Luís Filipe Costa (Portugal)
BUDAWANNY, de Bob Quinn (Irlanda)
16h00 – **POISSONS**, de Pierre Maillard (Suíça)
18h00 – **ROCINANTE**, de Ann e Eduardo Guedes (Inglaterra)
21h15 – **ARREPENDIMENTO**, de Tenguiz Abuladze (URSS)

Sala B

10h15 – **PERVOLA**, de Orlow Seunke (Holanda)
14h15 – **L'ANTICOSTE**, de Bernard Gosselin (Canadá)
16h00 – **AMIGO PARA OS INIMIGOS, INIMIGO PARA OS AMIGOS**, de Nikita Mikhalkov (URSS)
18h00 – **FORA DO DIA**, de Paolo Bologna (Itália)
21h15 – **EMINE**, de Omer Kavur (Turquia)

2 de Novembro

Sala Estúdio 13

14h15 – **LOYALTIES**, de Ann Wheeler (Canadá)
16h00 – **DANILO TRELES**, de Stavros Tornes (Grécia)
18h00 – **DIE PAPIERENE BRÜCKE**, de Ruth Beckermann (Áustria)
21h15 – **TOLERÂNCIA**, de Pal Erdoss (Hungria)
24h00 – **ANGÚSTIA**, de Bigas Luna (Espanha)

Sala B

10h15 – **ABBATOIRS**, de Thierry Knauff (Bélgica)
WITH THESE HANDS, de Chris Sheppard e Claude Sauvageot (Inglaterra)
UMA ALDEIA DA SERRA AMARELA, de João Soares Tavares (Portugal)
14h00 – **HISTOIRE D'UN SORT**, de Ylan Flammer (França)
PAYSANS DU FLEUVE, de Djingarey Maïga (Nigéria)
16h00 – **PEÇA INCOMPLETA PARA PIANO MECÂNICO**, de Nikita Mikhalkov (URSS)
18h00 – **MES ENLLÁ DE LA PASSIÓ**, de Jesus Garay (Espanha)
21h15 – **YUSUF E KENAN**, de Omer Kavur (Turquia)

3 de Novembro

Sala Estúdio 13

14h15 – **PARTISANS OF VILNA**, de Josh Waletzky (EUA)
16h00 – **A TOCA DO LOBO**, de Vera Chytilova (Checoslováquia)
18h00 – **EL CLANDESTINO**, de Fernando Perez (Cuba)
21h15 – **A FRONTEIRA DAS ALMAS**, de Hermano Penna (Brasil)

Sala B

10h15 – **SECRETOS EN EL MONTE DE LOS OLVIDADOS**, (Argentina)
ESPERANZA, de Chano Piñeiro (Espanha)
WHITETAILS: CREATURES OF THE WOODS, de Jim Couch e Becky Marshall (EUA)
14h00 – **OS SINOS DE CHERNOBYL**, de R. Serguienko (URSS)
16h00 – **SEM TESTEMUNHAS**, de Nikita Mikhalkov (URSS)
18h00 – **VIAGEM NA CIDADE**, de Egidio Eronico (Itália)
21h15 – **UMA HISTÓRIA DE AMOR TRISTE**, de Omer Kavur (Turquia)

4 de Novembro

Sala Estúdio 13

14h15 – **TECTOS NA MADRUGADA**, de Janos Domolky (Hungria)
16h00 – **THE RIVERBED**, de Rachel Reichman (EUA)
18h00 – **LA NOCHE DE LOS LAPICES**, de Hector Olivera (Argentina)
21h15 – **SES**, de Zeki Okten (Turquia)

Sala B

10h15 – **EAU GANGA**, de Velu Viswanadham (Índia-França)
14h15 – **RITA, SUE AND BOB TOO**, de Bob Clark (Inglaterra)
16h00 – **MI GENERAL**, de Jaime de Armiñan (Espanha)
18h00 – **VENDADA**, de Omer Kavur (Turquia)
21h15 – **ENGANOS**, de Luigi Faccini (Itália)
PROGRAMA ROY LEKUS (França)

5 de Novembro

Sala Estúdio 13

14h15 – **EXIT EXIL**, de Luc Nonheim (França)
16h00 – **MAGDALENA VIRAGA**, de Nina Menkes (EUA)
18h00 – **BELL DIAMOND**, de Jon Jost (EUA)
21h15 – **DUST IN THE WIND**, de Ho Hsao-Hsien (República da China)
PROGRAMA ROY LEKUS (França)

Sala B

10h15 – **EASTER IN IGLOOLIK**, de Paulle Clarck e Robert Fresco (Canadá)
BAY OF DOLPHINS, de Jack Mckenny (EUA)
THE REBIRTH OF WHITEWOOD CREEK, de Doug Sharples (EUA)
14h15 – **EN NOMBRE DE DIOS**, de Patricio Guzman (Espanha)
16h00 – **CINCO NOITES**, de Nikita Mikhalkov (URSS)
18h00 – **ESTRADA DO DESESPERO**, de Omer Kavur (Turquia)
21h15 – **QUERIDISIMOS VERDUGOS**, de Basilio Patino (Espanha)

6 de Novembro

Sala Estúdio 13

14h15 – **AXILIAD**, de Witold Leszczynski (Polónia)
16h00 – **L'ESCOT**, de Tony Verdaguer (Espanha)
18h00 – **TRES POR TRES**, de Calogero Salvo (Venezuela)
21h15 – **D'APRÈS MARIA**, de Jean-Claude Robert (França)
A FIOR DI PELLE, de Gianluca Fumagalli (Itália)
24h00 – **WORKING GIRLS**, de Lizzie Borden (EUA)

Sala B

10h15 – **RESAN TILL ORION**, de Solveig Nordlund (Suécia)
DIX JOURS... 48 HEURES, de Georges Dufaux (Canadá)
14h15 – **ADEUS A MATIORA**, de Elem Klimov (URSS)
18h00 – **HOTEL MÃE-PÁTRIA**, de Omer Kavur (Turquia)
21h15 – **LOST BOYS**, de Joel Schumacher

7 de Novembro

Sala Estúdio 13

10h15 – **DAS ALTE LADAKH**, de Clemens Kuby (RFA)
A TARTARUGA MARINHA, de Ponces de Carvalho (Portugal)
14h15 – **WISH YOU WERE HERE**, de David Leland (Inglaterra)
18h00 – **LE SIXIÈME JOUR**, de Yussef Chahine (Egipto)
21h15 – **ANAYURT OTELI**, de Omer Kavur (Turquia)
24h00 – **MEPHISTO FUNK**, de Marco Poma (Itália)

Sala B

14h15 – **MARTHA L'IMORTELLE**, de Pierre Gang (Canadá)
16h00 – **LE DERNIER HAVRE**, de Denyse Benoit (Canadá)
18h00 – **LE REVE DE VOLER**, de Hellen Doyle (Canadá)
21h15 – **UNCOMMON SENSES**, de Jon Jost (EUA)

8 de Novembro

Sala Estúdio 13

11h00 – **CERIMÓNIA DE ENTREGA DOS PRÉMIOS**
14h30 – **WELCOME IN VIENNA**, de Axel Corti (Áustria)
16h00 – **RAT BOY**, de Sondra Locke (EUA)
18h00 – **HIMMEL UBER BERLIN**, de Wim Wenders (RFA)
21h15 – **PLIUMBUM**, de Vadim Abdrachitov (URSS)

Sala B

Dia do Cinema Espanhol

10h15 – **LAS GALINAS DEL SEÑOR**, de Alfredo Castellón Molina (Espanha)
14h15 – **TIEMPO DE SILENCIO**, de Vicente Aranda (Espanha)
16h00 – **EL GRAN SERAFIN**, de José Maria Ulloque (Espanha)
18h00 – **LUNA DE AGOSTO**, de Juan Miñon (Espanha)
21h15 – **EXTRAMUROS**, de Miguel Picazo (Espanha)

Assista à festa do cinema

... e goze o bem-estar de um ambiente invulgar que convida ao repouso do corpo e do espírito. Aproveite os preços excepcionais de alojamento **(a partir de 1375$00)** e os descontos em todos os serviços **(incluindo restaurantes)**.

E traga as crianças: nós tomamos conta delas enquanto você vai ao Cinema...

Telefone já para **TRÓIA — (065) 4 41 51/3 ou (065) 4 42 21/4**, e faça a sua reserva.

Dão 80 por cento dos casos hospitalares

MOTORIZADAS: TRAUMATOLOGIA É COM ELAS

Os acidentes de viação, sobretudo com bicicletas motorizadas, «aumentam de maneira preocupante e estão na origem de 80 por cento dos casos hospitalares de traumatologia», disse um especialista.

O chefe do serviço de ortopedia e traumatologia do Hospital de S. João, do Porto, Santos da Cunha, responsabilizou por esta situação os «ciclomotoristas que intervêm directamente nos acidentes ou são destes a causa próxima».

Este aspecto dos serviços hospitalares de ortopedia e traumatologia será objecto de análise nas sétimas jornadas ortopédicas que decorrem na aula magna da Faculdade de Medicina do Porto durante três dias, de hoje a sexta-feira.

Organizadas pelo serviço de ortopedia e traumatologia do Hospital de S. João, estas jornadas «constituem uma tentativa para proporcionar aos ortopedistas portugueses os últimos conhecimentos e as modernas técnicas de tratamento», disse Santos da Cunha.

A comissão organizadora das jornadas é constituída pelos especialistas portuenses José Oliveira, Espregueira Mendes, Santos da Cunha e Asdrúbal Mendes.

«Os problemas da cirurgia ortopédica — observou Santos da Cunha — são cada vez em maior número e mais difíceis de resolver, o que só por si revela a importância e a oportunidade desta iniciativa».

Este especialista e membro da comissão organizadora disse também que «o prolongamento da vida humana implica um acréscimo de atenção e trabalho no acompanhamento e tratamento dos idosos, que estão sujeitos a problemas e artroses e desgastes das articulações».

«Também as lesões contraídas em actividades de desporto e outras que os jovens desenvolvem nas horas de lazer se reflectem em novas e maiores exigências dos serviços de ortopedia e traumatologia» — acrescentou.

Para Santos da Cunha, «a ortopedia é uma especialidade com interesse cada vez maior, até porque tem a responsabilidade de restituir aos doentes condições de mobilidade que os tornem o menos possível dependentes dos outros».

A este propósito, sublinhou que «os doentes se sentem naturalmente felizes quando se bastam a si próprios e dispensam ajudas alheias para se deslocar».

«Há cinquenta anos, por exemplo, havia muito menos idosos e mais disponibilidades dos familiares para os transportar do que nos nossos dias» — lembrou Santos da Cunha.

Referindo-se às jornadas que hoje começam, o chefe do serviço de ortopedia e traumatologia do Hospital de S. João declarou que «um dos objectivos desta reunião é a busca de técnicas que diminuam o tempo de incapacidade e de internamento dos sinistrados e doentes».

«Retomando mais rapidamente a sua actividade — salientou — os sinistrados e os doentes suportam menos prejuízos pessoais e haverá menos custos sociais e também reduções nos encargos, com reflexos paa a própria economia nacional».

Cinco professores universitários estrangeiros participam, com comunicações, nas jornadas de ortopedia: os franceses J.H. Aubriot, A. Duquennoy e A. Musquelet, o inglês J. Goodfellow e o suíço A. Schreiber.

A sessão inaugural será presidida pelo professor Carlos Lima, director do serviço de ortopedia e traumatologia do Hospital de S. João.

Contabilista português faleceu por doença em Bissau

Em Bissau, onde era contabilista numa empresa de serviços guineense, faleceu anteontem o cidadão português António Luís Acciaioli Homem de Gouveia. Os médicos que o assistiram no Hospital Simão Mendes, naquela cidade, atribuiram a uma hemorragia cerebral a causa da morte.

António Homem de Gouveia, de 58 anos, trabalhou na Guiné-Bissau, de 1980 a 1986, como técnico cooperante do Ministério das Finanças. O extinto, cujo corpo segue para Portugal no próximo sábado, num avião da TAP, era natural do Funchal e tinha residência em Queluz.

Assaltavam estudantes no Parque do Bonfim

Dois jovens de 17 anos, foram detidos em Setúbal sob a acusação de terem assaltado vários alunos de escolas secundárias, na zona do Parque de Bonfim, a quem ameaçavam com facas e outras armas brancas.

Carlos Quinhones e José Carvalho, que ficam a aguardar julgamento, na cadeia daquela cidade, são ainda acusados, segundo a PSP de terem assaltado também naquela cidade duas senhoras a quem furtaram as carteiras pelo processo de esticão.

Um algarvio ali radicado há quinze anos

Ganhou 140 mil contos numa lotaria dos EUA

Um emigrante português, natural do Algarve, e residente nos EUA, há 15 anos, ganhou cerca de 146 mil contos (um milhão de dólares) na extracção da lotaria «Lot-o-Bucks», realizada naquele país. José dos Santos, que tem uma pequena companhia de escavações de cimento, em New Bedford, disse ao jornal «Portuguese Times» que nos seus planos imediatos, está uma deslocação à sua terra natal que já não visita há sete anos.

Casado com Maria dos Santos e pai de duas meninas (Jeanette, de 13 anos, e Christina, de oito), o nosso compatriota referiu que «parte do dinheiro será destinado à educação das filhas», acrescentndo que «também vai ajudar os familiares mais próximos e necessitados, distribuindo um pouco da fortuna ganha a cada um deles».

General Amílcar Morgado e não coronel Anjos Martins

No texto que ontem publicámos da autoria do nosso camarada de Redacção Manuel Geraldo, sob o título «Integração de oficiais do Exército é humilhante para profissionais da PSP», uma das fotografias apareceu referenciada, por lapso, de lengendagem, como sendo do coronel Anjos Martins, superintendente-geral da PSP (o 3.º cargo da hierarquia), quando afinal se tratava do general Amílcar Morgado, comandante-geral da instituição. Aos dois oficiais superiores e aos nossos leitores, as desculpas do «DL» com a necessária rectificação.

"Correios" norte-americanos passam droga por Portugal

O promotor de Justiça do condado norte-americano de Bristol, Ronald Pina, revelou ao jornal «Portuguese Times» ter estado em Portugal no Verão passado para tentar obter informações sobre o tráfico de droga entre o nosso país e os EUA, proveniente de países da América do Sul, designadamente Colômbia e Brasil.

«A droga — acrescenta o jornal — é levada para os Estados Unidos por 'correios' que por virem de Portugal, país que não é produtor de drogas, levantam menos suspeitas às autoridades alfandegárias e policiais norte-americanas.»

Afirmado em debate em Bragança

Há 75 mil portugueses fixados em Espanha

A Cáritas Portuguesa e a Espanhola, a Obra Católica Portuguesa de Migrações e a Obra Portuguesa dos Ciganos debateram em Bragança a problemática da emigração clandestina para Espanha.

«Segundo as investigações recentemente realizadas em Espanha, são mais de 75 mil os portugueses a viver naquele país, dos quais cerca de 30 por cento estão em situação ilegal», referiu o secretário-geral da Cáritas de Espanha, Eloy Garcia Diaz.

No encontro, que decorreu ontem no Hotel Bragança, tomaram ainda parte o bispo da diocese, D. António Rafael, o governador civil, Manuel Bento, delegado do Instituto de Trabalho, Coordenação Distrital da Educação de Adultos, Guarda Fiscal e outras instituições e organismos, Cáritas Diocesanas de Portugal e Espanha e algum clero.

«Dos 720 mil emigrantes, que a Espanha acolhe vindos da Europa, América Latina, Ásia e África e de Portugal, uma grande percentagem está indocumentada, e desse grupo — sublinhou — 90 mil vivem em extrema pobreza, levando à mendicidade, delinquência e prostituição.»

Na sua intervenção, o secretário-geral da Cáritas Espanhola deu ainda a conhecer a distribuição dos portugueses por regiões, cabendo a Madrid 4000, à Catalunha 2000, às Astúrias, Santander, Euskadi e Navarra 12 000, à Galiza, Castela e Leão, 42 000, a Aragão, Valência, Múrcia e Baleares 2000, à Andaluzia, Estremadura e Castilla de Mancha 14 000, perfazendo um total de 76 000.

De acordo com a exposição daquele responsável pela Cáritas Espanhola, «dois terços dos emigrantes portugueses a trabalhar em Espanha desejam regressar a Portugal».

Referindo-se às remunerações mensais auferidas pelos emigrantes portugueses, fornecem os seguintes dados: «Menos de 15 mil pesetas, 6,6 por cento, 16 a 30 mil pesetas, 23,4 por cento, de 31 a 40 mil pesetas, 22,5 por cento, de 41 a 50 mil pesetas, 15 por cento, de 50 a 70 mil pesetas, 16,2 por cento, de 71 a 100 mil pesetas, 7,5 por cento, mais de 100 pesetas, 8,4 por cento.»

«Madrid e Barcelona são os principais enclaves da 'emigração económica', sendo o seu trabalho mais frequente o comércio ambulante, serviço doméstico e a agricultura», disse.

No período da tarde, o grupo visitou a Escola Superior Agrária, comunidades de emigrantes e ciganos.

Os trabalhos continuam amanhã com visitas a cursos de animadores rurais, de jovens empresários agrícolas e comunidades de emigrantes regressados nos distritos de Vila Real e Viseu.

Revelou advogada no processo das "FP-25"

Recurso de Otelo à Relação conhecido em Novembro

Durante uma conferência de Imprensa que teve lugar ontem à tarde num hotel de Lisboa, por iniciativa dos Comités Nacional e Internacional de Justiça para Otelo, a advogada Isabel Lobo Antunes, revelou que o Tribunal de Relação deverá pronunciar-se em Novembro, sobre o recurso interposto pela defesa à condenação do tenente-coronel Otelo Saraiva de Carvalho a 15 anos de cadeia como réu no processo das «FP-25». Isabel Lobo Antunes disse ainda que «este processo, ao contrário do que se pretenderá fazer crer à opinião pública, está longe de estar encerrado».

A conferência de Imprensa serviu ainda para anunciar a vinda a Lisboa de personalidades jurídicas europeias que no próximo dia 30, a partir das 18 horas, num dos salões do Hotel Meridien, vão proceder a uma abordagem técnico-jurídica do julgamento que, em Monsanto, condenou a pesadas penas o antigo comandante do COPCON e outros réus no mesmo processo. Segundo foi afirmado ontem «são juristas de correntes e projectos políticos de sinal contrário ao defendido por Otelo que vêm expressar a preocupação existente nos meios jurídicos internacionais, incluindo os europeus, numa perspectiva idêntica à já manifestada em Lisboa por Ramsey Clark, sobre as ocorrências do processo».

Entre os juristas que vão estar presentes no Hotel Merediem contam-se «maítre» Armin Golzem, da Associação dos Advogados Penalistas do Land de Hesse e da Associação dos Advogados Republicanos da RFA; «maítre» Jacques Bourgaux, vice-presidente da Associação Belga de Juristas Democratas (ABJD); «maítre» Catherine Fuerst, membro dos Juristas Democratas Suíços; Juan Albert Beloch, vice-presidente da Associação de Magistrados para a Democracia e Liberdade e porta-voz da Associação Espanhola de Juízes para a Democracia; e Manfred Nowak, director do Instituto Internacional para os Direitos do Homem.

Segundo revelou o director da Alfândega

Apreensão de heroína no Funchal foi por "mera casualidade"

Numa atitude merecedora de elogios pela sua transparência (não é raro em casos similares falar-se em aturadas e complexas investigações), o director da Alfândega do Funchal referiu ontem que a mala apreendida na passada segunda-feira no aeroporto daquela cidade com 9,5 quilo de heroína, no valor de 350 mil contos, tinha sido abandonada à 14 de Outubro no local, pelo que a sua descoberta se ficara a dever a «mera casualidade».

A mala proveniente do Brasil continha a droga distribuída por quatro embalagens normalmente utilizadas para envolver chocolates, tendo constituído a maior apreensão de heroína até agora efectuada em Portugal. No entanto, e até ao momento, ainda não se registaram quaisquer detenções relacionadas com a ocorrência.

O director da Alfândega da capital madeirense disse ainda que «qualquer mala abandonada e não reclamada por um determinado período torna-se desde logo suspeita pelo que não é entregue a quem a requisitar, sem que seja previamente aberta e analisada».

"Governo tem vindo a agravar a crise existente"

FEDERAÇÃO DO PS DE SETÚBAL DENUNCIA SITUAÇÕES GRAVOSAS E ATACA A GOVERNADORA CIVIL

A Federação Distritade Setúbal do Partido Socialista acusa, em comunicado ontem distribuído, a governadora civil e o delegado do Governo para a respectiva península pelas «situações gravosas» que se vivem naquela região e que, adianta, «já estão a ter sérias consequências».

Os socialistas de Setúbal afirmam que, «apesar de o Governo ter tomado posse há três meses, tem vindo a agravar-se, de forma visível, a crise existente», o que está a provocar um abalo grave na esperança que as populações depositavam na superação das dificuldades existentes».

O documento adianta que «o completo apagamento do delegado do Governo, que, ao que consta, continua a estudar o «dossier» distrital, e a continuada ineficácia da governadora civil, que inexplicavelmente não assume as suas responsbilidades, estão a originar situações gravosas que já estão a ter as suas consequências».

«O aumento de combustíveis, a redução dos investimentos nas empresas públicas e o corte do crédito — adianta o comunicado — agravaram, no distrito de Setúbal, os problemas das pequenas e médias empresas».

Segundo os socialistas de Setúbal, esta situação originou o aumento «de trabalhadores com salários em atraso e o desemprego».

O TS interroga-se, por outro lado, quanto ao que se passa com a Fundhospur, que «não paga aos formandos, pondo em perigo a continuidade dos seus cursos» e que «critério obedeceu à abertura da consulta internacional para a exploração da Setenave».

«Por que razão — interrogam os socialistas de Setúbal — o Governo votou as organizações sindicais ao esquecimento, negociando a convenção bilateral sobre a modernização da siderurgia, que vai levar ao despedimento de cerca de dois mil trabalhadores».

Catálogo de publicações do Instituto de Investigação Científica Tropical

Na introdução deste «Catálogo de Publicações» do Instituto de Investigação Científica Tropical, recordam-se as alterações sucessivas da designação da instituição que se chamou, primeiramente, Junta das Missões Geográficas e de Investigações Coloniais, e posteriormente foi designada Junta de Investigações do Ultramar e Junta de Investigações Científicas do Ultramar. Dos seus trabalhos, em vários sectores, foram publicados, de 1950 a 1973, onze catálogos. Agora, uma década decorrida sobre a publicação do último catálogo, surge uma nova edição: o «12.º Catálogo de Publicações».

O actual Instituto de Investigação Científica Tropical (IICT), reestruturado em 1983, prosseguiu a actividade de investigação e de edição, e às obras catalogadas até 1973 muitas se vieram juntar. Além de modificaões que melhoram as indicações bibliográficas, o presente Catálogo, com a suas 300 páginas, dá uma informação completa da actividade editorial do IICT.

"O Algarve no contexto da adesão de Portugal à CEE"

Deficiência técnica

Por deficiência técnica, parte do texto anteontem publicado sobre o colóquio «O Algarve no contexto da adesão de Portugal á CEE» não saiu, surgindo em seu lugar alguns parágrafos 'piratas' que estavam registados na memória do sistema computadorizado de fotocomposição. Pelo facto, e embora alheios à ocorrência, pedimos desculpas aos nossos leitores.

José Vitorino, do MRA, pediu-nos, entretanto, um esclarecimento sobre um mal-entendido nas declarações que prestou ao enviado especial do nosso jornal, também ontem publicado: as 12 milhas das águas portuguesas não irão obviamente terminar. A questão é que, a partir de 1992, não existirão limitações aos barcos de pesca dos países da CEE a partir das 12 milhas, e aí, sim, é que a frota pesqueira portuguesa terá sérias dificuldades de competitividade com os seus congéneres europeus.

"Tudo sob controlo" é um texto de Rui Cacho

Por lapso de que nos penitenciamos junto dos leitores e do seu autor, não saiu ontem assinado o artigo de Rui Cacho intitulado «Tudo sob controlo». Aqui fica o reparo.

DL NACIONAL

A escola e a desigualdade sexual

Na Escola Superior de Educação de Faro (Quinta da Penha), realiza-se amanhã, quinta-feira, às 16 horas, uma sessão de lançamento do livro do dr. João Viegas Fernandes intitulado «A escola e a desigualdade sexual». O livro será apresentado pelo dr. Alberto da Silva Melo, da Comissão Instaladora da Escola Superior de Educação de Faro.

João Viegas Fernandes, professor-adjunto da ESEF, é sociólogo e nesta obra aborda a problemática da não neutralidade da produção científica e da presença de valores nas ciências, designadamente nas Ciências Sociais. Além de uma introdução metodológica sobre um modelo integrado de formação de professores, João Viegas Guerreiro na parte central do volume analisa a problemática da discriminação sexual no sistema escolar português e, em apêndice, expõe uma contribuição doutrinal «à teoria da resistência no âmbito da sociologia da Educação».

UM ESPECTÁCULO DE SOM E IMAGEM

HIFI K 600

Conheça o fabuloso equipamento de audio Singer.

COMPACT DISC PLAYER CD 11

Um som espectacular a preços espectaculares.

TELEVISOR STEREO

A alta qualidade da imagem Singer. Em autênticos prodigios da tecnologia com total garantia de assistência.

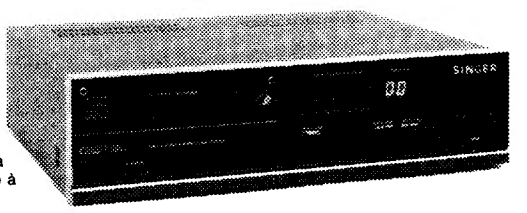
VIDEO VB 629 HQ

Adquira-os em condições únicas, que só a Singer lhe oferece! Veja quanto poupa com Singer!

HIFI K600
- Comando à distância das principais funções
- Gira-discos semi-automático
- Amplificador/Equalizador de 50 W R.M.S. por canal
- Sintonizador digital com FM e AM
- Deck de cassetes duplo com Auto Reverse e Dolby
- Colunas de 4 vias
- Ligação para Compact Disc

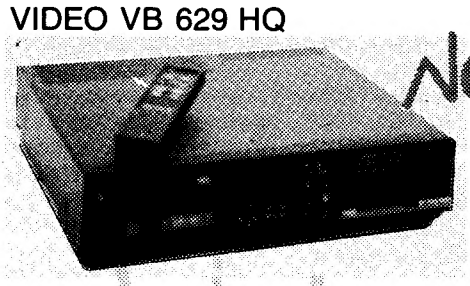
NOVO

COMPACT DISC PLAYER CD11
- Leitura digital por raios laser, que dispensa as tradicionais agulhas e elimina totalmente os ruídos
- 16 bits lineares por canal
- Acesso a qualquer ponto do disco
- Indicador digital de mudança de faixa
- Fácil ligação a qualquer Hifi Singer e à maioria das outras aparelhagens



1 DISCO COMPACTO GRÁTIS

VIDEO VB 629 HQ



NOVO
- Circuito HQ (High Quality) para melhor definição de imagem
- Sistema VHS
- Telecomando por infravermelhos
- Gravação pré-programável em dia e hora, até 14 dias e 6 programas, com OTR
- Possibilidade de gravação de um canal enquanto se vê outro
- Tecla de eliminação de ruído em pausa

SINGER 87 uma data de POUPANÇA

* Uma Marca de Fábrica da «THE SINGER COMPANY»

NOVO

TELEVISOR STEREO
- Linhas exclusivas
- Som estereofónico
- Écran quadrado
- Selecção de canais pré-programável
- Ligação para videogravador
- 99 canais

Peça já uma demonstração na loja ou concessionário Singer mais próximo!

EHP EUROPEAN HOME PRODUCTS GROUP SINGER

EUROPEAN HOME PRODUCTS — PRODUTOS ELÉCTRICOS, LDA. SOCIEDADE POR QUOTAS DE RESPONSABILIDADE LIMITADA SEDE: RUA D. LUÍS I, N.º 7 - 4.º — 1293 LISBOA CODEX — ☎ 66 41 61. CONSERVATÓRIA DO REGISTO COMERCIAL DE LISBOA N.º 60831. CONTRIBUINTE N.º 501 485 074 • CAPITAL SOCIAL: 300 000 000$00.

Wall Street em recuperação

A Bolsa de Valores de Nova Iorque etrou ontem em recuperação, fechando a sessão com predomínio altista, impulsionada pelo comportamento positivo dos mercados asiáticos e europeus, e pelas iniciativas no sentido de reduzir o défice federal.

A média industrial «Dow-Jones» subiu 52,56 pontos para 1.846,49 pontos, após atingir os 1.904,68, tendo mudado de mãos 260,22 milhões de acções, contra 308,82 milhões na jornada anterior, enquanto entre as emissões transaccionadas os ganhos ultrapassaram as perdas numa proporção de nove para oito.

A tendência positiva alastrou a praticamente todos os sectores da Wall Street, o que se espelhou na subida de 14,23 pontos para 689,15 pontos no índice dos transportes de 20 emissões, e de 1,90 pontos para 178,11 pontos no dos serviços públicos de 15 emissões, que fechou ao nível de 178,11 pontos.

Bolsas espanholas em quebra

As quatro Bolsas de Valores espanholas reistaram, ontem, baixas significativas, enquanto o dólar registou uma ligeira subida no mercado de câmbios de Madrid.

A Bolsa de Madrid perdeu 13,45 pontos e a de Bilbau 16,08, enquanto a de Barcelona perdia 5,26 e a de Valência 6,29.

A praça de Madrid modificou, entretanto, a norma que limita, na segunda volta, o máximo da variação dos valores de dez para vinte por cento.

Segundo fontes financeiras, os investidores espanhóis perderam mais de um bilião e meio de pesetas desde o início da crise bolsista, enquanto as Bolsas espanholas continuam a quebrar e o dólar a subir nas escalas cambiais, cotando-se no «fixing» do Banco de Espanha a 115,250 pesetas contra 114,835 na segunda-feira.

URSS não é indiferente à crise bolsista

A UrSS não está «indiferente» à crise bolsista mundial, embora só se sinta «indirectamente afectada», declarou hoje Abel Aganbeguian, um dos principais conselheiros económicos do líder soviéticq, Mikhail Gorbachev.

Interrogado sobre este assunto durante uma conferência de Imprensa em Moscovo, Aganbeguian disse que a turbulência nas praças financeiras mundiais era «previsível», da daadissociação crescente entre o mercado de capitais de produtos.

«O mercado de capitais está há muito tempo dissociado do mercado de produtos» — acrescentou Aganbeguian, citando também o défice comercial dos Estados Unidos como uma das causas indirectas da crise bolsista.

«Como é hábito, as quebras bolsistas são seguidas por quebras importantes de produção. Veremos o que se vai passar seguidamente», observou.

Embora frisando que «a URSS não sofreu perdas», Aganbeguian admitiu que, «indirectamente, a União Soviética, parte integrante do comércio mundial, será afectada pela crise bolsista, que, por esse motivo, não lhe é indiferente».

FUNDAÇÃO CALOUSTE GULBENKIAN

CICLO AZARES DA EXPRESSÃO

TEATRO NACIONAL D. MARIA II

Companhia francesa «LA SALAMANDRE»

LES TROMPETTES DE LA MORT
Texto e encenação de
FRANÇOIS-LOUIS TILLY

«Raro, raríssimo: um novo autor dramático (...) Teatro feroz, embora imperturbável» L'Expresse

Outubro: 5.ª feira, dia 29 às 21.30 h.
6.ª feira, dia 30 às 21.30 h.
Sábado, dia 31 às 21.30 h.
Novembro: Domingo, dia 1, às 16 h.

Uma iniciativa do Serviço de Belas Artes em colaboração com o Teatro D. Maria II, onde os bilhetes se encontram à venda

Jacques Chirac e Margaret Thatcher: estratégias de privatização contestadas

Em França e Inglaterra

PRIVATIZAÇÕES EM CAUSA COM A CRISE DAS BOLSAS

Na sequência da «segunda-feira negra» da semana passada na Bolsa de Wall Street, imediatamente alastrada às principais bolsas internacionais, muitos analistas questionaram-se em relação aos efeitos potenciais sobre as estratégias de privatização seguidas em França e Inglaterra, que têm nos respectivos mercados accionistas um instrumento fundamental. Numa altura em que a instabilidade e a insegurança continua a dominar os mercados bolsistas internacionais, estas questões mantêm-se.

Em França, a crise do mercado accionista colocou de algum modo em risco a estratégia do Governo conservador para a modernização industrial, mas a questão decisiva é saber se a queda das cotações irá ou não provocar uma recessão. «O que me preocupa não é tanto o mercado de acções, mas sim as repercussões monetárias da crise, particularmente em relação às taxas de juro», disse Jacques Toubon, secretário-geral do partido neo-gaulista liderado pelo primeiro-ministro, Jacques Chirac.

Questionados sobre se os eleitores franceses não se sentiriam tentados a atribuir a culpa da crise das cotações à actuação do Governo Chirac, a maioria dos observadores adiantaram que o primeiro-ministro poderia sempre argumentar que a crise bolsista atingira todas as nações industrializadas, e não só a França.

A responsabilidade do despoletar da crise é geralmente atribuída à actuação dos bancos centrais dos Estados Unidos da América e da República Federal da Alemanha.

Mas a instabilidade do mercado accionista atinge a França num delicado momento para a modernização industrial do país. Uma das idéias chave da ideologia do Governo de Jacques Chirac, é a «privatização»: o processo de transferir bancos, meios de comunicação e companhias de seguros do Estado para a propriedade privada, via mercado de acções. Este esquema foi já aplicado a 11 companhias francesas, que assim se viram privatizadas, mas o âmbito e o ritmo destes planos do Governo, parecem destinados a serem postos em causa. O clima de instabilidade que ainda se respira, quer em Wall Street, quer nas outras Bolsas do mundo que continuam de olhos postos em Wall Street, «não pode senão restringir, financeira e psicológicamente, a procura por novos papéis», afirmou Paul Horne, um economista especialista em assuntos internacionais.

A primeira vítima da desordem do mercado foi o grupo de defesa e electrónica «Matra», onde o Governo francês detém 51 por cento das acções. O ministro das Finanças, Edouard Balladur, anunciou a semana passada que a planeada venda de acções da «Matra» foi adiada até que o mercado estabilize. A oposição socialista, responsável pela nacionalização, há seis anos, de muitas das empresas que agora se vêm na eminência de serem privatizadas, tem exigido que o Governo cancele a venda de acções da «Matra».

A capacidade dos investidores franceses e estrangeiros em comprarem grandes companhias, tem sido o tema de um debate técnico entre políticos e economistas franceses. Espera-se que os deputados socialistas venham a acusar o Governo de avançar depressa demais com as privatizações. O desgaste político do Governo é tanto maior, quanto é sabido que os franceses se sentem tradicionalmente pouco motivados para investir as suas economias na Bolsa e que foram os conservadores, mas também os socialistas, que os encorajaram nesse sentido. Os políticos de esquerda atacam o Governo com argumentos morais e técnicos: acusam-no de sobrestimar a capacidade do mercado de digerir uma série rápida e ambiciosa de privatizações e de iludir os eleitores com promessas de prosperidade através da especulação.

BP é problema em Inglaterra

Também em Inglaterra muitos dos analistas acreditam que a política governamental de «capitalismo popular» sofreu um sério revés com as quebras record na Bolsa de Londres na semana passada, e com o clima de insegurança que nela ainda se respira. Mais que isso, receiam alguns deles que as consequências internacionais das crises bolsistas possam criar sérios obstáculos ao crescimento económico britânico.

No curto prazo, o problema mais premente que se levanta diz respeito à oferta, por parte do Governo, de 12 mil milhões de dólares de acções da British Petroleum (BP). As acções da BP estavam, há uma semana, cotadas 15% abaixo do preço exigido pelo Governo.

Andrew Britton, director do Instituto Nacional de Assuntos Económicos e Sociais, uma instituição privada independente, disse que as pessoas estavam habituadas a pensar que comprar acções ao Governo era «uma maneira segura de ganhar dinheiro». Os acontecimentos dos últimos dias devem ter «corrigido essa ilusão», acrescentou o mesmo observador.

Numerosos analistas prevêm que os planos governamentais para privatizar as indústrias da água e da electricidade, nos próximos meses, serão de muito difícil concretização.

Apesar disso, as consequências políticas para o Governo de Margaret Thatcher poderão não ser muito graves. A primeira-ministro tem tentado ganhar apoio para o seu Governo e para as suas políticas, estendendo a propriedade de acções à generalidade da população.

Apresentada sexta-feira à AR

REFORMA FISCAL CRIA DOIS IMPOSTOS "ÚNICOS"

O projecto de reforma fiscal do Governo, apresentado à Assembleia da República, prevê a situação de dois impostos, um sobre o rendimento de pessoas singulares (IRS) e outro sobre o rendimento das pessoas colectivas (IRC).

A proposta governamental, que será discutida na sexta-feira no plenário da Assembleia da República, visa, no essencial, reduzir os impostos existentes, separados uns dos outros, e que incidem sobre diversos rendimentos, substituindo-os por um sistema unitário.

Este sistema abrange a globalidade dos rendimentos individuais e colectivos dos portugueses, sujeitos a tributação.

Os portugueses, se o diploma for aprovado pelo Parlamento, passarão a pagar, além do imposto sobre o valor acrescentado (IVA) — introduzido em 1 de Janeiro de 1986 —, apenas mais dois outros impostos: o IRS e o IRC.

Assim, desaparecerão do sistema fiscal português os impostos profissional, complementar e de capitais, contribuição industrial, contribuição predial e os impostos sobre as industrias agrícolas e sobre as mais-valias.

O «IRS» é apresentado pelo executivo como um imposto único e progressivo e o seu regime terá em conta as necessidades e os rendimentos do agregado familiar.

Este imposto incidirá sobre o rendimento global e a sua estrutura interna comporta nove categorias de rendimentos: as seis primeiras correspondentes a diferentes fontes ou origens do rendimento-produto, a sétima enquadra as mais-valias e as duas últimas são de natureza residual.

A proposta governamental esclarece que no caso do imposto sobre o rendimento de pessoas colectivas (IRC) é adoptado na sua aplicação o esquema racional da proporcionalidade.

O «IRC» será dividido por pessoas colectivas com sede ou direcção efectiva em território nacional, por entidades desprovidas de personalidade jurídica, com sede ou direcção em Portugal e pelas entidades que não tenham sede nem direcção efectiva em território português e cujos rendimentos nele obtidos não estejam sujeitos ao «IRS».

O diploma esclarece que são excluídos da aplicação do imposto sobre o rendimento de pessoas colectivas, o Estado, regiões autónomas, autarquias locais e as associações e federações de municípios, desde que não tenham por objectivo actividades de tipo comercial, industrial ou agrícola.

A Reforma Fiscal já foi debatida em Conselho de Ministros e na proposta de lei conidera-se o sistema de tributação «desajustado da realidade económica e social do País».

A última reestruturação global do sistema de tributação do rendimento realizou-se no início dos anos 60 e desde então foi tributada uma geração de contribuintes.

A nova reforma da tributação do rendimento visa objectivos de eficiência económica e realização da justiça social e foi elaborado na perspectiva de simplificar o cumprimento dos deveres tributários pelos cidadãos, acrescenta o documento.

A linha orientadora desta reforma assenta em três pontos fundamentais: alargamento da base, moderação das taxas e estabilidade do nível das receitas.

A remodelação do regime de tributação do rendimento, no plano da fiscalidade directa, iniciou-se com a substituição do imposto de transacções pelo IVA.

O projecto tem como inovação básica, a este nível, a substituição do actual sistema misto de tipo cedular, pela forma de tributação unitária, atingindo a globalidade dos rendimentos individuais.

Esclarece-se ainda no diploma que, à luz das modernas exigências de equidade fiscal, a solução unitária é superior ao puro sistema cedular, constituída por impostos separados entre si e não articulados, os quais incidem sobre diferentes fontes do rendimento.

O Governo entende que só a perspectiva unitária permite uma melhor distribuição da carga fiscal, segundo um esquema proporcional de progressividade e de acordo com a capacidade contributiva dos portugueses.

Quanto à tributação do agregado familiar, o Governo inova em matéria fiscal, reconhecendo que o actual imposto complementar «penaliza» os rendimentos conjuntos da família, assentes no casamento.

Assim, preconiza o fim da sobretributação do agregado familiar, alinhando o sistema português pela tendência verificada a nível mundial, que aponta para regimes de tributação separada dos membros do agregado ou para o englobamento com divisão.

A proposta indica que os rendimentos do trabalho deverão ser tributados de forma mais branda que os rendimentos gerados pelo capital.

A unicidade do imposto, segundo a proposta do Governo, permitirá a cada contribuinte englobar numa única declaração anual os rendimentos de todas as categorias.

EDP vai apresentar prejuízos

A EDP vai apresentar cerca de cinco milhões de contos de resultados negativos nas contas do exercício de1986 de acordo com a orientação tutelar da Secretaria de Estado de Energia interessada numa maior transparência de contas, apurou o «DL» de fonte daquele organismo.

Contudo, os prejuízos agora sancionados não correspondem aos efectivamente sentidos pela empresa que, de acordo com a mesma fonte, estarão próximos de um agravamento daquele número cerca de três a quatro vezes.

As contas da empresa de 1986 que serão brevemente publicadas, foram entregues pela gerência às entidades tutelares em Março–Abril deste ano e consagravam, de acordo com fontes da EDP, uma versão mais «neutra», sem apresentar perdas ou receitas avultadas.

A dificuldade na transparência das contas da empresa resulta, na opinião desta mesma fonte, da indefinição de critérios contabilísticos, adiados de ano para ano pelas diferentes tutelas, que se defrontariam montantes avultados para os quais nunca se decidiu se afectariam resultados ou se se considerariam como dívidas de terceiros à EDP. Neste caso estão, por exemplo, as contas referentes ao Fundo de Apoio Térmico e diferenças cambiais, entre outras, não falando das dívidas por cobrar a autarquias locais.

Essa indefinição terá levado a Secretaria de Estado do Tesouro a autorizar, mais uma vez, a passagem das contas do ano passado com resultados positivos, que acabariam por ser «chumbadas» pela tutela da Secretaria de Estado de Energia, apresentando a EDP pela primeira vez em toda a sua história resultados negativos.

Na base desta posição estará a preocupação de uma maior transparência das contas desta empresa e uma exigência de corresponsabilidade quando, da parte da EDP, se exige aos consumidores que paguem o que devem sob risco de verem cortada a energia distribuída.

Neste caso, como é sobejamente conhecido, está a Companhia Portuguesa de Fornos Eléctricos, sediada em Canas de Senhorim, e cujo projecto de viabilização, segundo um dos seus promotores, «está bem encaminhado», prevendo–se para breve o início da sua actividade.

A este segue–se o da firma de Louças de Sacavém cujo corte de energia está aprazado para a próxima segunda–feira, de acordo com o aviso já enviado pela empresa e autorizado pela tutela.

Fontes da empresa contactadas pelo «DL» mostram–se confundidos com a posição da Secretaria de Estado de Energia, concluindo que, pela primeira vez, é a tutela da energia que tem a última palavra na definição de critérios da avaliação da actividade, devendo por isso assumir a responsabilidade no eventual descrédito da EDP junto das instituições financeiras internacionais que sempre viram nesta empresa pública um credor que honra os seus compromissos.

Segundo o presidente da Bolsa do Porto

"O mercado está a ser irracional"

O presidente da Bolsa de Valores do Porto afirmou ontem que, «apesar do carácter sondável da descida das cotações, o público investidor está a julgar mal algumas empresas e o mercado está, uma vez mais, a ser irracional».

Veiga Anjos referiu que o rápido crescimento do mercado levou a alguns exageros numa época de alta já que não foi feita uma devida selecção das empresas.

«Agora que o mercado se encontra em baixa», disse, «nota-se a irracionalidade do mercado pois não é natural que todas as empresas desçam na mesma proporção».

O presidente da Bolsa do Porto considerou saudável e normal as descidas de algumas cotações, reconhecendo que algumas empresas atingiram já, graças às descidas verificadas, valores bastante aceitáveis.

Veiga Anjos, que completou ontem um ano de actividade como presidente da comissão directiva daquela Bolsa, considerou que o saldo destes primeiros 12 meses é «bastante positivo», tendo sido «ultrapassadas as previsões».

As expectativas da comissão directiva apontavam para um volume de transacções na ordem dos 40 milhões de contos e que cerca de 100 empresas estivesem cotadas até ao final do ano. Contudo, só nos primeiros dez meses do ano o volume de transacções ultrapassou 95 milhões de contos, encontrando-se já cotadas um total de 97 empresas.

Este número, como sublinhou Veiga Anjos, deverá ser largamente ultrapassado até ao fim do ano com a entrada de, pelo menos, cerca de 40 empresas que irão ou que já realizaram Ofertas Públicas de Venda de acções.

Aquele responsável da Bolsa nortenha mostrou-se ainda satisfeito com este primeiro ano de actividade da sua comissão directiva ao nível da organização interna.

Adiantou que a comissão directiva tem trabalhado intensamente no processo de imobilização dos títulos, tendo sido já publicada a lista dos títulos cotados que são fungíveis, aguardando-se agora que os bancos assinem contratos de depósitos com os seus clientes, investidores bolsistas.

«A Bolsa de Valores do Porto encontra-se preparada para a imobilização dos títulos e efectuar de seguida a sua compensação», disse Veiga Anjos, que se mostrou satisfeito com a nomeação do novo auditor-geral de títulos, figura que considerou imprescindível para uma melhoria e transparência do mercado de títulos.

OPV's de ontem

VISTA ALEGRE, SA - *112.500 acções; 25 % do ca pital; valor nominal: 1.000 escu - dos; encaixe: 1.160 mil contos; preço má - ximo: 35.000 es cudos; preço mínimo: 8.400 escudos; preço médio: 10.316 escudos (preço - –base: 5.000 escu dos); ficaram por satisfazer 74% das ordens de compra; Bolsa do Por - to*

CABELTE, SA - *300.000 acções; 25 % do capital; valor nomi - nal: 1.000 escudos; encaixe: 4.464 mil contos; preço máximo: 31.000 escudos; preço mínimo: 13.400 escu - dos; preço médio: 14.215 escudos (preço - –base: 5.000 escu dos); ficaram por satisfazer 51% das ordens de compra; Bolsa do Por - to*

Fundo de investimento mobiliário

FIPOR - *valorização de 5,1% da sua car teira de títulos entre 25 de Setembro e 9 de Outu - bro - composição da carteira a 9 de Outubro: títulos estrangeiros, 207.618 contos; obri - gações diversas, 2.088 mil contos; obrigações da dívida pública, 4.553 mil contos; ac - ções, 5.435 mil con - tos*

Negócios

IMPÉRIO E TOTTA E AÇORES - *a segu - radora Império e o banco Totta e Açores assinaram um acordo com vista à comercia - lização do produto fi - nanceiro «conta pou - pança–reforma» aos balcões daquele banco*

F. RAMADA, AÇOS E INDÚS - TRIAS, SA - *esta empresa anunciou a in - tenção de vender ac - ções próprias e de pro - ceder a OPV de parte das acções que detém na sua subsidiária UNI - VERSAL, AÇOS, MÁ - QUINAS E FERRA - MENTAS, SA*

COTAÇÕES DE NOTAS E MOEDAS — CRÉDITO PREDIAL PORTUGUÊS

COTAÇÕES DE NOTAS	(Por Unidade) COMPRA	VENDA
ÁFRICA DO SUL (rand)	53$80	59$80
ALEMANHA FED. (marco)	78$55	79$75
ÁUSTRIA (xelim)	11$15	11$35
BÉLGICA (franco)	3$569	3$819
BRASIL (cruzado)	1$285	1$985
CANADÁ (dólar — notas de 1 e 2)	105$85	108$35
(notas de 5 a 1000)	106$35	108$85
DINAMARCA (coroa)	20$45	20$85
ESPANHA (peseta)	1$174	1$294
EUA (dólar — notas de 1 e 2)	138$50	142$00
(notas de 5 a 1000)	139$00	142$50
FINLÂNDIA (marka)	32$40	33$00
FRANÇA (franco)	23$45	24$15
HOLANDA (florim)	69$80	70$90
IRLANDA (libra)	211$05	215$05
ITÁLIA (lira)	$099	$114
JAPÃO (iene)	$939	$994
NORUEGA (coroa)	21$15	21$65
REINO UNIDO (libra)	236$35	240$85
SUÉCIA (coroa)	22$15	22$65
SUÍÇA (franco)	95$15	96$65
VENEZUELA (bolívar)	3$998	4$988

OBSERVAÇÕES:

1 — No respeitante a moedas, estas cotações devem ser consideradas a título meramente informativo.

2 — Todas as operações de venda estão sujeitas ao imposto de 6 por mil.

Membros do Comité das Mães dos Presos Políticos e dos Desaparecidos salvadorenhos prestam as últimas homenagens junto do caixão com os restos mortais do presidente da Comissão dos Direitos Humanos de El Salvador, Herbert Sanabria, assassinado segunda-feira.

Médicos norte–americanos lançaram um alerta às entidades oficiais para os problemas hospitalares que a Sida vai causar na década de 90. Os especialistas referiram que um estudo feito pelo centro médico da Universidade de Nova York mostrou que muitas cidades norte–americanas não dispõem de instalações médicas e pessoal sanitário para tratar das pessoas afectadas pelo síndroma de imunodeficiência adquirida. Segundo esse estudo, na próxima década, 174 mil pessoas serão afectadas pela Sida. O relatório destaca que, apesar de Nova York e São Francisco terem capacidade para receber mais de um terço dos pacidentes da Sida, para o ano de 1991, prevê–se que 80 por cento dos casos ocorram noutras cidades. Segundo a investigação, naquela no 1,6 por cento da capacidade de hospitalização nos EUA será destinada aos doentes da Sida.

O candidato ecologista às presidenciais fr toca acordeão no metro de Paris, ao lado de financimanto da sua campanha

Amnistia Internacional acusa Damasco

A Síria tem cometido abusos dos direitos humanos contra centenas de prisioneiros políticos, incluindo refugiados palestinianos, que vão desde a tortura por espancamento a métodos mais sofisticados e dolorosos, denunciou ontem a Amnistia Internacional. Em comunicado, a organização afirma que a tortura é «uma experiência regular para os prisioneiros políticos na Síria» e que « qualquer suspeito de oposição ao governo do presidente Hafez Assad corre esse risco». «Os espancamentos selvagens com correntes, paus, cintos de cabedal e cabos eléctricos são as formas usuais de tortura que puderam ser comprovadas », afima a Amnistia num relatório apresentado em Londres. No documento são descritos pelo menos 35 métodos de tortura usados nas prisões sírias, alguns deles em câmaras especialmente equipadas e que já provocaram a morte de uma dezena de detidos. Entre as vítimas incluem–se refugiados palestinianos e libaneses capturados em áreas controladas pela Síria no Líbano, para além de estudantes, advogados, domésticas e soldados suspeitos de se oporem ao regime.

Extrema-direita fomenta agitação no Brasil

Grupos civis e militares de extrema—direita fomentam rebeliões nas Forças Armadas brasileiras para desestabilizar a democracia, advertiu ontem um dos principais especialistas brasileiros em questões militares. O coronel na reserva Geraldo Lesbat Cavagnari, director–adjunto do Núcleo de Estudos Estratégicos da Universidade de Campinas, afirmou que a extrema–direita decidiu transformar acções de indisciplina, geradas por insatisfação salarial, em manifestações político–ideológicas. As declarações de Cavagnari seguem–se às denúncias da revista «Veja», segundo as quais grupos de oficiais de média patete e subalternos estariam prontos a desencadear actos terroristas- como a detonação de granadas nos quartéis- para mostrar o seu desagrado perante a política do presidente Sarney e das direcções militares.

Regime de partido único continuará em S.Tomé

O chefe da diplomacia de S. Tomé e Princípe, Guilherme Posser da Costa, afirmou ontem à agência Lusa em Roma, que a eleição para a Presidência da República do seu país não será feita por sufrágio universal, como tinha sido noticiado na sequência da última reunião do Movimento de Libertação de São Tomé e Principe (MLSTP). «Não podemos esquecer que são Tomé tem um regime de partido único. Por esse motivo poderemos admitir o aparecimento de forças sociais, mas não de outras forças políticas», disse. Segundo Posser da Costa, poderá haver agora mais de um candidato à Presidência. O candidato final será, no entanto, escolhido no interior do partido e depois «submetido ao que poderíamos definir como um plebiscito popular». «O sufrágio dará uma legitimidade popular à já por si legítima escolha do chefe de Estado pelos exponentes do partido». acrescentou.

Shevardnadze deverá chegar a Washington na sexta-feira

CIMEIRA REAGAN-GORBACHEV DE N NA AGENDA DE 87 DAS SUPERPOTÊ

O ministro soviético dos Negócios Estrangeiros, Eduard Shevardnadze, deverá chegar sexta–feira a Washington para retomar as conversações sobre controlo de armamentos, afirmaram ontem fontes norte–americanas. Os rumores em torno da próxima deslocação de Shevardnadze a Washington surgiram após um encontro do chefe da diplomacia soviética com o embaixador dos EUA em Moscovo, Jack Matlock.

A reunião, marcada imprevistamente por Shevardnadze, suscitou de imediato especulações sobre uma mudança de atitude de Moscovo, que poderia agora estar a preparar a marcação da data para a realização da nova cimeira Reagan–Gorbachev,.

Ontem de manhã, o vice–chefe da delegação soviética nas Nacões Unidas, Alexander Belonogov, afirmava numa conferência de imprensa que o Kremlin estava disposto a realizar uma cimeira em Washington ainda este ano.

O delegado soviético disse ainda que Moscovo atribui grande importância à realização de uma cimeira do líder do Kremlin com o presidente norte–americano para que possa ser assinado o acordo de eliminação dos mísseis de alcance intermédio da Europa.

O anúncio da deslocação de Shevardnadze, que hoje partiu para Praga onde participará numa reunião do Pacto de Varsóvia, deverá ser hoje anunciado formalmente em Moscovo e Washington.

A viagem do ministro soviético, a concretizar–se, decorrerá uma semana depois do seu homólogo norte–aenricano, George Shultz, ter estado em Moscovo, onde tentou, sem êxito, marcar a data da nova cimeira entre os dois grandes.

Na altura, Gorbachev, contra todas as expectativas, fez depender a realização de um novo encontro com Reagan do acordo de Washington quanto a limitações ao desenvolvimento da Iniciativa de Defesa Estratégica, conhecida por «guerra das estrelas».

A negativa do líder do Kremlin surpreendeu os observadores e representou então uma alteração da posição assumida pela URSS no início do ano: desistir da reivindicação de um acordo global sobre controlo de armamentos a favor de acordos específicos como é o caso do traatdo de eliminação dos mísseis de alcance intermédio que ambas as partes consideram estar «virtualmente concluído».

Ná altura, fontes ocidentais na capital soviética consideraram que o endurecimento da posição de Gorbachev representava um novo compromisso do «número 1» do Kremlin com a liderança miliatr descontente com as concessões soviéticas em matéria de armamento. Segundo as mesmas fontes,

Comité Central do PC Chinês será eleito por voto secreto

Pela primeira vez na história do Partido Comunista Chinês, os candidatos que vão integrar a nova liderança serão escolhidos por voto secreto. O anúncio foi ontem feito em pequim orde prosseguem os trabalhos do 13º congresso do partido.

Segundo a agência Noca China, o presidium do congresso, liderado pelo secretário–geral em exercício, Zhao Ziyang, decidiu que os candidatos ao Comité Central vão exceder em pelo menos cinco por cento o número de postos a ocupar e serão eleitos por voto secreto pelos 1.936 delegados presentes. Esta decisão levou um diplomata asiático a comentar: «é o início de um novo sistema democrático».

Um porta–voz do congresso afirmou que as eleições decorrem domingo, na sessão de encerramento do congresso, e adiantou que os jornalistas poderão assistir à votação.

Enquanto o presidium do congresso, que integra 187 membros, se reuniu para deliberar sobre o processo eleitoral, um dos membos do governo chinês concedeu uma conferência de imprensa sobre a «liberdade intelectual» na China.

O ministro da Ciência e Tecnologia, Song Jian, começou por afirmar que o mais conhecido cientista dissidente chinês não voltará a sofrer «os horrores» da revolução cultural. «Todos concordamos em que o professor Fang Lizhi é um execelente astrofísico e tem todo o nosso apoio quer seja membro do partido ou não», afirmou o ministro.

Fang foi expulso do partido em Janeiro último, sob acusação de incitar estudantes a uma campnha nacional de manifestações pela democracia e a liberdade. Antes da sua expulsão, Fang disse que a ciência tinha provado que o marxismo falhou.

Interrogado sobre se os intelectuais estarão agora a salvo da perseguição que lhes foi movida durante a liderança de Mao Tse Tung e em particualar durante a revilução cultural, Song respondeu: «Já tirámos as nosas lições desse período. Eu mesmo passei por isso. Estou certo de que não voltará a repetir–se».

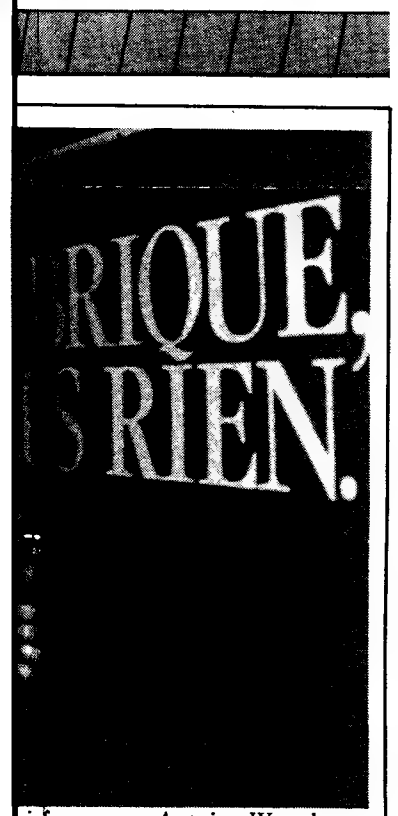
Adido militar d deixa as Filipi

Um adido militar norte–ame trovérsia acerca das suas liga tentativa de golpe de Estado pinas - anunciou a embaixada

Um comunicado da embaix –coronel Victor Raphael «va viço temporário nos Estados lipinas ainda esta semana, m

O mesmo comunicado rejei latório militar filipino, citad jornais, de que Raphael ten namentais atacassem o coron durante a tentativa de golpe d

A embaixada afirmou que «de acordo com o dever» e justificadas» as acusações c drinho de um filho de Hona golfe do líder da rebelião.



uisfrancesas, Antoine Waechter, do de um cartaz apelando ao

ENOVO
ÊNCIAS

- Gorbachev teria optado por «uma pausa» na sua campa - nha externa, evitando dar novos passos antes daquela que é a data mais importante do calendário soviético, o aniversário da revolução, a 7 de Novembro.

No entanto, a reunião de ontem de Shevardnadze com o embaixador norte-americano em Moscovo e a sua provável deslocação a Washington apontam para uma nova alteração da atitude de Moscovo.

O vice-chefe da delegação soviética nas Nações Unidas afirmara antes que o malogro na marcação da data da cimeira entre os líderes das duas superpotências representou «um intervalo para deixar tempo de reflexão aos americanos».

dos EUA
inas

americano envolvido numa con - gações com os responsáveis da o de Agosto vai deixar as Fili - da dos Estados Unidos.
aixada afirmava que o tenente - vai partir de licença e para ser - s Unidos» e que deixaria as Fi - mas não especifica o dia.
jeitava acusações feitas num re - tado no fim-de-semana pelos tara impedir que forças gover- nel rebelde Gregório Honasan e de Agosto.
e a atitude de Raphael estivera e classificou de «injustas e in- contra o tenente-coronel, pa- asan e antigo companheiro de

Ante uma oposição cada vez mais dividida

Sul-coreanos deram o "sim" a nova Constituição democrática

Os sul-coreanos votaram ontem esmagadoramente a favor de uma Constituição democrática que lhes dará o direito de escolher um sucessor presidencial para o general Chun Doo Hwan em eleições directas livres. Fontes oficiais disseram que dos cerca de 90 por cento dos votos escrutinados, mais de 93 por cento eram favoráveis à nova Constituição.O resultado oficial será anunciado amanhã.

Chun deverá dirigir-se ao país, na sexta-feira, para confirmar o voto popular no referendo a favor da Constituição e que permitirá as primeiras eleições presidenciais livres desde há 16 anos.

Os anteriores Presidentes eram eleitos em colégio eleitoral.

A lei fundamental fará efeitos a partir de 25 de Fevereiro de 1988, no dia seguinte ao termo do mandanto de sete anos de Chun.

Segundo a nova Constituição, o sucessor de Chun cumprirá um mandato não renovável de cinco anos e terá à sua disposição poderes de emergência que lhe permitam dissolver o Parlamento.

A votação para o referendo decorreu geralmente sem incidentes, à excepção de uma manifestação de cerca de 2.000 estudantes e trabalhadores junto à catedral católica da capital, denunciando o plebiscito como um truque para eternizar a governação autoritária de Chun através da eleição do seu sucessor, Roh Tae Woo, do Partido da Justiça Democrática, no poder.

Até agora há quatro candidatos anunciados para as eleições de Dezembro.

Roh, também ex-general do exército, era comandante de divisão quando do assassínio do Presidente Park Chung-Hee, em 1979, tendo deslocado as suas tropas para Seul no sentido de apoiar Chun na purga dentro da hierarquia das Forças Armadas e a consolidar a sua supremacia nas Forças Armadas.

Roh enfrenta na corrida presidencial uma oposição dividida, já que os co-líderes do Partido Demorático para a Reunificação, Kim Dae-Jung e Kim Young-Sam, decidiram candidatar-se.

O quarto concorrente é o ex-Primeiro-Ministro conservador Kim Jong-Pil, que pretende reinstaurar os ideais do Governo draconiano de Park Chung-Hee, que governou durante 18 anos.

Oposição mais dividida

O dissidente sul-coreano Kim Dae-Jung, ignorando apelos à unidade da oposição, afastou-se do Partido Democrático da Reunificação para fundar uma nova formação que apoie a sua candidatura presidencial.

Kim Dae-Jung, que na corrida às presidenciais vai defrontar-se entre outros com o candidato do PDR, Kim Young-Sam, anunciou a sua decisão um dia depois de ter sido aprovada uma nova Constituição reinstaurando eleições directas livres para o cargo mais alto do país.

Um porta-voz do principal partido na oposição descreveu a saída de Kim Dae-Jung do partido como «um acto de traição ao povo que quer pôr fim à ditadura militar», enquanto observadores políticos consideram as candidaturas dos dois Kim como nocivas para ambos.

Os sul-coreanos aprovaram por maioria esmagadora o projecto de uma nova Constituição que cria condições para a realização de eleições presidenciais directas, as primeiras em 16 anos.

«Neste dia em que foi adoptada uma nova Constituição por referendo nacional, proponho ao povo de toda a nação o começo de uma nova era de reconciliação», declarou Kim Dae-Jung em conferência de Imprensa.

O dissidente, que só em Julho readquiriu os seus direitos cívicos depois de ter sido acusado, em 1980, de sedição, passou a maior parte dos sete anos na prisão, no exílio ou sob prisão domiciliária.

As autoridades de Seul acusaram-no na altura de ter planeado a rebelião em 1980 em Kwangju contra o exército, que culminou com a morte de 200 pessoas.

Um estudante prepara-se para lançar um «cocktail Molotov» durante a manifestação em que foi denunciado que o plebiscito era um truque destinado a eternizar a governação autoritária de Chun Doo Hwan.

Golfo: embaixador líbio admite possibilidade de guerra mundial

O embaixador da Líbia em Portugal afirmou que «a Guerra do Golfo é uma tragédia que pode ocasionar de um momento para o outro uma guerra mundial».

«O general Kadhafy já a denominou guerra louca, pois pode acabar com a terra», acrescentou Nuri Betelmal, que falava num colóquio sobre o conflito do Médio Oriente promovido pela comissão de paz do Barreiro.

O embaixador disse que «muitos conflitos, como a guerra Irão-Iraque, o problema do povo palestiniano retirado do seu território pelo expansionismo sionista e as intervenções estrangeiras em Angola e Moçambique têm por detrás a mesma força que pretende subjugar os povos mais pequenos - administração americana|.

«A Líbia já sofreu agressões dessa administração no Golfo de Syrta, a 19nde Agosto de 1981, e em Tripoli a 15 de Abril de 1986. Nesta última agressão os seus caças sofisticados quiseram assassinar o líder líbio e os seus familiares, tendo sido bombardeadas escolas, hospitais e bairros, ocasionando numerosas vítimas», prosseguiu.

«É preciso que se diga que a Líbia nunca teve qualquer participação nos actos terroristas praticados em Roma e em Viena. Nunca cometemos actos contra povos para os dominar», sublinhou.

24 HORAS

Genscher visita Angola

O ministro alemão-federal dos Negócios Estrangeiros, Hans-Dietrich Genscher, iniciou uma viagem ao Senegal e a Angola, reflectindo o crescente interesse da RFA por África, disseram fontes oficiais em Bona. A viagem de Genscher será seguida de deslocações do Primeiro-Ministro Helmut Kohl aos Camarões, Quénia e Moçambique, em Novembro, e do Presidente Richard von Weinzsaecker ao Mali, Nigéria e Zimbabwe em Março. Fontes oficiais de Bona disseram que a República Federal da Alemanha pretende manifestar o seu apoio aos países da Linha da Frente, no confronto com «a estratégia de desestabilização da África do Sul» e na resolução dos seus próprios problemas. Genscher incaugurou hoje na capital do Senegal uma conferência dos 37 embaixadores da Alemanha Ocidental nos países da África do Sul do Sara, e visita oficialmente Angola amanhã e sexta-feira, de onde regressará a Dacar, para encerrar no sábado a conferância dos embaixadores.

Proibidos comícios na Malásia

O Primeiro-Ministro malaio, Daktur Seri Mahathir Mohamed, proibiu todos os comícios, incluindo um ogrnizado pelo seu próprio partido que se temia poder causar confrontos. «O Governo quer preservar a paz e a estabilidade». Como ministro do Interior proibo a realização de todas as manifestações incluindo a de domingo», declarou Mahathir. A tensão era hoje uma realidade na Malásia depois de a Polícia ter anunciado a detenção de 55 pessoas, entre as quais membros do Partido governamental. Recentemente eclodiram tensões entre as comunidades étnicas malaia e chinesa devido, sobretudo, a um programa do Ministério da Educação prevendo a nomeação de professores que não falam mandarim para cargos administrativos nas escolas chinesas.

O golpe contra Sankara

O ilegalizado Partido Comunista do Zaire acusou os Presidentes do Zaire, Costa do Marfim e Togo de terem financiado o sangrento golpe do dia 15 no Burkina Faso, em que foram assassinados o Presidente Thomas Sankara e vários dos seus colaboradores. Em comunicado divulgado na capital congolesa, o Partido Zairense dos Operários e Camponeses (comunista) afirmou que os chefes de Estado do Zaire, Costa do Marfim e Togo pagaram conjuntamente cinco milhões de francos franceses ao líder golpista, Blaise Campaoré, para preparar o golpe contra Sankara.

Terceira vítima de radioactividade

O acidente nuclear de Goiânia, na Amazónia brasileira, causou a terceira vítima mortal desde que em Setembro uma fuga acidental de pó radioactivo «Césio 137» contaminou mais de 200 pessoas. Trata-se de Israel Batista dos Santos, de 35 anos, que ontem morreu no hospital Marcílio Dias, no Rio de Janeiro - informaram fontes da Comissão Nacional de Energia Nuclear.

ler & dialogar

No Auditório do Centro de Trabalho Vitória do PCP (Av. da Liberdade, 170 - Lisboa), vão reiniciar-se os **encontros-debate** em que **um escritor presente** ouve e fala do seu **livro mais recente.**

A próxima sessão é dedicada ao livro:

"A CASA DO PÓ"
Romance de
FERNANDO CAMPOS

Dia 29 de Outubro
às 21 horas

ENTRADA LIVRE

Na primeira série de "ler & dialogar" foram realizadas sessões dedicadas a "Vaga de Calor", de Urbano Tavares Rodrigues, "Lua de Sangue", de Maria Ondina Braga, "Jangada de Pedra", de José Saramago, e "Um Amor Feliz", de David Mourão Ferreira.

Próximos livros a serem discutidos:

"Crónicas Algarvias", de Manuel da Fonseca
e "Soma", de Hélia Correia

A iniciativa parte da Célula dos Escritores do Partido Comunista Português

Assinalou o ministro da Educação na Guarda

PORTUGAL É O ÚLTIMO NA EUROPA EM ACESSO AO ENSINO SUPERIOR

Apenas 11 por cento dos portugueses dos 18 aos 24 anos chegam ao ensino superior, enquanto em muitos outros países da Europa esse índice aproxima-se dos 25 por cento. A diferença foi referida pelo ministro da Educação no Instituto Politécnico da Guarda, que ontem visitou bem como outras escolas e o Governo Civil.

Roberto Carneiro anunciou que vai ser criado um grupo de trabalho entre o seu Ministério e o da Saúde para equacionar o problema da saúde em Portugal, nomeadamente na área do ensino e que em 1988 vão ser criados os Serviços Sociais do Ensino Superior Politécnico.

Preconizou, segundo a Lusa, a integração do ensino de enfermagem no ensino politécnico.

O ministro avistou-se também com os presidentes de municípios do distrito, tendo defendido a criação de escolas locais que funcionem em colaboração com as autarquias e a iniciativa privada.

Em encontro com jornalistas, Roberto Carneiro admitiu a existência de casos em que os alunos «vão para a escola com fome». Defendeu o empenhamento da comunidade, das forças sociais e da escola na resolução desse problema que disse ser um dos motivos do insucesso escolar.

O responsável pelo Instituto Politécnico da Guarda, João Raimundo, afirmou que as duas escolas que integram o IPG, de Gestão e Tecnologia e de Educação, são frequentadas por 230 alunos, existindo 200 formandos em profissionalização. A maioria dos alunos é oriunda da região da Guarda, havendo no distrito cerca de 40 mil alunos inscritos nos ensinos preparatório e secundário.

Afirmou João Raimundo que se prevê no próximo ano lectivo o aumento da população discente para 450 alunos, o que acarretará problemas de espaço e de pessoal.

Omissão imperdoável

O Sindicato dos Professores da Grande Lisboa divulgou uma nota acusando de injustiça o ministro da Educação. No despacho do ME de 24/87, o ministro louva a Inspecção-Geral de Ensino, Direcção-Geral do Ensino Básico e Secundário, Direcção-Geral de Administração e Pessoal. Direcção-Geral dos Equipamentos Educativos, Instituto de Apoio Socioeducativo, a Secretaria-Geral/Cirep e direcções regionais, pelo «esforço desenvolvido no sentido de se conseguir uma satisfatória abertura do ano escolar». Mas em «tão vasto elenco» Roberto Carneiro esqueceu-se dos que «têm sido a trave-mestra do funcionamento dos estabelecimentos de ensino — os conselhos directivos, as direcções e os professores que integram os múltiplos órgãos e grupos de trabalho das escolas», afirma o SPGL, reafirmando a sua confiança nos CD's e nas direcções e sublinhando que no próximo ano lectivo as melhorias «passarão significativamente pelo trabalho dos professores e dos seus órgãos degestão democrática».

Denúncia da Comissão de Trabalhadores

Há compadrios na gestão dos Serviços Sociais da Universidade de Coimbra

A comissão de trabalhadores dos Serviços Sociais da Universidade de Coimba vai pedir uma sindicância aos serviços, anunciou esta estrutura sindical.

Em conferência de Imprensa, dirigentes do Sindicato dos Trabalhadores da Função Pública e da referida comissão sindical acusaram o vice-presidente dos serviços sociais, Luzio Vaz, de «proteger feudos, consagrar ilegalidades, arbitrariedades e injustiças».

Apontam concretamente casos de promoções e admissões «à margem da lei», despedimentos classificados de «arbitrários», compras «sem concurso», entreoutras situações.

«É desonrosa para o país e para a Universidade a gestão que se faz nos serviços Sociais da Universidade de Coimbra, que não respeita as disposições legais aplicáveis, pois admite-se e promove-se à margem dessas regras», disse o dirigente Lopes Rodrigues que adiantou: «as chefias estão ocupadas por elementos das mesmas famílias».

Para a comissão sidincal, a tomada de posse do vice-presidente Luzio Vaz, em 1980, «agravou a situação dos 399 trabalhadores dos serviços, que agora são cerca de600».

Criticam também o reitor da Universidade de Coimbra, Rui de Alarcão, considerando que o seu comportamento «se tem pautado pelo desinteresse e passividade», no caso dos problemas dos Serviços Sociais.

Também a Associação Académica de Coimbra é criticada pelos trabalhadores os Serviços Sociais por considerarem que esta estrutura «não se tem empenhado na denúncia dos problemas».

Os estudantes, recentemente chamados a trabalhar nas cantinas em troca de duas senhas de refeição diárias no valor de 200 escudos, têm sido comprados pelos responsáveis dos Serviços»,afirmou a comissão sindical.

Queixam-se também das condições de trabalho e higiene nas instalaçõs dos Serviços Sociais, designadamente nas cantinas universitárias.

Apontam concretamente a falta de segurança nas «cantinas amarelas», construídas há cerca de dois anos, devido «à deficiente estrutura das canalizações de água e gás, a falta de exaustores, etc».

Foi salientada também a existência de uma caixa de alta tensão junto ao local onde se preparam os legumes, nas cantinas do edifício das Matemáticas.

As críticas sobre a falta de segurança e higiene são extensivas a outras instalações das cantinas universitárias e citam o caso das arcas frigoríficas com mais de 20 anos adquiridas para conservar alimentos destinados a uma quantidade de estudantes «largamente inferior ao número actual».

«As arcas só estão a deteriorar alimentos e não a conservá-los», afirmam os trabalhadores, que lembraram o caso dos 600 quilos de carne deteriorada recentemente detectado nas cantinas.

Escola de Ermesinde pode fechar por falta de pessoal

A Associação de Pais da Escola Preparatória de Ermesinde, arredores do Porto, enviou uma moção ao Presidente da República e ao Governo solicitando a reposição do pessoal em falta e a reabertura do refeitório da escola.

No documento, que também foi enviado aos grupos parlamentares e ao presidente da Assembleia da República, a Associação de Pais e Encarregados de Educação adverte o Ministério da Educação para a possibilidade de encerramento da escola, caso as 1300 crianças continuem prvadas do refeitório até 8 de Novembro.

Professores da Zona Sul contestam 6% de aumento

Os professores da Zona Sul contestam, tal como os da Grande Lisboa, a proposta de 6 por cento de aumento salarial apresentada pelo Governo.

Em comunicado, a delegação de Faro do Sindicato dos Professores da Zona Sul expõe as razões dessa contestação: é inferior à taxa de inflação prevista para 87, que segundo a OCDE atingiria 10 por cento; agrava as disparidades entre os trabalhadores da administração pública e das empresas públicas do sector empresarial do Estado e não contempla as promessas feitas antes e depois das eleições de melhoria de condições de vida e de aumento dos salários reais dos trabalhadores da Administração Pública.

A delegação de Faro do SPZS propõe-se, entre outras actividades, promover debates em torno de questões da Lei de Bases do Sistema Educativo ainda não regulamentadas, como sejam a gestão democrática, a reestruturação curricular e o combate ao insucesso escolar, assim como a preparação do I Congresso do Sindicato dos Professores da Zona Sul, nos dias 5 e 6 de Maio de 1988.

DL NACIONAL

Valoren, Star e Feder rendem 37 milhões de contos a Portugal

As Comunidades Europeias anunciaram ontem em Bruxelas que Portugal vai receber 37 milhões de contos, provenientes dos programas Valoren (10 milhões) e Star (19 milhões) e do Feder (8 milhões). Estes fundos vão financiar grandes projectos de infraestruturas de transporte, educativas e energéticas, o acesso dos utilizadores portugueses às redes europeias de sistemas avançados de telecomunicações e projectos de mini-barragens, energia solar e biomassa.

Os maiores empreendimentos são o aeroporto do Porto (1,8 milhões de contos), o de Faro (1,7), a gare ferroviária de São Mamede de Infesta (1,4), as oficinas de material ferroviário de Custóias e respectivo centro de formação (1,2) e a central hidroeléctrica de Inverno da Calheta (1 milhão), no âmbito do Feder. Outras grandes infraestruturas são a Escola Superior Agrária de Bragança e a Universidade de Aveiro.

Dos dinheiros do fundo de desenvolvimento regional, mais de 70 por cento representam obras de base para transportes, dividindo-se o restante equitativamente entre a educação e a energia. Durante o corrente ano esta é a quinta grande contribuição desde fundo, que, no total, já financiou projectos no valor de 36,5 milhões de contos, dos quais 32 destinados a planos de investimento.

Os 19 milhões do programa Star, para melhoria de acesso a sistemas avançados de telecomunicações, pelo seu lado, vão reforçar, segundo a Comissão Europeia, a economia de todas as regiões do País através da ligação às grandes redes de telecomunicações da CEE.

Este programa visa desenvolver novos serviços de telecomunicações, numa primeira fase, passando, na segunda, a apoiar o estabelecimento de redes digitais que suportem os serviços de segunda geração. O Star privilegia a aquisição de equipamentos de telecomunicações avançadas (três quartos da concessão) e medidas de encorajamento da oferta e da procura.

Na distribuição dos dinheiros agora atribuidos 29,6 são para a região de Lisboa e Vale do Tejo, 22,6 por cento para o Norte, 12,1 para o Centro, 5,1 para a Madeira, 4,1 para os Açores, 3,4 para o Algarve e 3,1 para o Alentejo.

Os 10 milhões atribuidos no âmbito do programa de desenvolvimento regional pela valorização do potencial energético endógeno (Valoren) destinam-se na sua maior parte (75 por cento) ao desenvolvimento de energias renováveis, seguindo-se a utilização racional de energia (20) e a promoção de uma melhor utilização do potencial energético endógeno (os restentes 5 por cento).

A maior fatia, na capítulo das fontes renováveis, corresponde às mini-barragens, energia solar e biomassa, nas percentagens de 24, 19 e 14 por cento. As mini-barragens distribuem-se sobretudo pelas regiões Norte, Centro, Açores e Madeira, a energia solar concentra-se no Centro, Lisboa e Vale do Tejo, Alentejo, Algarve e Madeira e a biomassa nas regiões Centro, Lisboa e Vale do Tejo e Alentejo.

Os restentes fundos distribuem-se entre a energia eólica, os resíduos sólidos urbanos, a geotermia (quase só nos Açores) e os estudos, representando no conjunto 18 por cento.

Este programa, que inclui entre os requisitos preferenciais a valorização de regiões menos desenvolvidas, vai, segundo Bruxelas, fazer os Açores beneficiar de 12 por cento dos fundos, quando possuem apenas 2,5 por cento da população. Situações idênticas verificam-se para o Alentejo (10,2 por cento do dinheiro contra 5,7 da populacão), o Algarve (12,7 dos fundos para 3,3 da populacão) e a Madeira (10 por cento do dinheiro para 2,6 do total populacional do País).

Portugal, que é, juntamente com os Estados Unidos, o país mais avançado na investigacão de novas energias, manifestou, na altura da apresentação do programa, intenção de apresentar projectos num montante superior a 25 milhões de contos, valor que ultrapassa as verbas do próprio programa.

PONTA ESQUERDA

Manuela Moura Guedes - João Rocha: litígio continua por julgar

O litígio que opôs a jornalista Manuela Moura Guedes a João Rocha, antigo presidente do Sporting Clube de Portugal, continua a aguardar decisão judicial no 5.º Juízo Correcional do Tribunal da Comarca de Lisboa, em cuja instância decorrem os trâmites legais, por acção movida por Manuela Moura Guedes contra aquele antigo dirigente desportivo, por declarações consideradas ofensivas.

O julgamento fora marcado para ontem, mas, mas uma vez, não se realizou, e agora, ao que nos foi informado na secretaria do respectivo Juízo, por o réu não ter sido notificado. Não está ainda marcada a data para o julgamento.

Itália: treinadores em greve

Os treinadores italianos de futebol vão fazer uma greve simbólica de 15 minutos durante os jogos do campeonato italiano, em 8 de Novembro, como protesto contra as «violacões» aos regulamentos. A Organizacão Nacional dos Treinadores acusa a Federacão Italiana de Futebol de permitir a contratacão de treinadores

Golfe: "ranking" mundial

O sul-africano Mark McNulty, um dos principais jogadores em acção no «open» do Portugal com início dia 29, no Estoril, ocupa a 8ª posição do «ranking» mundial de golfe, liderado pelo australiano Greg Norman com 1.183 pontos.

McNulty, vencedor da última edição da prova portuguesa disputada na Quinta do Lago, soma 722 pontos, sendo assim o jogador mais cotado na edição de 1987 do «open» de Portugal.

O alemão-federal Bernhard Langer é segundo, com 1.144 pontos, contra 1.142 do espanhol Severiano Ballesteros (3º classificado).

Classificação: 1º Norman, 1.183 pontos; 2º Langer, 1.144; 3º Ballesteros, 1.142; 4º Curtis Strange, EUA, 904; 5º Sandy Lyle, Inglaterra, 812; 6º Ian Woosnam, Inglaterra, 740; 7º Tsuneyuki Nakajima, Japão, 727; 8º Mark McNulty, África do Sul, 722; 9º Payne Stewart, EUA, 719, e 10º Rodger Davis, Austrália, 678.

McNulty: figura de cartaz para o «open» de Portugal

Câmara de Tavira ajuda clubes

A Câmara Municipal de Tavira deliberou na sua última reunião custear integralmente as despesas efectuadas pelas equipas do concelho com o aluguer de instalações desportivas.

SPORT-SOCIETY

Ginásio Clube Figueirense

O Ginásio Clube Figueirense promove hoje, pelas 18 horas, no Instituto do Vinho do Porto (R. S. Pedro de Alcântara, Lisboa), uma conferência de Imprensa para apresentar temas de grande interesse para a colectividade.

Paço de Arcos: colóquio

A Associação Humanitária dos Bombeiros Voluntários de Paço de Arcos organiza, pelas 21 e 30, de 6.ª feira próxima, na sede do quartel («Sala do Bombeiro») um colóquio subordinado ao genérico «Imprensa desportiva: formar opinião ou informar?», em que participa Neves de Sousa, nosso companheiro de Redacção.

Ciclismo: calendário nacional

A direcção da Federação Portuguesa de Ciclismo volta a promover uma reunião com os represents dos órgãos da Comunicação Social, para divulgação do calendário nacional de provas para a época próxima. O convívio terá lugar às 17 e 30 de 2 de Novembro (2.ª feira) no Restaurante-Cervejaria A Berlenga (Rua de Barros Queirós, 35, Lisboa).

Académica & Adidas

A Associação Académica de Coimbra (representada pelo presidente Jorge Anginho) firmou ontem contrato com a Adidas (comandada por Luís Feist, que tem agora como auxiliar directo o antigo «internacional» Luís Norton de Matos, director da revista «Foot») para a equipa conimbricense passar a ser totalmente vestida e calçada por aquela prestigiosa marca de artigos desportivos.

Futebol não trava

SPORTING CONQUISTA RIJKAARD

O internacional holandês Frank Rijkaard volta hoje a Portugal para novas conversações com o Sporting, tendentes a uma possível vinda para Alvalade. O centro-campista que (como já noticiámos) está em litígio com Cruyff (seu treinador no Ajax) deve firmar contrato com o Milão, ficando emprestado aos «leões» até que, em itália, abram as portas a mais que dois estrangeiros por equipa.

Rijkaard (25 anos) está contabilizado na bolsa de valores em três milhões de dólares (cerca de 450 mil contos), verba que também beneficiará o PSV Eindhoven, clube com quem firmou um duplo compromisso nesta temporada. No AC Milão alinham os holandeses Van Basten (ex-Ajax) e Ruud Gulitt (ex-PSV Eindhoven) e os regulamentos do futebol italiano não permitem mais de dois estrangeiros por equipa.

O Sporting, onde já alinham o holandês Peter Houtman e o britânico Tony Sealy, suspendeu a inscrição do argentino Saucedo (segundo o diário desportivo «o Jogo»), prevendo a possibilidade de Rijkaard ingressar nos verde-brancos.

Benfica: novidades

O Benfica já poderá contar com Diamantino para o jogo de sábado (com o Rio Ave) enquanto Elzo recomeçou os treinos e o interesse por Muller (23 anos, do S. Paulo, extremo-direito da selecção brasileira) prossegue: as negociações estão a ser encaminhadas através do empresário Manuel Barbosa.

Libertadores: FC Porto

O Peñarol, a internacionalmente mais conhecida equipa do Uruguai, procurará hoje eliminar a desvantagem de dois golos com que parte para a 2.ª «mão» da final da «Taça dos Libertadores» e qualificar-se para defrontar o campeão europeu (o FC Porto). No encontro da 1.ª «mão», na Colômbia, o campeão deste país (o América) que é o outro finalista da edição de 1987 do troféu, venceu o Peñarol por 2-0, encontrando-se por isso numa posição francamente vantajosa, tendo em vista o balanço das duas «mãos». Ao América bastará um empate para ficar campeão daAmérica do Sul, hipótese que (a verificar-se) constituiria a vitória na «Taça dos Libertadores» de um clube pertencente a um país da costa do Pacífico daqueler continnte, uma vez que até agora o troféu foi sempre conquistado por equipas do Brasil, Argentina, Paraguai e Uruguai. De salientar que o Peñarol tem no seu plantel seis dos «internacionais» que, no passado mês de Julho, ajudaram o Uruguai a manter o seu título sul-americano de selecções, vencendo na final a Argentina.

No América (de Cali) actuam, por outro lado, algumas vedetas do último campeonato do mundo de futebol, como sejam o argentino Ricardo Gareca, os paraguaios Roberto Cabanas e Juan Battaglia e o uruguaio Sérgio Santin.

O campeão colombiano chega pela 3.ª vez à final da «Taça dos Libertadores», mas nas duas anteriores foi desfeiteado: em 1985 pelo Argentinos Juniors; em 1986, pelo River Plate (ambos da Argentina). O encontro de hoje realiza-se no estádio centenário Montevideu e será arbitrado pelo argentino Ricardo Calabria. O jogo será televisionado em directo para vários países latino-americanos e, em deferido, para a Europa para o Japão.

Salão no Brasil: Derrota copiosa de portugueses

A equipa portuguesa da Bepaliz foi goleada por 23-1 pela turma brasileira do Perdigão no II Mundial de Clubes Campeões de Futebol de Salão, a decorrer no Rio de Janeiro. No outro jogo efectuado, o Bradesco (Brasil) bateu o Andes Talleres, por 10-3. A classificação está assim ordenada: 1.º, Perdigão, 6 pontos; 2.º, Bradesco, 6; 3.º, Simon Bolivar (Paraguai), 2; 4.º, Juventus (Bolívia), 2; 5.º, Bepaliz (Portugal), 2; 6.º, Peñarol (Uruguai), 0, e 7.º, Andes Talleres (Argentina), 0.

Ingleses em Lagos

A equipa sénior do West Bromwich Albion (2.ª divisão inglesa) empatou (1-1) em jogo de carácter particular disputado em Lagos frente ao CF Esperança, que comemora as suas «bodas de diamante». Como convidados especiais estiveram Eusébio e os antigos «internacionais» irlandeses Pat Jennings e Terry Neill.

Os golos foram apontados na 1.ª parte, tendo Don Gudhan inaugurado o marcador (aos 14 minutos) num excelente golpe de cabeça, enquanto o dianteiro Hélder igualou, para os locais (aos 35) num lance à entrada da área dos britânicos.

Hoje joga-se para o "Europeu-88"

URSS a um ponto da passagem

A União Soviética deverá inscrever hoje o seu nome na lista das equipas finalistas para o «europeu» de futebol, quando defrontar (em casa) a modesta formação da Islândia para o grupo 3 de qualificação da prova.

RDA - Noruega (grupo 3), Albânia - Roménia (grupo 1) e Holanda - Chipre (grupo 5) completam o quadro de jogos marcados para hoje.

Aos soviéticos, que lideram o grupo, com um total de 11 pontos em sete jogos, basta um empate frente aos islandeses para conseguirem o «passaporte» para a fase final na RFA.

A turma soviética, que conta com quatro vitórias e três empates nos sete jogos efectuados, tem o melhor ataque do grupo 3, com 12 golos marcados, tendo igualmente a defesa menos batida, ao lado da RDA, com três tentos.

A Islândia, que conta com duas vitórias, dois empates e três derrotas nas sete partidas disputadas, não parece capaz de surpreender a poderosa formação soviética, muito embora possua um conjunto aguerrido, dotado de um invejável porte atlético.

No outro embate do mesmo grupo, a RDA também não deverá ter problemas em derrotar a Noruega, última classificada, com apenas quatro pontos.

A vitória frente aos noruegueses só terá interesse para os alemães-democráticos se a Islândia conseguir vencer fora a URSS, pois os sete pontos em seis jogos não deixam muitas esperanças de qualificação à RDA.

A Noruega também não vai estar na sua máxima força, depois de estar confirmada a ausência de Hans Hermann Henriksen do Albertville de França, de Erik Herlovsen, do Borussia Moenchengladbach e do guarda-redes Erik Thorsvedt.

●

A Roménia, em despique cerrado com a Espanha na qualificação pelo grupo 1, defronta (fora) a Albânia numa partida em que só a vitória interessa aos romenos.

A Roménia encontra-se, actualmente, na 2.ª posição do grupo, com seis pontos em quatro jogos, tendo menos dois pontos que a Espanha, que conta com mais um jogo.

O triunfo frente aos albaneses, que se mostram muito difíceis no seu reduto, permitiria aos romenos recuperar a liderança do grupo 1, mercê do seu melhor «goal-average»: 12 marcados contra três sofridos.

●

A Holanda, líder do grupo 5, com 10 pontos, recebe a frágil equipa de Chipre, que apenas somou um ponto em cinco jogos, numa partida em que a única dúvida é saber por quantos golos vencerá a selecção «laranja».

Com oito tentos marcados e um sofrido, a Holanda tentará chegar aos 12 pontos e distanciar-se assim da sua rival Grécia, que ocupa a 2.ª posição, com nove pontos em sete jogos, mas com um bom «goal-average» (12-10).

Venables no Tottenham

Terry Venables, que orientou o Barcelona, vai assumir o comando técnico do Tottenham (1.ª divisão inglesa) a partir de Dezembro. Antigo jogador do Tottenham irá substituir David Pleat, que deixou o cargo há quatro dias por motivos pessoais. Venables, um dos treinadores mais conhecidos na Europa, abandonou o Barcelona há um mês, depois de uma série de maus resultados no campeonato espanhol, tendo o técnico sido contratado pelo clube catalão após alcançar êxitos ao serviço do Crystal Palace e Queens Park Rangers.

Taça da Liga Inglesa

O Arsenal venceu (em casa) o Bournemouth por concludente 3-0, em encontro da 3.ª eliminatória da Taça da Liga Inglesa. O Manchester City também superou o Nottingham Forest pela mesma margem (3-0).

HIDROELÉCTRICA DE CAHORA BASSA, SARL

ASSEMBLEIA GERAL EXTRAORDINÁRIA

CONVOCATÓRIA

Nos termos do Art.º 27.º dos Estatutos, convoco os Accionistas para reunir em sessão extraordinária, no Escritório da Sociedade, em Maputo, Avenida do Trabalho n.º 1132/1142, no próximo dia 12 de Novembro, pelas 15 horas, com a seguinte ordem do dia:

1.º Eleger os corpos sociais para o triénio de 1987/1989.

2.º Discutir e aprovar ou modificar o balanço e contas referentes ao exercício de 1984, bem como o relatório do Conselho de Administração e o relatório e parecer do Conselho Fiscal.

3.º Discutir e aprovar ou modificar o balanço e contas referentes ao exercício de 1985, bem como o relatório do Conselho de Administração e o relatório e parecer do Conselho Fiscal.

Maputo, 26 de Outubro de 1987

O Presidente da Mesa da Assembleia Geral — Estado de Moçambique, representado por,
Dr. Abel Fernandes David Júnior

INSTITUTO DE GESTÃO E ALIENAÇÃO DO PATRIMÓNIO HABITACIONAL DO ESTADO

DIRECÇÃO DE GESTÃO HABITACIONAL DO SUL

ANÚNCIO

EMPREITADA N.º 14/DGHS/87

ARRANJO DE ESPAÇOS EXTERIORES

BAIRRO EX-CAR EM OLHÃO

1 – Instituto de Gestão e Alienação do Património do Estado, Direcção de Gestão Habitacional do Sul, Quinta da Vista Alegre, Lote 38, 2.ª fase em Évora, Telex 43011 e telefones 32121 e 32131.

2 – Modalidade do Concurso:
Concurso Público

3 – a) – Local de execução – Bairro Ex-Car em Olhão.
b) – Designação da empreitada –
– EMPREITADA N.º 14/DGHS/87. Arranjo dos Espaços Exteriores no Bairro Ex-Car de Olhão:
Natureza e extensão dos trabalhos, características gerais da obra: Execução de todos os trabalhos de construção de rede de rega, pavimentos e lancis, construção civil e carpintaria, bem como zonas verdes.
O preço base do concurso é de Esc: 24 691 417$00, com exclusão do IVA;

4 – O prazo de execução da obra, deverá ser indicado pelos concorrentes.

5 – a) – O processo de concurso e documentos complementares poderão ser examinados ou pedidos durante o horário normal da Função Pública na Direcção de Gestão Habitacional do Sul, Instituto de Gestão e Alienação do Património Habitacional do Estado / D.G.H. do Sul, Quinta da Vista Alegre n.º 38, 2.ª Fase em Évora;
b) – Os pedidos dos elementos referidos no n.º 5, alínea a), deste anúncio, podem ser efectuados nos Serviços indicados na alínea anterior até quinze dias depois da publicação do mesmo no «Diário da República»;
c) – O custo da totalidade dos elementos referidos no n.º 5 alínea a), é de 15 000$00, sendo o custo do programa do concurso de 500$00 pagável por meio de guia ou por cheque visado passado a favor do Instituto de Gestão e Alienação do Património Habitacional do Estado;

6 – a) – Data e hora limite para apresentação das propostas:
as propostas deverão ser apresentadas até às 17 horas do dia 21 de Dezembro de 1987.
b) – As propostas devem ser enviadas ou entregues na Direcção de Gestão Habitacional do Sul, morada mencionada em 5;
c) – As propostas devem ser redigidas em língua Portuguesa.

7 – a) – Podem assistir ao acto Público do Concurso todas as pessoas interessadas e intervir apenas as devidamente credenciadas;
b) – O acto Público do Concurso terá lugar às 10 horas do primeiro dia útil seguinte ao do termo do prazo para a apresentação das propostas, previsto no n.º 6-a) deste aviso.

8 – Não é exigido qualquer depósito provisório.

9 – O modo de retribuição da presente empreitada, nos termos do artigo 6.º do Decreto-Lei n.º 235/86, de 18 de Agosto, é por preço global, o financiamento terá como fonte o Orçamento Geral do Estado Português e os encargos serão satisfeitos em conta da dotação do PIDDAC/87 consignada ao Instituto de Gestão e Alienação do Património Habitacional do Estado.

10 – Podem concorrer empresa ou grupos de empresas que declarem a intenção de se constituírem juridicamente numa única entidade, ou consórcio externo, em regime de responsabilidade solidária, tendo essa entidade ou consórcio de estar constituída(s) quando da celebração do contrato.

11 – Alvará ou alvarás de empreiteiro de obras públicas exigido(s): IV e V categorias ou 1.ª da IV Categoria e 1.ª, 3.ª, 4.ª, 5.ª e 6.ª subcategorias da V Categoria da classe correspondente ao valor da sua proposta.
Condições técnicas e económicas a satisfazer pelos concorrentes. Os concorrentes deverão apresentar documentos que permitam apreciar a sua aptidão para a boa execução da obra no que respeita às condições mínimas de carácter económico, financeiro e técnico, nomeadamente:

a) – Declaração respeitante ao volume de negócios global e ao volume de obras da empresa nos últimos três anos;
b) – Declaração sobre as habilitações ou diplomas profissionais do empreiteiro e ou dos quadros da empresa e, em especial, do ou dos responsáveis pela orientação das obras;
c) – Lista das obras mais importantes realizadas nos últimos cinco anos e respectivos certificados (passados pelos donos das mesmas) de execução. Estes certificados indicarão os montantes de adjudicação e final, o prazo, inicial e o efectivamente decorrido para a conclusão dos trabalhos, datas de consignação e de recepção provisória e o local de execução das obras, referindo a forma de como estas decorreram;
d) – Declaração que descreva o equipamento e meios técnicos que a empresa dispõe e quais utilizará na execução da obra, assim como a indicação da sua finalidade e ano de aquisição;
e) – Declaração relativa aos efectivos médios anuais da empresa e à dimensão dos seus quadros permanentes durante os três últimos anos;
f) – Declaração que mencione os técnicos ou órgãos técnicos, estejam ou não integrados na empresa, a que recorrerá para a execução da obra e ainda os subempreiteiros, a que igualmente recorrerá;
g) – Apresentação, relativa aos três anos mais recentes, do balanço e das contas de exploração e de ganhos e perdas;
h) – Referências bancárias e comerciais.

12 – O prazo de validade das propostas é de 90 dias, nas condições estipuladas no artigo 92.º do Decreto-Lei n.º 235/86, de 18 de Agosto, sendo automaticamente prorrogado por 60 dias, por consentimento tácito dos concorrentes que nada requeiram em contrário.

13 – A Adjudicação será feita à proposta mais vantajosa, atendendo-se aos seguintes critérios, por ordem decrescente da sua importância: Prazo de execução e faseamento na conclusão, situação económico-financeira das empresas, garantia de boa execução e qualidade técnica, capacidade profissional e preço.

14 – Será atribuído um prémio pecuniário ao adjudicatário desta empreitada por antecipação do prazo de execução, nas condições definidas no Caderno de Encargos da mesma.

O DIRECTOR
M. Albuquerque e Sousa
Eng. Civil

Ténis na Quinta da Marinha

JENSEN: "O HOMEM DA MARATONA"

Se pensarmos que os 42 km que constituem a mais longa prova de atletismo são, em média, percorridos em 2h30m, poderemos considerar (com as respectivas proporções) o norte-americano Luke Jensen como o homem da(s) maratona(s) do I Open Vista Alegre, segundo torneio do Circuito Satélite TAP, edição 1987.

Quando, no domingo à tarde, Jensen terminou num «tie-break» com a resistência do brasileiro Daher, ao cabo de três horas de jogo, muitas foram as vozes que se fizeram ouvir, avançando com prognósticos sobre a final do dia seguinte. Opiniões do tipo «amanhã não se aguenta nas pernas».

Contudo, o norte-americano ambidextro contrariou todas as previsões ao derrotar, na 2.ª de manhã, Henri de Wet por 2/6; 7-6 (7-3) e 6/4, na final disputada no improvisado «court» central da Quinta da Marinha. Foi mais uma «corrida de fundo», que teve a duração de 2h22m e, podemos afirmar (com toda a certeza) que o triunfo de Jensen ficou-se a dever a uma maior preparação fisiica. Aliás, este tenista (oriundo das terras do Tio Sam) faz-nos lembrar, em algumas coisas, o australiano Pat Cash: apesar de mais baixo, o seu físico é igualmente impressionante (realçando-se os músculos das pernas), os cabelos são espetados e envoltos num comprido lenço, e até possui o mesmo tipo de jogo, de onde sobressaem a rapidez das deslocações, a facilidade dos «volleys» baixos e a constante flexão de joelhos. As suas particularidades residem numa esquerda a duas mãos e na curiosa faculdade de servir e «smashar» com ambas as mãos.

Do outro lado da rede encontrava-se o sul-africano De Wet, o favorito do escasso público presente (2.ª feira foi dia de trabalho). Este é um predestinado na «arte de empurrar a bola com a raqueta».

A sua habilidade não pode ser comparada à de McEnroe ou de Mecir, mas o seu ténis tem todos os ingredientes para um bom espectáculo: é de uma precisão considerável, onde o risco está sempre presente e, acima de tudo, é bonito e elegante, parecendo fácil a quem o vê. Há mesmo quem o aponte como muito provável no grupo dos primeiros 50 do Mundo. Porém, para tal, ainda terá de suar muito. O triunfo sobre Nuno Marques (na 1.ª ronda) deu-lhe o primeiro ponto ATP. Há dois anos atrás, De Wet iniciara-se no universo do ténis profissional sénior: três torneios depois já ocupava a 125.ª posição ATP, quando o azar (leia-se **lesão**) lhe bateu à porta,deixando-o inactivo até este momento. O II Circuito Satélite TAP significa para ele o reencontro com as competições oficiais e, como tal, é de compreender que ainda não tenha atingido a sua melhor condição física.

A primeira partida foi totalmente dominada pelo sul-africano que, em oito jogos apenas permitiu dez pontos ao seu adversário, com «breaks» aos 3.º e 5.º jogos. O segundo «set» foi o mais emocionante e decisivo. De Wet continuou a sua «cavalgada» e, ao 3.º jogo, quebrou o serviço ao americano. De seguida, ganhou o seu e colocou-se num confortável 3-1. Pensou-se nessa altura que o caso estava arrumado. O juiz-árbitro Jorge Dias, ao confidenciar-nos **«atenção que o Jensen é homem para virar o resultado»**, foi o único que se atreveu a contradizer. Profética afirmação. No jogo seguinte, De Wet desperdiça quatro «break-points». Jensen empertiga-se e empata a três no «serviço» contrário. De Wet ainda consegue nova vantagem, mas que é logo desfeita. A partir do «quatro igual» ambos mantêm os seus jogos de «serviço» e o inevitável «tie-break» é arrecadado pelo americano que (assim) empata o encontro.

Foi então necessário recorrer à «negra» que pendeu para o lado de Jensen dado o seu maior apuro físico. Chegou a ser penoso ver o belo ténis de De Wet emperrado, principalmente no «volley», onde persistentemente chegava atrasado. Mesmo assim, a sua classe ainda lhe permitiu construir cinco «break-points» (que não concluiu) e salvar dois «match-points» no nono jogo. Sucumbiu no seguinte, por ter sofrido a quebra ao terceiro jogo.

Assunção Ribeiro

Circuito Satélite

Os dois melhores tenistas portugueses da actualidade (Cunha e Silva e Nuno Marques) defrontam-se amanhã. Na 1.ª ronda do quadro principal de «singulares» do torneio aberto das «Selecções Reader's Digest», nas instalações da Quinta da Marinha, em Cascais. O confronto entre Cunha e Silva e Nuno Marques foi determinado pelo sorteio dos jogos daquele torneio, realizado pelo juiz-árbitro Jorge Dias. O torneio aberto das «Selecções Reader's Digest» conta para a classificação ATP e qualifica para a passagem à fase seguinte do Circuito Satélite TAP-Air Portugal, do qual faz parte.

Na sua agenda

CNID

Ao abrigo da alínea 2) do art.º 15.º dos Estatutos é convocada aassembleia geral extraordinária do CNID (Clube Nacional de Imprensa Desportiva) para o dia 30, pelas 18 horas, no Ateneu Comercial de Lisboa (Rua das Portas de Santo Antão, n.º 110-1.º) com a seguinte Ordem de Trabalhos: «Apreciação, discussão, aprovação ou modificação de uma proposta apresentada pela Direcção do Projecto de Revisão dos Estatutos». Se na hora marcada não se encontrar presente a maioria dos sócios, a mesma Assembleia funcionará uma hora depois, com qualquer número de associados.

Antes (pelas 17 horas) tem lugar um convívio para apresentação do regulamento dos prémios «Alves Teixeira», «Cândido de Oliveira», «Ribeiro dos Reis» e «Ricardo Ornelas», lamentando-se que o jornalismo desportivo continue sem prestar a devia omenagem a Tavares da Silva, saudoso companheiro que, nas páginas do «Diário de Lisboa», através da Rádio e da Televisão, como na actividade de seleccionador nacional ou treinador de futebol, esteve sempre na primeira fila da admiração popular, na mesma época dos quatro jornalistas agora distinguidos.

«Democracia e jornalismo responsável»

Por iniciativa do Sindicato dos Jornalistas, processa-se hoje (18 e 30, na sala «Alvorada» do lisboeta Hotel Altis) uma conferência subordinada ao tema «Democracia e jornalismo responsável», em que usará da palavra o prof. George Kennedy.

TRIBUNAL JUDICIAL DA COMARCA DE ALCOBAÇA

ANÚNCIO

Proc. 165/87, 4.ª Sec.

Faz saber que no próximo dia 4 de Dezembro de 1987, pelas 10 horas, no Tribunal Judicial desta Comarca, nos autos de carta vinda do 1.º Juízo da Comarca de Leiria e extraída dos outos de execução sumária em que é exequente Ribaliz-Madeiras, Limitada, com sede em Alto Vieiro-Leiria e executado Manuel Vieira Nogueira Ferreira, casado, comerciante, residente no sítio da Nazaré, hão-se ser postos em praça para se arrematarem ao maior lanço oferecido acima do valor indicado no processo os seguintes bens: Uma garlopa «Mida» G-60 n.º 11310, uma serra de fita e uma serra radial. Tribunal Judicial de Alcobaça, 20 de Outubro de 1987

O Juiz de Direito

Luís José Falcão de Magalhães
O Escrivão Adjunto

João Rosa da Silva Elias

«DL» – 28/10/87 – 2.ª Pub

TRIBUNAL CÍVEL DA COMARCA DE LISBOA

12.º JUÍZO

ANÚNCIO

Proc.º 4405 — 1.ª Secção

No dia 9 de Novembro do corrente ano de 1987, pelas 11 horas, à porta do Tribunal do 12.º Juízo Cível de Lisboa — 1.ª secção, será posto em praça pela primeira vez, para serem arrematados pelo maior lanço oferecido acima do seu valor, uma balança com alcance de 2000 kg de marca «Cabral», em bom estado de conservação, conforme douto despacho proferido nos autos de execução sumária n.º 4405 em que é exequente a Companhia de Seguros Império, E. P., e executada Camionagem Central do Sul, Ld.ª, com sede na Avenida 24 de Julho, n.º 92/A e B, em Lisboa.

Dos bens a arrematar foi constituído fiel depositário o Sr Fernando Pedro Soares, residente na sede da executada, que exibirá os bens a quem pretender examiná-los.

Lisboa, 12 de Outubro de 1987
O Juiz de Direito,
José Geraldes Pereira de Carvalho

A Escriturária,
Maria Aline Moreira
Pedroso de Matos Russo

«DL» 28/10/87 — 2.ª pub.

RÂGUEBI: CAMPEONATO E REGRAS DO JOGO

. Realizou-se mais uma jornada (a 3.ª) da fase preliminar do Campeonato Nacional da I Divisão na categoria de seniores.

Algumas ideias a tirar: a dificuldade algo inesperada que o Cascais teve em vencer a Agronomia por 7-4; o triunfo da Universidade Livre por 23-7, contra o Arcos de Valdevez, que confirma a desilusão dos resultados obtidos até agora da equipa minhota; a falta de comparência do CDUP no seu jogo contra o Benfica; a volumosa vitória do Clube Desportivo de Direito, na Lousã, por 33-3.

Olhando paa o futuro atrevemo-nos a afirmar que se na Série B os três finalistas parecem já estar encontrados — Cascais, CDUL e Técnico (ou Agronomia), tudo é mais complicado na Série A — já que estando o Benfica praticamente apurado, a Académica, Belenenses e Direito disputam uma luta encarniçada para os dois lugares que darão acesso à fase final.

Entretanto, na próxima jornada o Técnico - Cascais, a disputar-se no domingo às 14 horas, é o jogo mais importante e decisivo para a aspiração dos «engenheiros».

Na nossa crónica da passada semana, referimo-nos à constituição de uma equipa de râguebi, bem como as diferentes formas de marcar pontos.

Falemos hoje de uma das fases estáticas do jogo e que acontece a seguir a uma interrupção do jogo: a «melée» — formação ordenada. A propósito convirá dizer que apesar da origem do jogo ser inglesa, utiliza-se em Portugal muitas palavras francesas: **touche** = linha lateral, **avant** = adiantado, **melée** = formação ordenada, etc.

A formação ordenada acontece por 2 motivos principais: quando o jogador de uma equipa passa a bola para a frente, ou quando a bola fica injogável — por exemplo na sequência de uma placagem.

Formam a «melée» os avançados das duas equipas que se agrupam normalmente em 3 X 4 X 1, isto é, a 1.ª linha com 2 pilares e o talonador; 2.ª linha e os dois 3 linhas-asas e finalmente na 3.ª fila o 3.ª linha centro. O encontro dos dois blocos no momento da formação é um momento espectacular do jogo já que cada um dos grupos desenvolve uma força que atinge quase uma tonelada (!). E qual a finalidade da formação? Desde logo compete à equipa não-infractora a introdução da bola. Esta é feita pelo respectivo médio de formação introduzindo a bola pelo túnel formado pelas duas primeiras linhas. No momento da introdução a «melée» deve estar parada e o túnel formado que deverá ser paralelo às linhas de meta. Os talonadores tentam ganhar a bola com os pés só o podendo fazer depois de ela ter saído das mãos do médio.

Obviamente a conquista da bola na formação constitui um ganho importante, já que ela permite desferir sobre o adversário um ataque que idealmente conduzirá ao fim supremo do jogo: o ensaio.

Por ser difícil nestes comentários falar sobre o «off-side» na formação, diremos apenas que a linha de fora-de-jogo é definida pelos últimos pés do jogador que está na formação. Nenhum ogador poderá ultrapassá-la quando a bola estiver dentro da «melée». Esta regra aplica-se às linhas atrasadas enquanto que os jogadores que fazem parte da formação dever-se-ão manter agarrados enquanto a bola estiver dentro da «melée».

Na nossa próxima crónica falaremos sobre o alinhamento — «touche».

Luís Feist

Mário Kalssas em Soure

Kalssas campeão em motocrosse

O campeonato nacional de motocrosse (seniores), para a cilindrada de 500 cc, concluiu-se em Soure, numa realização do Moto Clube de Santo Isidro. A corrida foi dominada por Mário Kalssas, que venceu com à-vontade as duas mangas, que lhe garantiu triunfo na geral e o título de campeão nacional nesta cilindrada.

Classificações na 1.ª Manga: 1.º Mário Kalssas (Honda), 20 pontos; 2.º Joaquim Rodrigues (Suzuki), 17; 3. António Tavares (Honda) 15; 4.º Adriano Lopes (Cagiva), 13; 5.º Domingos Pereira (Yamaha) 11. Na 2.ª «manga»: 1.º Mário Kalssas, 20 s.; 2.º António Tavares, 17 ps.; 3.º Domingos Pereira, 15. Tabela final do campeonato: 1.º Mário Kalssas, 205 ps.; 2.º Adriano Lopes, 139; 3.º Domingos Pereira, 124; 4.º Joaquim Rodrigues, 122; 5.º Carlos Correia, 120; 6.º António Tavares, 108; 7.º Vítor Calado, 77; 8.º Jorge Ró, 34;9.º António Cabrita, 17.

Ténis de mesa

Sporting hoje, em Alvalade para a Taça dos Campeões

A equipa de ténis de mesa do Sporting Clube de Portugal defronta hoje a do BG Bayreuth, da Alemanha Federal, na segunda eliminatória da Taça dos Clubes Campeões Europeus.

Para o encontro, que se realiza na sala do clube lisboeta, com início às 20,30 horas, o Sporting inscreveu Pedro Miguel, que no último fim-de-semana genhou o Open de Faro, João Portela, Nuno Dias, segundo classificado na prova algarvia, e Paulo Dionísio.

A equipa alemã, que ficou isenta da primeira eliminatória da prova, será formada pelos jogadores Josef Dvoracec, Harmut Frank, Juergen Hegenbarth e Peter Becker.

Patinagem artística

Portugal no "grupo dos dez"

Portugal é um dos dez países participantes na XI edição do campeonato da Europa de patinagem artística que se inicia hoje em Mollerusa, Espanha.

Para além de Portugal e Espanha, país anfitrião, concorrem à prova a Inglaterra, França, RFA, Bélgica, Holanda, Jugoslávia e Áustria, estando ainda prevista uma exibição da selecção de Mollerusa (Lerida).

As provas decorrerão no pavilhão municipal de Mollerusa.

EMPORTUGAL

	T. 6 h	Min.	Prec.	Às 13 h.
Bragança	7	7	0,0	M. nub.
V. Castelo	7	7	0,0	Limpo
Vila Real	5	5	0,0	P. nub.
Porto	7	7	0,0	Limpo
Coimbra	6	6	0,0	Nevoeiro
C. Carvoeiro	14	14	0,0	P. nub.
C. Branco	6	6	0,0	P. nub.
Portalegre	6	6	0,0	Limpo
Lisboa	12	11	0,0	Limpo
Évora	9	9	0,0	Limpo
Beja	7	7	0,0	Limpo
Faro	10	10	0,0	Limpo
Sagres	10	10	0,0	P. nub.
P. Delgada	16	12	0,0	M. nub.
Funchal	17	15	0,0	P. nub.

Temp. máx. prevista para hoje: Lisboa 18, Porto 16, Faro 21, Ponta Delgada 21, Funchal 22.

Temperatura do ar em °C • Precipitação em mm

NE

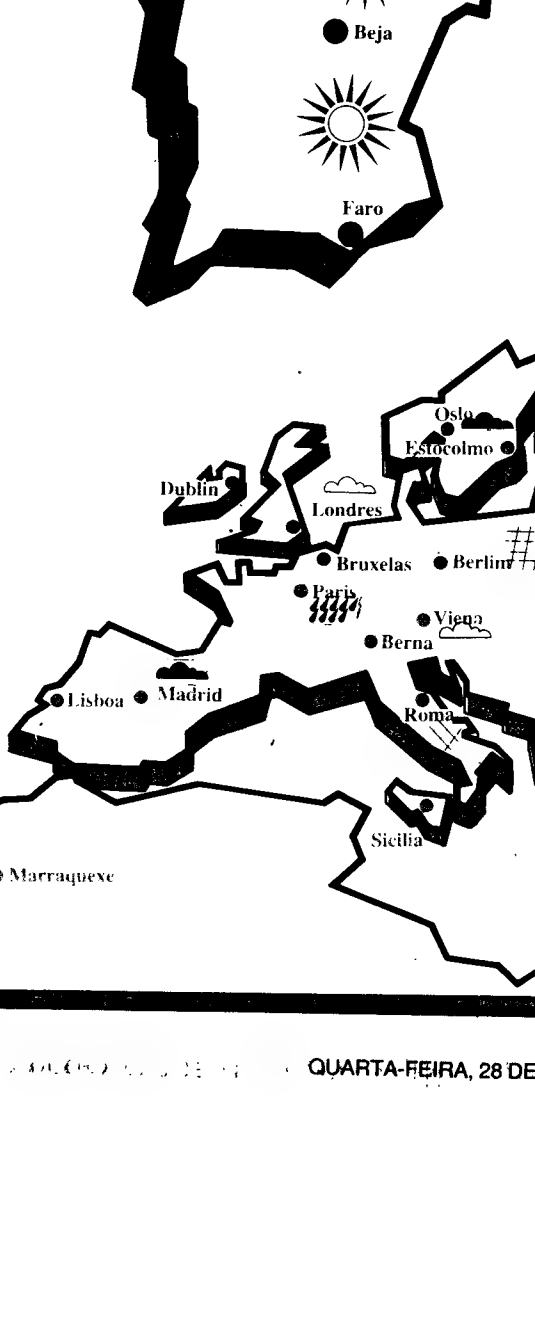
	T. 7 h	Min.	Às 13 h.
Madrid	9	9	Muito nub.
Londres	8	8	Pouco nub.
Paris	13	13	Chuva
Bruxelas	13	13	Trovoada
Amesterdão.	11	11	Chuva
Genebra	11	11	Chuvisco
Roma	14	14	Neblina
Oslo	7	7	Muito nub.
Copenhaga	7	7	Muito nub.
Estocolmo	6	6	Muito nub.
Berlim	3	3	Neblina
Viena	3	2	Pouco nub.
Varsóvia	-2	-	Pouco nub.
Atenas	11	11	Pouco nub.
Moscovo	-5	-7	Pouco nub.

Temperatura do ar em °C • Precipitação em mm

NM

	Min.	Máx.	Às 13 h.
Caracas	10	28	Nublado
Joanesburgo	14	27	Limpo
Los Angeles	19	33	Chuva
Montreal	-4	8	Limpo
Nova Deli	17	34	Limpo
Nova Iorque	3	15	Chuva
R. de Janeiro	22	33	Nublado
S. Francisco	14	27	Nublado
São Paulo	20	29	Nublado
Tóquio	13	21	Limpo

Temperatura do ar em °C • Precipitação em mm



TEMPO

HOJE

No Continente:
Céu pouco nublado aumentando progressivamente de nebulosidade a partir da tarde nas regiões do Norte. Períodos de chuva nas regiões de Noroeste para o fim do dia. Vento fraco a moderado de noroeste, tornando-se do sul no litoral Norte.

Estado do mar:

***Costa Ocidental* — Mar cavado com ondulação de um a três metros.**

***Costa Sul* — Mar encrespado ou de pequena vaga com ondulação de um metro.**
Nos Açores:

Céu muito nublado. Vento sudoeste fresco a muito fresco rodando para noroeste a partir da tarde nos grupos Ocidental e Central. Períodos de chuva e aguaceiros.

***Estado do Mar*: Mar grosso. Ondulação noroeste de três a cinco metros.**
Na Madeira:

Céu em geral pouco nublado. Vento norte moderado com rajadas.

***Estado do Mar*: Mar cavado. Ondulação norte de três metros.**

AMANHÃ

Céu pouco nublado, tornando-se muito nublado de Norte para Sul a partir da manhã. Vento fraco tornando-se moderado de sudoeste a partir da tarde. Períodos de chuva nas regiões do Norte para o fim do dia. Neblina ou nevoeiro matinal.

DEPOIS

Céu muito nublado. Vento moderado a forte do sul. Períodos de chuva ou aguaceiros.

MARÉS

Hoje

▲ Praia-Mar		Baixa-Mar	
5.38	3,9 m	11.28	1,3 m
18.10	3,6 m	23.45	1,5 m

Amanhã

6.31	3,7 m	.. ..	.. ..
19.14	3,4 m	12.27	1,5 m

• Informação do Instituto Nacional de Meteorologia e Geofísica.

• Informação da agência Lusa

AMIGA DO CORAÇÃO OU AMIGA DA ONÇA?

Mário Castrim

TELEVISÃO começa mais cedo. Às nove horas. Hora decente. E normal. Escalada inevitável. Agora às nove, um dia antes às oito. Dentro da boa tradição europeia, ficaremos por aí. Só os americanos, em tudo excessivos, laboram 24 em 24. Sei lá até se não 25 em 24.

Anote-se que a cada hora corresponde um determinado tipo de audiência, atingindo-se a maior diversidade entre as 19 e as 22. O contencioso da televisão com o público exprime-se mais intensamente nesse período.

Portanto, às nove horas, tudo certo. O que me preocupa é não ver, não ver ainda, por parte da RTP uma «política» de comunicação para esse período.

O programa da manhã, há dias, abriu com o seguinte tema.

No Algarve, um homem estrangulara uma filhinha de três anos. Explora-se o caso com pormenores sensacionalistas. O Hélder de Sousa, em Faro, estabelecida a ligação, tivera uma ideia luminosa: ir à cadeia entrevistar o criminoso. Só que este, numa imcompreensível teimosia, se recusou a falar. Hélder mostra-se consternado. Com razão. Tudo tão bem pensado, vem um miserável criminoso e estraga-nos o arranjinho. Há direito?...

Isto é apenas um exemplo, levado ao absurdo, mas a culpa não é nossa. Aconteceu e acontecem outras coisas nas **nove** da TV. São as bombas, os atentados, o terrorismo, os acidentes (com muito sangue no pavimento para dar a cor local) as tropelias deste mundo. Para temperar a caldeirada tomem lá uma boa dose de Madonna...

Não pode ser. A audiência àquela hora é recrutada entre as donas de casa mais aliviadas, as pessoas idosas, crianças em idade não escolar ou com horário favorável, os doentes desejosos de entretenimento, os desempregados, mais algum etc. A hora pode preencher-se com informações utilitárias, com música menos roqueira, com a presença de gente familiar (atletas, artistas, padres, jornalistas...) e documentários muito breves, uns breves folhetinzitos, coisas assim. Tudo menos os terrores, os calafrios, os desastres, etc., etc. Em jejum, ou quase, fazem muito mal ao fígado e à alma. A RTP tem de escolher o que quer, de facto, ser: uma amiga do coração ou uma amiga da onça.

Meus senhores, calma aí! Não se trata de uma realidade em ponto de rebuçado, dolico-doce, enfrascada em água-de-colónia. Trata-se de procurar na vida os motivos, que são muitos, agradáveis de viver. Não aumentem as tragédias com a tragédia de acordar com medo à vida.

E agora não digam que a crítica não é construtiva.

Nacional-continentalismo

Depois, o logro antipático com que a RTP **levou** o público. Estava prometido um festival de cantigas com intervalos publicitários. De facto, tivemos um festival publicitário com intervalos musicais.

Nesses intervalos, haveria documentários sobre Portugal. Um deles era de uma beleza surpreendente: apenas se viam nuvens. Devia ser simbólico.

Quanto à audiência estimada, falou-se primeiro em alguns milhões. Depois, em 500 milhões. A seguir, por certo aprofundada a aritmética, vieram à balha 550 milhões. Não sei como foi achado este número. Contaram, é inevitável, com os índios do Amazonas, os pastores transumâncicos dos Andes e com os esquimós do Canadá.

Foi pena não terem incluído a **Canção Migrante** neste festival. De uma cajadada, matavam logo dois coelhos. Matavam mesmo!

O Festival da OTI foi muito mau. Mas o pior de tudo foi estar eu, levantado até à uma hora da madrugada para assistir àquilo.

Em termos de convívio, a coisa começou por ser regional. Depois, nacional. Evoluiu para internacional. É intercontinental agora.

À medida que aumenta em extensão, diminui em valor. A regra segundo a qual a quantidade se transforma em qualidade, encontra aqui formal desmentido.

João Paulo Guerra, em tempos idos (mas não definitivamente ultrapassados) referiu-se à nossa mediocridade oficial-nacional em termos de nacional, cançonetismo. Passamos agora, com o OTI, à fase do nacio-nal-continentalismo. Que raio de engrenagem é esta que gera tanto musical-confusionismo? Tão chato? Tão ridículo, mesmo quando boas intenções lhe dão suporte?

Clarões

• Findo o encontro, jogadores de Setúbal e de Braga, cumprimentam-se, abraçam-se. O mesmo entre os andebolistas do Benfica e Belenenses. Momento perfeito. Antes de começar qualquer encontro televisionável, devia lembrar-se a todos os jogadores a sua missão de educadores. É uma responsabilidade. Maior que marcar golos.

• Era ele! Era o Pitum da **Cornélia,** lembram-se, claro. A mesma graça, a mesma simplicidade, a mesma presença. Vinha contar-nos uma história para crianças, contada como só ele sabe. Com ele, a mediocridade das histórias teve folga. Volte mais vezes, itum, a ver se salva aquilo.

• **Polvo.** Um policial italiano diferente dos americanos tanto como o linho é diferente do plástico.

Monento gracioso no meio do drama; ouve-se em italiano perfeitíssimo:

— Que grande filho da p...

Tradução na legenda:

— Que grande filho da mãe!

Pois. A boa educação acima de tudo.

• Telejornal: «É difícil dizer quantos cegos há em Portugal...»

Afinal às vezes estamos de acordo.

• Título da canção da Venezuela, vencedora da OTI: «La Felicidad está en un rincón de tu corazon».

Unamuno tinha razão: não há língua mais burocrática do que o castelhano. Agora nem as canções escapam!

• No dito festival, consta que só os membros do Júri eram tantos que quase enchiam o teatro.

• Momento excepcional de reportagam no Jornal de Sábado: a história do menino que fugiu da casa de correcção. Mais do que um documento: uma denúncia.

— «Fisga» esteve em Aveiro. Entrevista a operária de uma grande fábrica, com cerca de 7500 trabalhadores.

Pergunta: **Que idade têm os operários mais novos?**

Resposta — **Catorze anos...**

Trabalho infantil? Que ideia!

• Uma coisa que eu não percebi muito bem é a indiferença do Telejornal pelo encontro Karpov-Kasparov.

Meu Deus. Que culpa têm eles de não serem americanos? Ou será que o xadrez é coisa sem importância?

• Voltemos à «Fisga».

Pergunta: **O que é que gostarias de ser?**

Resposta: **Piloto de automóveis. Mas é tão difícil ter carro...**

O consumismo é assim. Um absurdo. Uma armadilha. Um crime.

Teatro: chegou a hora

Depois de ter sido romance, a **Relíquia** foi peça de teatro. Depois, foi peça de televisão. Não me lembro se chegou a ser cinema. Parece que não. Talvez a anedota seja mais para contar às pessoas reunidas numa sala, mesmo que essa sala seja, através da televisão, constituída por centenas de milhares doutras salas.

Duas coisas temia antes deste primeiro episódio. A primeira, que Artur Ramos e Sttau Monteiro, ambos cultores da boa charla, do convívio até às tantas, viessem com uma daquelas apresentações do tamanho da légua da Póvoa, chatas, incómodas e inúteis. A segunda, que esta «tradução» para a TV cheirasse muito à peça de teatro que tanto êxito obteve.

Foram duas desconfianças sem razão.

A «comunicação» não durou mais de 10 minutos — oxalá outras comunicações lhe seguissem o exemplo! Depois, porque houve muita vivacidade, muita coloqualidades ou seja: houve técnica de TV na arte de comunicar com a audiência.

E houve — pasmai! — didactismo e acção educativa sem catedratismos. Pareceu-me bem que Artur Ramos se «explicasse» quanto à linguagem utilizada. Paeceu-me bem que Sttau Monteiro se antecipasse aos preconceituosos lembrando que a **Relíquia** não é uma sátira à religião, mas sim **àqueles que reduzem a fé a um amontoado de superstições que, esses sim, ridicularizam a fé.**

Quanto à peça, guardou dela a utilização da alegria crítica, da imaginação, de um certo grafismo. Mas é outro o ritmo, outra a invenção, outra a exploração das situações.

Considero (salvo erro de memória que me vai enfraquecendo) que este é o melhor trabalho de Artur Ramos como realizador de TV. Há «faenas» (desculpem a taurinice) ligadas com excepcional virtuosismo.

Para os actores, uma palavra para o miúdo João Pedro (tão a sério, tão profissional, tão eficaz) para Fernanda Coimbra e para Júlio César em papeis que vão igualmente ficar na memória dos telespectadores.

Não terá chegado a hora do teatro português na televisão? Será este o primeiro passo da ressurreição?

NOTARIADO PORTUGUÊS
OITAVO CARTORIO
NOTARIAL DE LISBOA

Rua da Horta Seca, número sete, segundo
Notário
Lic. Eduardo António Correia de Azevedo

CERTIFICO para efeito de publicação, qu por escritura de 28 de Setembro de 1987, lavrada de fls 83v a 87 do livro para escrituras diversas número 79-F, deste Cartório, foi pelos únicos sócios Alfredo José Fernandes de Almeida, Maria das Dores Lourenço de Almeida Moura e Margarida Caixeirinho Teixeira Villas-Boas, aumentado o capital social da sociedade comercial por quotas «FIMILOLA-COMERCIO DE MODAS E LAS, LIMITADA, com sede em Lisboa na Rua José Duro, n.º 31-C», matriculada na Conservatória do Registo Comercial de Lisboa sob o número 20 912, de 4 000 000$00 para 4 050 000$00, sendo o reforço de 50 000$00 subscrito e realizado pela sócia Margarida Caixeirinho Teixeira Villas-Boas; a sócia Maria das Dores Lourenço de Almeida Moura unificou as suas duas quotas numa quota de 1 350 000$00 e alteraram os artigos 3.º, 7.º e 8.º do pacto social que passaram a ter a seguinte redacção:

ARTIGO TERCEIRO

O capital social é de quatro milhões e cinquenta mil escudos, inteiramente realizado em dinheiro e corresponde à soma de três quotas iguais de um milhão trezentos e cinquenta mil escudos cada, pertencendo uma a cada sócio.

ARTIGO SÉTIMO

UM – A gerência da sociedade pertence a todos os sócios que desde já ficam nomeados gerentes.

DOIS – A remuneração dos gerentes será fixada em Assembleia Geral.

ARTIGO OITAVO

A sociedade obriga-se, em juízo e fora dele, com as assinaturas de dois gerentes, sendo uma delas a do sócio Alfredo José Fernandes de Almeida.

E certidão de narrativa sob a forma de extracto e vai conforme com o original. Lisboa, um de Outubro de mil novecentos e oitenta e sete.

D.L. 28/10/1987

TRIBUNAL JUDICIA DA COMARCA DE SETÚBAL

ANÚNCIO

Proc. 42/87
1.ª Sec.-3.º Juízo

FAZ-SE SABER que correm éditos de TRINTA DIAS, contados da data da 2.ª e última publicação deste anúncio, citando os réus JACINTO NAVAS MARTIN e mulher NATÁLIA MARIA BAIÃO VALENTE NAVAS, ausentes em parte incerta e com a última morada conhecida na R. Coronel Luna de Oliveira, N.º 15-4.º Dt.º, em Lisboa, para no prazo de VINTE DIAS, posterior àquele dos éditos, contestarem a ACÇÃO ORDINÁRIA que lhes movem os autores MANUEL ANTÓNIO DE BRITO JACINTO e mulher e FERNANDO DA CONCEIÇÃO SANTOS e mulher, todos residentes na R. das Andorinhas, 17, r/c em Setúbal, sob pena de, não contestando, o processo prosseguir seus termos à sua revelia, e no qual os autores pedem, em resumo: «a condenação dos réus, por incumprimento dos contratos de promessa de compra e venda celebrados entre autores e réus, respeitante às fracções «C» e «D», respectivamente, r/c Dt.º e Esquerdo, do prédio urbano sito na R. das Andorinhas, 17, Peixe Frito-Setúbal, a pagarem aos autores, uma indemnização de 4 000 000$00 por cada fracção, com juros legais, e ainda que seja reconhecido aos autores o direito de retenção sobre as fracções atrás referidas», e como tudo melhor consta do duplicado da petição inicial que fica ao dispor dos réus, na secção supra referida.

Setúbal, 22 de Outubro de 1987

O JUIZ DE DIREITO,

José Azadinho Loureiro

A ESCRIVÁ ADJUNTA,

M.ª de Jesus F. Mão de Ferro Mira

«D.L.» 28/10/87 – 1.ª Pub.

TRIBUNAL CÍVEL
DA COMARCA DE LISBOA

14.º JUÍZO CÍVEL

ANÚNCIO

São citados os credores desconhecidos que gozem de garantia real sobre os bens penhorados aos executados para reclamar o pagamento dos respectivos créditos, pelo produto de tais bens no prazo de dez dias, depois de decorrida a dilação de vinte dias, que se começará a contar da segunda e última publicação do anúncio.

Execução SUMÁRIA n.º 4524, 3.ª secção.

Exequentes – COMPANHIA DE SEGUROS IMPÉRIO, EP, com sede na Rua Garrett, 56 – LISBOA.

Executado – JOAQUIM MOURÃO JACINTO, residente na Rua Fernando Tom, 760/4 – PORTO.

Lisboa, 8 de Outubro de 1987

O Juiz de Direito
(António Pedro F. Ferreira de Almeida)

O Escrivão de Direito Adjunto
(António Dinis Fernandes dos Santos)

«D.L.» 28/10/87 – 1.ª Pub.

TRIBUNAL CÍVEL
DA COMARCA DE LISBOA

13.º JUÍZO

ANÚNCIO

Por este Tribunal correm éditos de trinta dias, que começarão a contar-se da data da 2.ª e última publicação do anúncio citando o réu CELTRANS – SOCIEDADE DE TRANSPORTES INTERNACIONAIS, SARL, ausente em parte incerta, para no prazo de dez dias, findo o dos éditos, contestar querendo a acção, na qual a autora pede a condenação da ré na quantia de 240 406$00 e respectivos juros vincendos à taxa legal, desde a citação sobre a quantia de 194 455$00, custas e procuradoria, tudo em conformidade com a petição inicial cujo duplicado se encontra na Secretaria à disposição do citando.

Acção Sumária n.º 6147, 3.ª Secção. Autor COMPANHIA DE SEGUROS IMPÉRIO, EP, com sede na Rua Garrett, n.º 56, em Lisboa.

Réu CELTRANS – SOCIEDADE TRANSPORTES INTERNACIONAIS, SARL, com última sede conhecida na Rua Cintura Porto, PR – 1 – 3.º E, Matinha, Lisboa.

Lisboa, 19 de Outubro de 1987

O Juiz de Direito
a) Dário Pinto de Andrade Rainho

Pel'O Escrivão de Direito Adjunto
a) Maria Clementina Castanheira Costa

«D.L.» 28/10/87 – 1.ª Pub.

TRIBUNAL CÍVEL DA COMARCA DE LISBOA

6.º JUÍZO

ANÚNCIO

FAZ-SE SABER que no dia 12 de Novembro de 1987, pelas 10 horas, à porta deste Tribunal – 6.º Juízo Cível da Comarca de Lisboa, Palácio da Justica, Rua Marquês da Fronteira –, e nos Autos de Execução de Sentença n.º 1577/A/86 em que é exequente Companhia de Seguros Império, E.P., com sede em Lisboa, na Rua Garrett, n.º 56, e executado Pedro Santa Marinha dos Santos, casado, comerciante, residente na Rua João das Regras, n.º 15, 2.º, A, em Cascais, se há-de proceder à arrematação em hasta pública da quota do valor nominal de Esc. 150 000$00 que o executado possui na Sociedade de Leilões Nova Aliança, Ld.ª, em 1.ª Praça e tendo por proc-base o valor da quota.

Para constar se lavrou o presente anúncio.

Lisboa, 87-10-19

A JUIZ DE DIREITO

as) Cristina Maria Nunes Soares

O ESCRIVÃO ADJUNTO

as) Fernando A.R.B. Santos

«D.L.» 28/10/87 – 1.ª Pub.

TRIBUNAL CÍVEL
DA COMARCA DE LISBOA

9.º JUÍZO CÍVEL

ANÚNCIO

Pelo 9.º Juízo Cível da Comarca de Lisboa e 1.ª Secção correm éditos de vinte dias, contados da segunda e última publicação dos anúncios citando os credores desconhecidos da executada CUNHA-COBRES ARTÍSTICOS, LDA. com sede em Cruz de Agra, Castelo de Paiva, para no prazo de dez dias, posterior àquele dos éditos, deduzirem os seus direitos na Execução Sumária n.º 12 761 movida por a Companhia de Seguros Império EP, desde que gozem de garantia real sobre os bens penhorados. Lisboa, 87/10/12

O Juiz de Direito

a) José Fernando Assis do Nascimento

O Escrivão Adjunto

a) Nuno Rodrigues Ferreira

«D.L.» 28/10/87 – 1.ª Pub.

Um "acto de fé" à conquista dos portugueses

PABLO MILANÉS: QUANDO O "POVO" TOMA CONTA DE UM CASINO

Elsa Andrade

Pablo Milanés conseguiu o impossível: emocionar e tornar participativo o público habitualmente frio do Casino Estoril, que se rendeu ao músico cubano aplaudindo com força «La Vida No Vale Nada» e ouvindo, num silêncio emocionado, «Yolanda». No fim do espectáculo de ontem o músico santomense Gilberto Gil Umbelina resumia com uma simples frase duas horas inesquecíveis: «Ele canta com alma».

Há espectáculos que valem por uns momentos bem passados; outros pela boa música e qualidade técnica do intérprete; outros ainda porque permitem a quem assiste toda uma série de recordações pessoais que se identificam com tempos passados. O concerto de Pablo Milanés foi mais que tudo isso. Foram as músicas bonitas e o profissionalismo dos intérpretes, mas também outras recordações...

Não é possível ouvir «No Vivo en una Sociedad Perfecta» ou «La Vida no Vale Nada» pela voz deste poderoso afro–cubano sem que num canto da memória, mesmo para os mais esquecidos, não desperte uma recordação velha de quase 30 anos de um pequeno barco, de uma difícil serra e de um sonho que não se evaporou.

Com a simplicidade de quem veste uma camisa por fora das calças de ganga e calça umas sapatilhas, Pablo Milanés apresentou–se no palco do Casino frente a um público de fato e gravata para intervalar canções de índole social com canções de amor, porque tudo isso faz parte da vida.

Canções como «Te Quiero Porque Te Quiero» ou «Yolanda» («Não é mais que uma canção, uma declaração de amor...»), dedicadas às mulheres, «à maneira como sentem», emocionaram o público e «casaram» de uma maneira perfeita com a carga de «Amo Esta Isla».

Sentado à frente dos três excelentes músicos que o acompanham — Jorge Aragon (piano e sintetizador), Frank Bejerano (bateria e percussão) e Eduardo Ramos (baixo e guitarra) — o fundador da Nueva Trova cubana conseguiu, com a sua voz melodiosa e o ritmo quente, mexer com a latinidade dos portugueses e pôr os espectadores, sentados à mesa, a bater palmas espontaneamente e a abanar os corpos. Já se assistiu a bons músicos que actuaram no Casino pedirem ao público que os acompanhassem com palmas e mais não conseguirem que uma ovação educada no fim de cada tema. Pablo não precisou de dizer nada... bastou cantar e as palmas surgiram, os corpos mexeram–se, numa mesa ou noutra vozes tímidas acompanharam–no em surdina.

Pablo sabia que o Casino era uma prova de fogo. Ele próprio o admitiu aos jornalistas. Mas foi com uma serenidade absoluta, com a confiança de quem acredita no que diz e com a simplicidade de quem não está habituado a triunfos fáceis que ele se apresentou no palco. E tinha razão: o público rendeu–se.

«Acto de Fé» foi o disco que, entre os seus 14 álbuns de inéditos, Pablo escolheu para editar entre nós, pelo conjunto diversificado de temas que o compõem. E a foto da contra capa, onde numa praça uma multidão o ouve, dá a ideia perfeita do músico: um cantor de espaços abertos onde os corpos se podem balancear.

Cantor quase desconhecido entre nós, onde apenas duas ou três canções suas são ouvidas e não na sua voz, o trovador não precisou desse apoio para ter o público de pé a pedir–lhe para regressar ao palco. Sem espalhafatos, sem cenário, sem conversas, apenas com a sua música.

«Buenos Dias América», uma canção dedicada à América Latina, encerrou o espectáculo. Mas nos bastidores a festa continuou, com a multidão que desceu à cave do casino para lhe pedir um autógrafo, dar–lhe um abraço ou só cumprimentá–lo. Rui Veloso ofereceu–lhe os seus discos, Umbelina chamava–lhe «Pablito», uma argentina foi dar–lhe um beijo pelo prazer de sentir a voz da América em Portugal. Músicos portugueses interrogavam–se por só há dois ou três anos o terem conhecido. E Pablo, cansado, apenas sorria.

TRIBUNAL DE FAMÍLIA DE LISBOA
2.º JUÍZO
ANÚNCIO

Proc. 5068
3.ª Sec.

Pelo 2.º Juízo do Tribunal de Família de Lisboa – 3.ª Secção, Processo n.º 5068/85 correm éditos de TRINTA DIAS, contados da 2.ª e última publicação deste anúncio, NOTIFICANDO MARIA FERNANDA HENRIQUES OSÓRIO PAIS MAMEDE, ausente em parte incerta e com a última residência conhecida na Rua da Damanda, 111 – 3.º Esquerdo – MOÇAMBIQUE, para no prazo de VINTE DIAS, decorrido o prazo dos éditos, contestar querendo, o pedido formulado no Divórcio – Litigioso, que lhe move o Marido: – Eurico Soeiro de Amorim Pais Mamede, O AUTOR, pede que lhe seja decretado o Divórcio entre ambos, baseando este pedido de divórcio no disposto do art.º 1781.º, alínea a) e 1782.º, n.º 1 ambos do Código Civil Português, tudo conforme melhor consta do duplicado da petição inicial, que se encontra à disposição da ré – neste Juízo e Secção.

Lisboa, 14 de Outubro de 1987
O Juiz de Direito
a) Álvaro Dias dos Santos

O Escrivão Adjunto
a) Carlos Fraga Lopes Pereira

«D.L.» 28/10/87 – 1.ª Pub.

S R

MINISTÉRIO DA INDÚSTRIA E ENERGIA
SECRETARIA DE ESTADO DA ENERGIA

Direcção-Geral de Energia

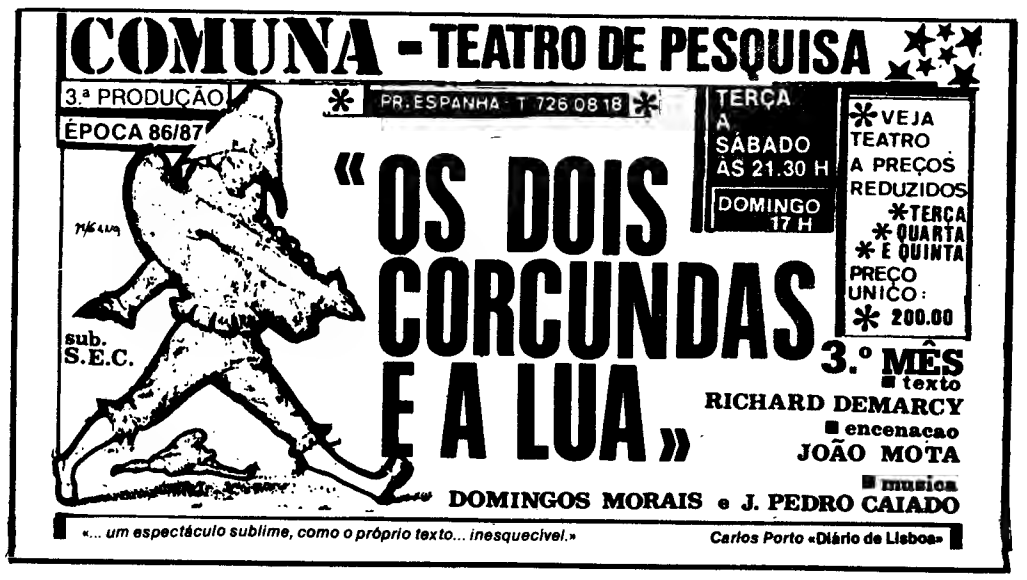
ÉDITOS

Faz-se público que, nos termos e para os efeitos do Art.º 19.º do Regulamento de Licenças para Instalações Eléctricas, aprovado pelo Decreto-Lei n.º 26 852, de 30 de Julho de 1936, estará patente na Direcção de Serviços Regional, sita em Lisboa, na Rua Pascoal de Melo, 81-3.º e na Secretaria da Câmara Municipal odo concelho da Chamusca, em todos os dias úteis, durante as horas de expediente, pelo prazo de quinze dias, a contar da publicação destes éditos no «Diário da República», o projecto apresentado pela EDP - Electricidade de Portugal-EP. Centro de Distribuição Santarém, a que se refere o processo n.º 1/1352, arquivo n.º 7276, para o estabelecimento na freguesia da Carregueira, no concelho de Chamusca, de uma linha MT a 30 KV, para o PT CHM 33C com 2783 metros e origem no apoio n.º 4 A da linha para o PT CHM 5C.

Todas as reclamações contra a aprovação deste projecto deverão ser presentes na referida Direcção de Serviços Regional ou na Secretaria daquela Câmara Municipal, dentro do citado prazo.

Direcção de Serviços Regional de Lisboa, em 14 de Outubro de 1987

Pel'O ENGENHEIRO DIRECTOR DE SERVIÇOS
(assinatura ilegível)



Alfas Triplex
— T. 806496

Alfa 1
OS INTOCÁVEIS
(maiores 16 anos)
14.00, 16.30, 19.00, 21.30 e 24.00 h

Alfa 2
FORÇA DELTA
(maiores 16 anos)
14.15, 16.45, 19.15, 21.45 e 00.15 h

Alfa 3
AS BRUXAS DE EASTWICK
(maiores 16 anos)
14.15, 16.45, 19.15, 21.45 e 00.15 h

Alfa 4
O QUARTO PROTOCOLO
(maiores 12 anos)
14.15, 16.45, 19.15, 21.45 e 00.15 h

Alfa Club
JAMES BOND 007 RISCO IMEDIATO
(maiores 12 anos)
14.15, 16.45, 19.15, 21.45 e 00.15 h

Amoreiras 1
OS INTOCÁVEIS
(maiores 16 anos)
14.00, 16.30, 19.00, 21.30 e 24.00

Amoreiras 2
JAMES BOND 007 RISCO IMEDIATO
(maiores 12 anos)
14.15, 16.45, 19.15, 21.45 e 00.15 h

Amoreiras 3
HUMILHAÇÃO
(maiores 18 anos)
13.30, 15.30, 17.30, 19.30, 21.30 e 24.00 h

Amoreiras 4
O SEGREDO DO MEU SUCESSO
(maiores 12 anos)
14.15, 16.45, 19.15, 21.45 e 00.15 h

Amoreiras 5
O NAVIO
(maiores 6 anos)
14.00, 16.30, 19.00, 21.30 e 24.00 h

Amoreiras 6
FULL METAL JACKET (NASCIDO PARA MATAR)
(maiores 16 anos)
13.45, 15.45, 17.45, 19.45, 21.45 e 24.00 h

Apolo 70
REGRESSO A BOUNTIFUL
(maiores 12 anos)
14.00, 16.30, 19.00 e 21.30 h

Ávila
— T. 539930
JARDINS DE PEDRA
(maiores 12 anos)
14.45, 17.00, 19.10, 21.45 e 23.45 h

Avis
— T. 547163
ENCERRADO

Berna
— T. 776098
OS INTOCÁVEIS
(maiores 16 anos)
14.00, 16.30, 19.00 e 21.30 h

Uma cena do filme «O Sacrifício» realizado por André Tarkovski, distinguido com o prémio especial do júri e o prémio ecuménico pela visão poética de um mundo ameaçado, no Festival de Cannes. Em exibição no cinema Quarteto.

Capitólio
— T. 372358
SEXO NAS NUVENS
(maiores 18 anos)
15.15, 17.30, 19.00, 21.00 e 23.00 h

Castil
T. 530194
AS BRUXAS DE EASTWICK
(maiores 16 anos)
15.30, 18.30 e 21.30 h

Cinebolso
NOVIDADES SEXUAIS
(Int. m. 18 anos)
12.30, 14.30, 16.45, 19.00, 21.30 e 23.30 h

Cine Camões
T. 324194
ENTRE LOUCURA O CRIME
(maiores 16 anos)
14.15, 16.30 e 21.30 h

Cine 222
— T. 579460
VOANDO SOBRE UM NINHO DE CUCOS
(n/acons. m. 18 anos)
14.00, 16.30, 19.00 e 21.30 h
ANDRÓIDE
(n/acons. m. 18 anos)

Cine Portela
— T. 9434773

Estúdio Ansalca
ACADEMIA DE POLÍCIA 4 – A PATRULHA DO CIDADÃO
(M/6 anos)
16.00 e 21.45 h

Estúdio Sheza
PREDADOR
(maiores 16 anos)
15.30 e 21.30 h

City Cine
— T. 549999
É DIFÍCIL DIZER ADEUS
(maiores 12 anos)
14.30, 16.45, 19.00 e 21.30 h

Condes
— T. 322523
ROBOCOP – O POLÍCIA DO FUTURO
(maiores 18 anos)
14.00, 16.30, 19.00 e 21.30 h

Eden
— T. 320768
A LUTA PELA VIDA
(maiores 12 anos)
14.00, 16.30, 19.30 e 21.30 h

Estúdio
— T. 555134
NOVE SEMANAS E MEIA
(maiores 18 anos)
14.30, 17.00, 19.30 e 21.30 h

Estúdio ACS
— T. 887255
SUPERMAN III
(n/acons. m. 6 anos)
15.30, 18.30 e 18.30 h

Estudio 444
— T. 768078
ROBOCOP — O POLÍCIA DO FUTURO
(maiores 18 anos)
15.00, 17.00, 19.00 e 21.30 h

Fonte Nova
— T. 7145109

Sala 1
O PREDADOR
(maiores 16 anos)
14.30, 16.45, 19.00 e 21.30 h

Sala 2
QUE SORTE DANADA
(maiores 16 anos)
14.45, 17.00, 19.15 e 21.45 h

Sala 3
PIRATAS
(maiores 12 anos)
14.15, 16.30, 18.45 h

Gemini
— T. 734009
O ÚLTIMO COMBOIO DO KATANGA
(n/acons. m. 18 anos)
14.00, 16.30, 19.00 e 21.30 h

Hollywood
— T. 806847

Sala 1
ROBOCOP – O POLÍCIA DO FUTURO
(maiores 18 anos)
14.30, 16.45, 19.00, 21.30 e 24.00 h

Sala 2
OS DIAS DA RADIO
(maiores 12 anos)
14.15, 16.30, 18.45, 21.30 e 23.45 h

Império
— T. 555134
BLUE CITY – CIDADE CORRUPTA
(maiores 12 anos)
14.30, 18.00 e 21.15 h

Las Vegas
— T. 631162

Sala 1
ROBOCOP – O POLÍCIA DO FUTURO
(maiores 18 anos)
14.00, 16.15, 19.00 e 21.30 h

Sala 2
CRÓNICA DE UMA MORTE ANUNCIADA
(maiores 12 anos)
14.00, 16.30, 19.00 e 21.45 h

Londres
— T. 801313
OS DIAS DA RÁDIO
(maiores 6 anos)
14.00, 16.30, 19.00 e 21.30 h

Mundial
— T. 538743

Sala 1
OS INTOCÁVEIS
(maiores 16 anos)
13.45, 16.15, 18.45 e 21.30 h

Sala 2
BLUE VELVET — VELUDO AZUL
(maiores 16 anos)
14.00, 16.30, 19.00 e 21.15 h

Sala 3
FULL METAL JACKET (NASCIDO PARA MATAR)
(maiores 16 anos)
14.15, 16.45, 19.15 e 21.45 h

Nimas
— T. 574362
AS BRUXAS DE EASTWICK
(maiores 12 anos)
14.00, 16.30, 19.00 e 21.30 h

Odeon
— T. 326283
FREIRAS PERVERSAS
(maiores 18 anos)
14.30, 16.45, 19.00 e 21.30 h

Olímpia
T. 325309
BORRACHOS EM FOGO
A partir das 14 horas
Sessões contínuas
(Int. men. 18 anos)

Pathé
— 821933
CORRIDA PARA O ABISMO
(maiores 18 anos)
14.00, 16.30 e 21.00 h

Politeama
T. 326305
BLUE CITY – CIDADE CORRUPTA
(maiores 12 anos)
14.15, 16.30, 19.00 e 21.30 h

Quarteto
T. 771378

Sala 1
O REGRESSO DE BOUNTIFUL
(maiores 16 anos)
14.30, 16.45, 19.00 e 21.30 h
A PAIXÃO DE SWANN
(n/acons. m. 16 anos)
23.45 h

Sala 2
JARDINS DE PEDRA
(maiores 12 anos)
14.30, 16.45, 19.00 e 21.30 h
OS 7 MAGNÍFICOS
(maiores 13 anos)
23.45 h

Sala 3
MELO
(maiores 16 anos)
14.30, 16.45, 19.00 e 21.300 h
OS ANOS DE TODOS OS PERIGOS
(maiores 12 anos
00.45 h

Sala 4
O SACRIFÍCIO
(maiores 12 anos)
15.00, 18.45 e 21.30 h
DESESPERADAMENTE PROCURANDO SUSANA
(n/acons. m. 12 anos)
24,00 h

Roma
T. 889192
MANOBRAS PRIVADAS
(maiores 12 anos)
14.00, 16.30, 19.00 e 21.30 h

Roxy
T. 548560
MANOBRAS PERIGOSAS
(maiores 12 anos)
14.00, 16.30, 19.00 e 21.30 h

S. Jorge
T. 579144

Sala 1
OS INTOCÁVEIS
(maiores 16 anos)
15.15, 18.15 e 21.15 h

Sala 2
FULL METAL JACKEY
(maiores 16 anos)
14.15, 16.45, 19.15 e 21.45 h

Sala 3
JAMES BOND 007 – RISCO IMEDIATO
(maiores 12 anos)
14.00, 16.30, 19.00 e 21.30 h

7.ª Arte
— T. 730715
FULL METAL JACKEY (NASCIDO PARA MATAR)
(maiores 16 anos)
14.45, 17.00, 19.10, 21.45e 24.00 h

Star
— T. 804210
AS BRUXAS DE EASTWICK
(maiores 16 anos)
14.30, 16.45, 19.00 e 21.30 h

Terminal
— T. 371573
FULL METAL JACKEY (NASCIDO PARA MATAR)
(maiores 16 anos)
13, 15, 17, 19, 21.30 e 23.45 h

Tivoli
— T. 570595
QUE SORTE DANADA
(maiores 16 anos)
14.00, 16.30, 19.00 e 21.30 h

Turim
T. 706666
BORRACHOS QUENTES EM NEVE FRIA
(maiores 12 anos)
15.00, 17.30 e 21.30 h

Xenon
T. 368480
A ESPADA ENCANTADA
(maiores 12 anos)
14.15, 16.30, 19.00 e 21.30 h

Zodíaco
— T. 570151
Exibição permanente de filmes indianos
(m. 13 anos)
15.15, 18.15 e 21.30 h

Linha de Sintra
AMADORA — Cineteatro — «O Segredo do Meu Sucesso», às 15.00 e 21.30 h (maiores 12 anos).
«O Soldado» às 24.00 (maiores 18 anos)
AMADORA — Cinestúdio — «Os Dias da Rádio», às 15.30 e 21.30 h (maiores 6 anos).
AMADORA — Babilónia — «As Bruxas de Eastwick», às 14.00, 16.45, 19.00, 21.30 e 23.45 h (m/16 anos).
ALGUEIRÃO — Cine Teatro Chaby — «Taxi Driver», às 15.30 e 21.30 h (maiores 18 anos).

CACÉM — Cinestúdio Flores — Encerrado para descanso do pessoal.

MEM MARTINS — Estúdio Dois Eme — «Três Amigos», às 15.30, 18.00 e 21.30 h (maiores 6 anos).

Linha de Cascais
ESTORIL — Casino Estoril — «O Navio», às 17.00 e 21.15 h (maiores 6 anos).
ALGÉS — Cinema 2000 — «O Segredo do Meu Sucesso», às 15.30, 18.30 e 21.30 h (maiores 12 anos).
LINDA-A-VELHA — Cinetropical — «O Expresso da Meia-Noite», às 15.30 e 21.30 h (maiores 18 anos).
OEIRAS — Alto da Barra — Sala 1 — «Crónica de uma Morte Anunciada», às 15.15, 18.45, 21.30 e 24.00 h (maiores 12 anos.
Sala 2 — «Massacre em S. Francisco», às 15.30, 19.00, 21.45 e 24.00 h
CARCAVELOS — Atlântida Cine — «Salvador», às 15.30 e 21.30 h (maiores 12 anos).
CASCAIS — Miramar — Sala 1 — «007 — Risco Imediato», às 15.15, 18.45 e 21.30 h (maiores 12 anos).
Sala 2 — «Nascido para Matar», às 15.30, 19.00 e 21.45 (maiores 16 anos).

Outra Banda
ALMADA — Academia — «007 – Risco Imediato», às 15.30, 18.15 e 21.30 h (maiores 12 anos).

ALMADA — Cinestúdio Almada — «007 Risco Imediato», às 15.30, 18.15 e 21.30 h (maiores 12 anos).

ALMADA — Incrível Almadense — «Duas Vezes numa Vida», às 15.30 e 21.30 h (maiores 12 anos). «Rocky I» às 24.00 h (maiores 18 anos).

COVA DA PIEDADE — Clube Piedense — «O Sonho Americano», às 15.30 e 21.30 h (maiores 12 anos).

COSTA DE CAPARICA — Oceano — Sala 1 — «Que Sorte Danada», às 15.15, 17.30 e 21.30 h (maiores 16 anos).
Sala 2 — «O Expresso da Meia-Noite», às 15.30, 17.45 e 21.45 h (maiores 18 anos).
BARREIRO — Cinestúdio Barreirense — «Veludo Azul», às 15.30 e 21.30 h (maiores 16 anos).

ROTEIRO CULTURAL

PODE VER

FÁTIMA VAZ NA "ANA ISABEL"

Fátima Vaz, de quem Sílvia Chicó diz que «inventa novas formas que nunca se identificam, mas que possuem uma grande capacidade invocativa, e que por vezes títulos humorísticos ajudam a situar», tem agora expostos trabalhos seus na Galeria Ana Isabel, na R. da Emenda, 111-1º, até ao dia 21 de Novembro.

De Fátima Vaz, pode–se começar por escrever que, terminado o curso de Pintura em 1970, na ESBAL, começou por expor individualmente um ano depois, na Galeria 111 (repetição em 1973), aparecendo na «Ana Isabel» em 1981. Anteriormante, tinha feito parte de colectivas (anos 69 e 70) na Quadrante de Lisboa e na Alvarez do Porto. Desde então, a presença de Fátima em exposições colectivas foi regularíssima: alternando com participações em exposições, festivais e bienais, em Portugal e no estrangeiro (assinale–se em 1972 um prémio na I Bienal de Artistas Novos de Vila Nova de Famalicão), Fátima Vaz esteve representada em Luanda, Museu de Hudson River, Barcelona, Brasília, S. Paulo e Rio de Janeiro, Belgrado e Paris. A colecção da Fundação Calouste Gulbenkian conta com obras suas.

Ainda recorrendo a Sílvia Chicó, pode ler–se no catálogo da mais recente exposição da pintora: «Actualmente, e depois de uma larga experiência de trabalho em Patchwork, em que como sabemos a adição de diferentes materiais é essencial, Fátima Vaz traduz algo dessa experiência em Pintura, sem todavia abandonar um clima de encantamento, e de ludismo que a conduz ao feérico, ao onírico e a uma poética de infância».

EXPOSIÇÕES

POLIGRUPO/RENASCENÇA (R. Ivens, 14): exposição de fotografias de André Gomes intitulada «Imago Operae». Misto de reportagem e de recriação, a mostra está patente até 20 de Novembro podendo ser visitada nos dias úteis das 9 às 20. Durante a inauguração, esta tarde a partir das 18,30, será apresentado um recital de canto e piano, interpretado por Manuela Castanni e João Paulo Santos.
BRITISH COUNCIL (R. Cecílio de Sousa, 65): até 11 de Novembro, de segunda a sexta das 10 às 18, pintura de Julienne Knight.
ESCADA-Centro de Arte (R. da Bela Vista à Graca, 81-A): Pintura de Dora Iva Rita e Ilídio Salteiro; Escultura de João Duarte, até 21 de Novembro de segunda a sexta das 14 às 20, sábados das 10 às 14.
MERCADO DOS ESCRAVOS (Lagos): pintura de Virgílio Raposo.
PALÁCIO DO EGIPTO (Oeiras): por iniciativa da Câmara Municipal, uma exposição de vinte artistas portugueses até 9 de Novembro, com a participação de Ana Vieira, Angelo Sousa, Fernando Azevedo, Graça Morais, Helena Almeida, João Jacinto, João Vieira, Jorge Martins, José Guimarães, Júlio Pomar, Justino Alves, Miguel D'Alte Menez, Pedro Chorão, Pires Vieira, Rocha Pinto, Sérgio Costa, Vieira da Silva, Nikias Skapinakis e Rui Paes.
JUNTA DE TURISMO DA ERICEIRA: desenho e pintura a óleo de José Júlio Barros até 31 de Outubro.
MUSEU JOSÉ MALHOA (Caldas da Rainha): até 28 de Novembro, em colaboração com o Instituto Alemão, a exposição «Paisagens», que integra meia centena de obras de pintura, gravura e serigrafia da autoria de 17 artistas contemporâneos alemães, todos eles galardoados no seu país, a RFA.
MOINHO DE MARÉ DE CORROIOS: Exposição de Arte e Cultura dos Trabalhadores do Arsenal do Alfeite, uma iniciativa da Câmara Municipal do Seixal até 1 de Novembro.
GALERIA DE ARTE DE TAVIRA: até 20 de Novembro, «A Arte da Tapeçaria e do Têxtil», com obras de Cláudia Lima, Dália Lacerda Machado, Eveline Martin, Helena Felícia, Ilídia Soares Lopes, Pedro Frederico e Teresa Ribeiro.
GALERIA DE ARTE «A GRADE» (Aveiro): colectiva de pintura de artistas radicados na comunidade portuguesa da África do Sul, até 7 de Novembro.
CASA DA CULTURA DAS CALDAS DA RAINHA: até 15 de Novembro, uma exposição colectiva de artesanato do estabelecimento Prisional de Vale de Judeus, com trabalhos de pintura, sisal, couro, madeira, vidro e cerâmica.
GALERIA GIOCONDA (Carcavelos): Pintura de Milhais Reis até 14 de Novembro, de segunda a sábado das 9 às 13 e das 15 às 19, domingos das 9 às 14.
GALERIA ANA ISABEL (R. da Emenda, 111-1º): pintura de Fátima Vaz até 21 de Novembro, de segunda a sábado das 14 às 19.
CENTRO CULTURAL DO ALGARVE (Faro): exposição «Barcos», de João Mira.
GALERIA QUADRADO AZUL (R. de Costa Cabral-Porto): até 11 de Novembro, uma exposição de fotografia de Manuel Magalhães. Patente de terça a domingo das 10 às 12 e das 15 às 22.
GALERIA MONUMENTAL (Campo Mártires da Pátria, 101): até 10 de Novembro, duas exposições individuais de pintura, de José António Cardoso e de Manuel San Payo, de terça a domingo das 15 às 20.
ARTE MIXTA (R. S. Domingos à Lapa, 6): exposição de pintura e escultura intitulada «Oceano Atlântico» com trabalhos de António Matos, António Quina, Isabel Augusta, Jasmim, Luís Cruz, Luisa Correia Pereira, Mateus, Pedro Homem de Melo e Teresa Silva.
GULBENKIAN (zona dos congressos): arte textil argentina, uma exposicão de 30 tapeçarias de grandes artistas argentinas com a colaboração da embaixada deste país.
HOSPITAL DE SANTA MARIA (sala de exposições da AE, bloco central piso 01): pintura de Paulo Simões (médico e pintor) até 30 de Outubro.
TAPEÇARIAS DE PORTALEGRE (R. Academia das Ciências, 2-J): tapecarias sob cartões de Almada, Botelho, Cargaleiro, Costa Pinheiro, Cruzeiro Seixas, Le Corbusier, Lourdes Castro, Menez, Pomar, Tom Philips e Vieira da Silva. Em exposição temporária, escultura de José Pedro Croft, José Rodrigues e Zulmiro de Carvalho.
BIBLIOTECA NACIONAL: até 30 de Outubro, exposição «100 Anos de Anarquismo em Portugal: 1887-1987», de segunda a sexta das 10 às 17.
MUSEU DO TRAJE: tecidos de Ana Gonçalves.
FORUM VISEU: exposição de gravura da polaca Ewa Salatecka.
GALERIA DO PÁTEO ALFACINHA: até 29 de Outubro, uma exposição de pintura de Francisco Gaia, todos os dias das 15 às 22.
GALERIA NOVO SÉCULO (R. do Século, 23-A): até 31 de Outubro, de terça a sábado das 14 às 20, uma exposição de esculturas (ardódias de Valongo) da autoria de Luis Cruz.
GALERIA NEUPERGAMA (Torres Novas): pintura de Carlos Carreiro, Lima de Freitas, Noronha da Costa e Rogério Amaral. Até 2 de Novembro, de segunda a sexta das 14 às 20, sábados das 10 às 13 e das 16 às 18.
GALERIA BERTRAND DO CHIADO: exposição de pintura de Marcos Duprat.
BIBLIOTECA MUNICIPAL DO BARREIRO: até 31 de Outubro, uma exposição sobre a vida e obra de Manuel Cabanas.
MUSEU DA MARINHA: exposição fotográfica «DoAtlântico ao Pacífico» da autoria de Vasco Calixto.
GALERIA DE S. FRANCISCO (R. Ivens, 40): exposição de homenagem ao pintor Peniche Galveias, de segunda a sexta das 10 às 13 e das 15 às 19, sábados das 10 às 13.
TEATRO MIRITA CASIMIRO (Estoril): por iniciativa da Câmara Municipal de Cascais, a exposicão «Oeiras por 5000 Anos», uma mostra fotográfica sobre as várias escavações já realizadas.
GALERIA VIRAGEM (Cascais): 1ª exposição Viragem de Desenho e Gravura, todos os dias das 15 às 19.
SNBA (R. Barata Salgueiro, 36): escultura de José Esteves.
MERIDIEN DO PORTO: escultura de Carlos Barreira, Carlos Marques, João Antero e Zulmiro de Carvalho.
CENTRO CULTURAL SÃO LOURENÇO (Almancil: pintura de Jules Heyndels «O Outro Algarve», até 14 de Novembro. Em exposição permanente no Centro Cultural, obras de João Cutileiro, Gunter Grass, José de Guimarães, Jorge Mealha, Susan J. Norrie e Glyn Uzzell.
GALERIA GILDE (S. Torcato-Guimarães): pintura e gravura de Paiva Raposo, de terça a domingo das 15 às 19.

CONFERÊNCIAS

MUSEU NACIONAL DE ARTE ANTIGA: no âmbito da exposição «Desenhos dos Gali Bibiena», o dr. Manuel Carlos de Brito, da Escola Superior de Música de Lisboa profere às 18,30 uma conferência sobre «A Corte Portuguesa e a Ópera (1750-1792).
HOTEL ALTIS (sala Alvorada): por iniciativa do Sindicato dos Jornalistas, uma conferência (às 18,30), pelo prof. George Kennedy sobre «Democracia e Jornalismo Responsável».

MÚSICA

TEATRO MARIA MATOS: às 17,30, concertos didácticos com notas explicativas e diálogo com o público - hoje, e dias 30 e 31 - pela Orquestra Sinfónica Juvenil dirigida pelo maestro Christopher Bochmann. Obras de Schubert, Bach, Britten, Mozart e Fauré.
CAPELA DA UNIVERSIDADE (Coimbra): às 21,30, «I Encontro da Alta Coimbrã», homenagem ao compositor Carlos Seixas com um concerto pela organista holandesa Dorthy de Rooij, apreentação de Manuel Augusto Rodrigues; introdução e comentários de Tobias Cardoso.

CINEMA

CINEMATECA PORTUGUESA: às 18,30 «Páginas Imortais»/1939 de Carl Frolich, com Zarah Leander e Marika Rokk. Legendado em português. Às 21,30, prossegue o ciclo de cinema chinês com o filme «Distúrbios no Palácio Celestial/O Rei dos Macacos»/ 1961, de Wan Laiming. Desenhos animados, legendado em francês.

ESPECTACULAR

ESPECTACULAR

A vida de um escriba que passa seus dias avaliando os sucessos do mundo dos espectáculos (aspectos marginais, pois, quanto à crítica, há locais e nomes próprios no **Diário de Lisboa**) *é uma vida desgraçada, mal lhe vai dando para a bucha. A culpa é da mesquinhez do meio.*
Eu, se me visse na América, não cuidem que me entregava às fadigas da Arte. Isso nunca. Se lá estivesse, tratava era logo de me casar com uma actriz.
Não percebem? Vejam só o que acontece presentemente com o divórcio da Joan Collins. Divórcio contencioso. O marido não quer a separação. Mas aceita-a desde que a actriz lhe outorgue uma pensão de onze mil contos... por mês... Sim, isto só resulta na América. Ser marido de actriz em Portugal, significa que ele é que tem de manter a casa. A menos que... a menos que ele também seja actor.
Então, em caso de divórcio, não há cheta para ninguém. Assim vai o teatro em Portugal.

José Mirandum

MÉDICO DE URGÊNCIA

76 61 71
76 61 78
76 61 79

Farmácias

Lisboa — AREEIRO - APEADEIRO: Nova Lisboa, R. Guilhermina Suggia, 12 (T. 87721); **BAIRRO MONTE PEDRAL: Zema**, R. General Justiniano Padrel, 21-A (T. 832580); **CAMPO DE OURIQUE: Lobel**, R. Infantaria 16, 98-B (T. 688807); **ESTEFÂNIA: Mundial**, L. D. Estefânia, 10 (T. 545578); **JOÃO XXI: Onilda**, Av. João XXI, 13-A (T. 886848); **LUMIAR: Alameda**, Al. das Linhas de Torres, 201-B (T. 790942); **MARTIM MONIZ: Ferrão**, R. da Mouraria, 12-16 (T. 860464); **MERCADO DO CHILE: Alcalis**, R. Carvalho Araújo, 46-B (T. 841708); **OLIVAIS NORTE: Centra dos Olivais**, R. Alferes Barrilaro Ruas, 7-C (T. 315539); **PALHAVÃ: Aguiar**, Av. Columbano Bordalo Pinheiro, 98-A (T. 720934); **PARQUE EDUARDO VII: Gomes**, R. Rodrigo da Fonseca, 101-A (T. 682333); **SANTO AMARO: Correia Azevedo**, R. Luís de Camões, 42-B (T. 638625); **CARNAXIDE: Central de Carnaxide**, Av. de Portugal, 16-B (T. 2184913); **COLINA DO SOL - BRANDOA - AMADORA: Vidal Reis**, Urbanização Alfornelos, célula G, lote 35 (T. 996540); **ODIVELAS: Catela Tavares**, R. Prof. Dr. Augusto Abreu Lopes, 29-A (T. 9815446); **PONTINHA: Pontinha**, E. de Santo Elói, 4, lote SE (T. 990220).

REFORÇO — AJUDA: Lídia Almeida, C. da Ajuda, 170 (T. 637318); **ALVALADE: Cartaxo**, Av. da Igreja, 21-C (T. 897958); **AVENIDAS NOVAS: Valle**, Av. Marquês de Tomar, 47 (T. 773043); **BENFICA - IGREJA: Marques**, E. de Benfica, 648 (T. 700096); **CAMÕES: Andrade**, R. do Alecrim, 125-127 (T. 322328); **CAMPO DE SANTANA: Peninsular**, Campo dos Mártires da Pátria, 117-118 (T. 553308); **CAMPOLIDE: Pátria**, C. dos Mestres, 30-A (T. 680627); **LAPA: Rodrigues & Aires**, R. da Lapa, 52-54 (T. 662246); **PENHA DE FRANÇA: Central da Penha**, R. da Penha de França, 58-60 (T. 849245); **PICHELEIRA: Marluz**, C. da Picheleira, 140-B-C e R. Prof. Mira Fernandes, MAF (T. 880703); **VALE FORMOSO - POÇO DO BISPO: Barros Gouveia**, R. Vale Formoso de Cima, 79-B (T. 855180); **BURACA - AMADORA: Gaspar Pote**, R. das Gaias, lote 16, Bairro Zambujal (T. 902221); **OLIVAL BASTO: Nova**, R. dos Açores, 11-A (T. 9810305); **PRIOR VELHO: Matos**, T. das Prioras (T. 2519939).

Outra Banda — ALMADAA: Algarve, R. Fernão Lopes, 1 (T. 275271). Permanente; **COVA DA PIEDADE: Avelar da Silva**, R. Dr. Alberto Araújo, 19-A (T. 2750337). Permanente; **MONTE DE CAPARICA: Guerreiro**, lote 31-I-J, Moinho (T. 2950727). Até às 19 horas; **COSTA DE CAPARICA: Chai**, Av. General Humberto Delgado (T. 2403218). Até às 19 horas; **LARANJEIRO: Moderna**, R. Dr. António Elvas, 8-A (T. 2290305). Até às 22 horas; **SESIMBRA: Lopes**, R. Cândido dos Reis, 13 (T. 2233028). Até às 19 horas; **LAVRADIO: Parreira**, R. D. Silva Cristino, 15-A (T. 2042016). Até às 19 horas; **BARREIRO: Avenida**, Av. Alfredo da Silva, 88 (T. 2073212). Permanente; **BAIXA DA BANHEIRA: Nova Fátima**, E. Nacional, 244-A (T. 2040141). Até às 19 horas; **CORROIOS: Universo**, E. Nacional, 10 (T. 2290084). Até às 19 horas; **AMORA: Nobre Guerreiro**, R. Dr. Emídio G. Mendes. 314 (T. 2212923). Até às 22 horas; **SEIXAL: Godinho**, L. da Igreja, 51 (T. 2213580). Até às 22 horas; **MONTIJO: Giraldes**, R. Almirante Reis, 45 (T. 2310008). Até às 22 horas; **MOITA: União Moitense**, Av. Dr. Teófilo Braga (T. 239025). Até às 19 horas; **ALHOS VEDROS: Portugal**, Av. da Bela Rosa, 8 (T. 2040250). Até às 19 horas; **ALCOCHETE: Nunes**, L. Coronel Ramos da Costa, 10 (T. 2340137). Até às 19 horas; **SETÚBAL: Higiene**, R. Frei Agostinho da Cruz, 51 (T. 22408). Permanente; **Bonfim**, Av. Rodrigues Manito, 12 (T. 24558). Permanente; **Bairros**, R. Rodrigues F. Costa, 27 (T. 23330). Até às 22 horas.

Linha de Cascais — ALGÉS: Cabrita, P. de Miraflores, lote 12 (T. 4101486). Permanente; **LINDA-A-VELHA: Moderna**, Av. 25 de Abril, 30-C (T. 4191235). Até às 19 horas; **TIRES: Guimarães**, L. Duartes, lote A, r/c (T. 2441616). Até às 22 horas; **ALCABIDECHE: Carvalho**, B. Padre P. Correia, 4 (T. 2690363). Até às 22 horas; **PORTO SALVO: Ferreira Bastos**, R. D. Firmino Rebelo (T. 2421015). Até às 22 horas; **CAXIAS: Nova**, R. Bernardim Ribeiro, 1-A (T. 2432839). Permanente; **MALVEIRA DA SERRA: Luz**, E. Nacional (T. 2850635). Até às 22 horas; **OEIRAS: Alcântara Guerreiro**, P. Residencial Dr. Augusto de Castro, lote 10 (T. 2430691). Até às 22 horas; **CARCAVELOS: Vilar**, Av. Maria da Conceição, lote B (T. 2470777). Permanente; **SÃO DOMINGOS DE RANA: Godinho da Silveira**, R. Afonso de Albuquerque, lote B (T. 2470361). Até às 22 horas; **PAREDE: Macau**, R. José Elias Garcia, 42 (T. 2471785). Permanente; **SASSOEIROS: Amaral Semblano**, Quinta das Encostas (T. 2461312). Até às 22 horas; **BIRRE: Imani**, lote 7-B, Hera (T. 2852121); **MADORNA: Madeira**, R. A (T. 2476326). Até às 22 horas; **AMOREIRA: Abrantes**, Vivenda Maria Carlos Anjos (T. 2682313). Até às 22 horas; **ESTORIL: Marques dos Santos**, R. Ferreira J.A., 15 (T. 260116). Até às 22 horas; **CASCAIS: Misericórdia**, R. do Regimento 19, 41 (T. 280141). Permanente.

Linha de Sintra — AMADORA: Amadora, P. 25 de Abril, 3-A (T. 4935518). Permanente; **Campos**, R. lias Garcia, 185 (T. 4930072). Até às 22 horas; **DAMAIA: Lemos**, R. de Goa, 21-A (T. 971121).; Até às 22 horas; **QUELUZ: O'Neill Pedrosa**, R. Casal do Olival, lote A-3, Massamá (T. 4377205). Permanente; **CAMARATE: Batalha**, R. Avelino S. Oliveira, 5 (T. 2571069). Até às 19 horas; **CACÉM: Garcia**, Av. dos Missionários, 2 (T. 9242181). Permanente; **MEM MARTINS: Cristina**, Av. Vitorino Nemésio, 14-A (T. 9214820). Permanente; **MERCÊS: Claro Russo**, R. Abade de Faria, 2-A (T. 9215275). Até às 22 horas; **RINCHOA: Cargaleiro Lourenço**, C. da Rinchoa, 38 (T. 9262006). Até às 22 horas; **SINTRA: Simões**, R. Heliodoro Salgado, 26 (T. 9230832). Permanente; **COLARES: Abreja** (T. 9290088).

DL TEATROS

Teatro ABC

Parque Mayer — Tel. 36 67 45

De 3.ª a 6.ª-feira, às 20.30 e 22.45; sábados e feriados, às 16.00, 20.30 e 22.45; domingos, às 16.00 e 21.30

«LISBOA, TEJO E TUDO», de César de Oliveira, Raul Solnado e Fialho Gouveia. Encenação de César de Oliveira.

Maria Matos

Av. Frei Miguel Contreiras, 52 — Tel. 89 70 17 e 36 17 40

De 3.ª a domingo, às 20.30 e 22.45; domingos, às 16.00

«**TOMA LÁ REVISTA**«, de Henrique Santana e Francisco Nicholson, com a colaboração de Mário Zambujal. Direcção e criação coreográfica de Magda Cardoso. Direcção e encenação de Francisco Nicholson. Interpretação de Eugénio Salvador, Simone deOliveira, Francisco Nicholson, Delfina Cruz, Carlos Cunha e Marina Mota.

Teatro Villaret

Av. Fontes Pereira de Melo, 30-A — Tel. 538586

De 3.ª a domingo, às 21.30; domingos, às 16.00

«**CRIADA PARA TODO O SERVIÇO**», de Barrilet e Grédy. Adaptação e encenação de Armando Cortez. Cenário de Miguel Sá Fernandes. Interpretação de Florbela Queirós, Armando Cortez, Manuela Maria, Norberto de Sousa e Alexandra Pereira.

Teatro Aberto

P. de Espanha — Tel. 77 09 69

De quarta a sábado, às 21.30; sábados e domingos, às 16.00

«**A DAMA DO MAXIM'S**«, de George Feydeau. Pelo **Novo Grupo**. Tradução: Luiz Francisco Rebello, Vera San Payo Lemos e João Lourenço. Encenação: João Lourenço. Cenários: Nuno Carinhas. Figurinos: Vera Castro. Música: Eduardo Paes Mamede.

Caixa Económica Operária

R. Voz do Operário, 64. Telef. 875610. De 3ª a sáb. às 21.30. Dom. às 16

KARTOTEKA, de Tadeusz Rozewicz, pelo Contra Regra. Enc. de Antonino Solmer. Música de Carlos Zíngaro.

A Comuna

P. de Espanha — Tel. 726 08 18

Sala principal

De terça a sábado às 21.30. Domingos às 17.00

«OS DOIS CORCUNDAS E A LUA», de Richard Demarcy. Enc. João Mota. Interp. Carlos Paulo, Paulo Ferreira, Jorge Loureiro, entre outros. M./6 anos.

Teatro Ginasio

R. Nova da Trindade, 5 — Tel. 32 03 96

De terça a domingo, às 21.00

«**CALDERÓN**«, de Pier Paolo Pasolini. Tradução: Mário Feliciano e António Barahona. Encenação: Mário Feliciano. Cenários: José João Freitas. Figurinos: José Gonçalves. Interpretação: António Fonseca, Bibi Perestrelo, Cármen Santos, Fernanda Cardoso, Fernando Oliveira, João Cabral, Jorge Sequerra, Júlia Correia, Luísa Cruz, Marques d'Arede e Teresa Mónica. Últimas representações.

Teatro Nacional D. Maria II

Rossio — Tel. 37 22 46

Rossio, Telef. 372246. De 3.ª a sáb., às 21.30, sáb. e dom. às 16.

GUERRAS DE ALECRIM E MANGERONA, de António José da Silva. Enc. de Carlos Avilez, Int. de Manuel Coelho, João de Carvalho, Carlos Pimenta, S. José Lapa, Catarina Avelar, Paula Mora, Fernanda Borsatti, António Anjos e Vítor Ribeiro.

Porto — Sala Povo Portuense

R. de Camões, 578 — Tel. 28 344

De 3.ª a domingo, às 21.45

«**TIO VÂNIA**«, de Anton Tchekov. Pelo Seiva-Trupe. Encenação de Fernando Umaña. Interpretação de Júlio Cardoso, Estrela Novais, Alfredo Correia, Glória Férias, Alberto Quaresma e Laura Perry.

Centro de Arte Moderna

R. Nicolau Bettecourt — Tel. 73 43 09

De 3.ª a sábado, às 21.30; domingo, às 11.00

«**CHARCUTERIE FINE**«, de François-Louis Tilly. Tradução de Luiza Neto Jorge. Direcção de Jean-Pierre Tallhade. Interpretação de José Carvalho, Fernanda Neves, Luís Castro, Cremilda Gil e F. Pedro Oliveira.

Porto — Sede da Caixa de Pandora

R. de N. Senhora de Fátima

«**O MARINHEIRO**«, de Fernando Pessoa. Pela Caixa de Pandora. Encenação de Fernando Costa. Interpretação de Odete Correia, Rosália Rocha e La Salette Alvaro.

Teatro dos Modestos

R. Gonçalo Cristóvão, 190 — Tel. 2 04 12

Dias 1, 2 e 3, às 21.30; dia 4, às 18.00

«**A NOITE DA SENHORA LUCIANA**«, de Copi. Por «Os Comediantes». Encenação de Fernanda Lapa. Interpretação de João Cardoso, João Paulo Costa, Rosa Quiroga, Teresa Nunes e Emília Silvestre.

Porto — Teatro do Realejo

Dia 21, às 21.30

«**MULHER AO MAR**«, de Graça dos Santos e Felicite dos Santos. Pelo Groupe de Théâtre Cá e Lá. Encenação das autoras. Interpretação de Graça dos Santos.

Porto — Teatro Sá da Bandeira

R. Sá da Bandeira, 108 — Tel. 22 550

De 2.ª a domingo, às 21.30; sábado, às 20.30 e 23.00; domingo, às 16.00 e 21.30

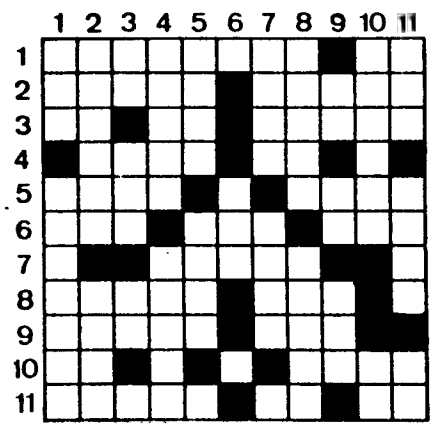
«**AQUI HÁ FANTASMAS**«, de Henrique Santana. Direcção de João Quintão. Interpretação de Henrique Santana, Rita Ribeiro, Helena Matos, Henrique Santos e Carlos Quintas.

PALAVRAS CRUZADAS

COM PROVÉRBIO PROBLEMA N.º 17 169

HORIZONTAIS:

1 — Cabelo raro e curto. Abreviatura da palavra inglesa mister (senhor).
2 — História. Rebolei.
3 — Nome de letra. Carta de jogar. Freguesia do concelho de Guimarães.
4 — Irmão. Isolado.
5 — Madeiro grosso para construções. Artigo definido. Rara.
6 — Artilharia antiaérea. Costume. Ente.
7 — Patrona da ilha da Malta.
8 — Esculca. Antiga capital da Birmânia.
9 — Derribar. (fig). Curso de água natural e abundante.
10 — Ébrio (s.q.). Nome de mulher.
11 — Grande sala. Aqui. O mais.



VERTICAIS:

1 — Executa. Carta de jogar.
2 — Astenia. Cura.
3 — Batráquio. Nome de letra. Plural.
4 — Espécie de forragem (Bras). Gemera.
5 — Pronome demonstrativo. Joeirar.
6 — Sufixo que designa abundância. Artigo definido.
7 — Lavras. Imperador romano.
8 — Irmão. Previne.
9 — O lado do vento. Pertences. Arara.
10 — Professor. Radio (s.q.).
11 — Esteiro. Apre! Alumínio (s.q.).

Resolveu completamente este problema? Procure, agora em segundo passatempo, o provérbio nele inscrito.

Resolveu completamente este problema? Procure, agora em segundo passatempo, o provérbio nele inscrito.

SOLUÇAO DO PROBLEMA

N.º **17 168**

HORIZONTAIS:

1 Aca. Remavam.
2 Caria. Ali.
3 ABRE. O. OLHO.
4 Iru. Sol.
5 Sadismo. Aso.
6 Ansa. Br.
7 At. Aarão. EC.
8 QUE. Mês. Ala.
9 Urra. Iriar.
10 Ecara. Lê. SN.
11 Mós. Amara.

VERTICAIS:

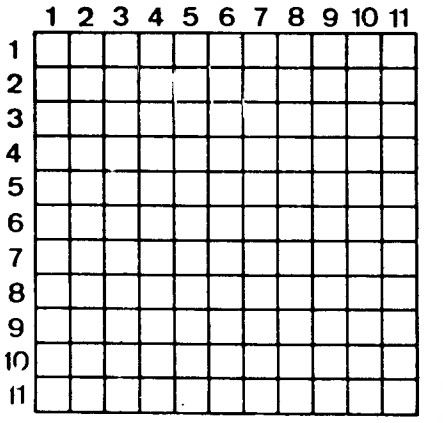
1 Açais. Aquém.
2 Cabra. Turco.
3 Arruda. Eras.
4 Ie. Ina. Ar. 5 Rã. ASSAM. Aa.
6 Maré.
7 Mm. Co. Asila.
8 Bo. Rer.
9 Valsar. Aí.
10 Alhos. Elas.
11 Miolo. CARNE.

Provérbio: Abre o olho que assam carne.

NOVA MODALIDADE PROBLEMA N.º 15 994

HORIZONTAIS:

1 — Freguesia do concelho de Paços Ferreira.
2 — Despachara. Invulgar.
3 — Traçaram. Zomba.
4 — Reis. Indivíduos de uma tribo da Cafraria, na África Meridional, altos e com os traços mais puros da raça etiópica.
5 — Medida de superfície. Esquadrão.
6 — Mouro convertido. Cloro (s.q.)). Freguesia do concelho de Montalegre.
7 — Enrubesço. Aureolar.
8 — Forma antiga de Sara (deserto). Terceiro. Doutor.
9 — Acrescentando uma vogal é rio de França. Calculou.
10 — Pronome demonstrativo. Fêmea do urso.
11 — Aparelharei.



VERTICAIS:

1 — Freguesia do concelho de Seia.
2 — Vila e concelho do distrito de Portalegre. O mesmo que airo.
3 — Zombas. Acudir.
4 — Freguesia do concelho da Mealhada. Pronome reflexo.
5 — Da Arábia. Fruto da ateira.
6 — Apelido. Passar por crivo.
7 — Serra de Portugal.
8 — Ilha do Golfo Pérsico. Desfaz ou dissolve uma substância num líquido.
9 — Freguesia do concelho de Ponte de Lima. Cento e um em romano. Caminhar.
10 — Feridos ligeiramente com as unhas.
11 — Suspiros. Divides em ruas.

SOLUÇAO DO PROBLEMA

N.º **15 993**

HORIZONTAIS:

1 Champlain.
2 Horário. Apã.
3 Araçá. Rever.
4 Mamai. Onera.
5 Osa. Assalto.
6 Asi. Tio.
7 Irás. Miam.
8 Moral. Ar. Co.
9 Ni. Amoiras.
10 Chança. Aios.
11 Cassatas. Só.

VERTICAIS:

1 Chamotin. CC.
2 Horas. Ronha.
3 Aramá. Árias.
4 Maça. Asa. NS.
5 Praias. Laça.
6 Li. Sim. Mat.
7 Aoros. Ião.
8 Enatarias.
9 Navelim. Ri.
10 Perto. Caos.
11 Barão. Posso.

Rádio

Antena Um

16.00: Pequeno jornal e rocklândia; **18.00**: Regressos; **19.00**: Informação e música; **20.00**: No estúdio e no estádio; **20.15**: Música portuguesa; **20.30**: A voz de Roma; **21.00**: Musical; **21.30**: Imaginário. Noticiários de hora a hora.

Rede Nacional-FM2 Estéreo

15.30: Uma hora, com Anton Bruckner; **16.30**: Álbum musical; **17.00**: As cores e as formas; **17.30**: Suites, para orquestra; **18.20**: Trio de câmara, «Ring», de Takemitsu; **18.40**: Música tradicional; **19.00**: Integrais; **19.33**: O clarinete e os seus intérpretes; **20.20**: «Marcha Eslava», op. 31, de Tchaikovsky; **20.40**: Obras, para cravo, de Johann Sebastian Bach; **21.00**: Passagem para o século XX; **22.00**: A vida e obra dos grandes compositores; **23.00**: Intercâmbio musical; **00.50**: Último andamento; **01.00**: Fecho. Noticiários de hora a hora.

RÁDIO COMERCIAL

Onda Média (283, 290 e 397m)

14.00: Programa da tarde; **17.00**: Feira mágica; **20.00**: Peça que a gente passa; **22.00**: Portugal e a CEE; **22.15**: Religiosos; **22.30**: Tempo e resultados; **23.00**: 24.ª hora; **01.00**: É de noite:.. já se vê; **03.00**: Guarda-nocturno. Noticiários de hora a hora.

RC-FM-Estéreo (97,4 MHz)

15.00: Casa da música; **16.00**: Som da frente; **17.00**: Rock em stock; **18.00**: Círculo em FM; **19.00**: Ao fim e ao cabo; **20.00**: Nova geração; **21.00**: O sabor da música; **22.00**: As mil e uma noites; **23.00**: Em órbita; **00.00**: Morrison Hotel; **02.00**: O rock pode esperar; **03.00**: Guarda-nocturno. Noticiários de hora a hora.

RÁDIO RENASCENÇA

Canal 1-Rede Nacional de OM e FM

15.00: Terceira vaga; **18.00**: Bola branca; **18.30**: Transmissão do terço; **19.00**: Fim-de-tarde; **20.00**: Programa da LAR; **20.30**: Cidade nova; **21.00**: Luzes da ribalta; **23.00**: Bola branca; **23.30**: Suplemento especial; **23.55**: Meditando.

RFM-Canal 2-Rede Nacional de FM Estéreo

09.00: Cem mais; **20.00**: Serra de estrelas; **22.00**: Oceano Pacífico.

Voz de Lisboa

15.00: Rádio da cidade; **18.00**: Bola branca; **18.30**: Sete colinas; **20.00**: Diálogo; **20.30**: Transmissão do terço; **21.00**: Música no espaço; **22.00**: Bric-à-brac; **23.00**: Bola branca; **23.30**: As canções da meia-noite; **23.55**: Meditando.

Voz do Porto

15.00: Passeio alegre; **18.00**: Bola branca; **18.30**: Transmissão do terço; **19.00**: Informação e música; **20.00**: Porto de abrigo; **20.30**: Meia de música; **21.00**: Palácio de Cristal; **23.00**: Bola branca; **23.30**: Porto final. Noticiários a todas as horas.

VISÃO TELE

RTP

17.36 - Sumário
17.40 - Brinca Brincando

«Bertha» e «Alice no País das Maravilhas»

18.25 - Portugal de Faca e Garfo

1º Episódio: «Abertura à Caça»

18.55 - O Império de Carson

13º Episódio: Jennifer ganha o caso Talbot e, depois da partida de Eileen, começa a mudar-se para a casa de Vic.

19.30 - Telejornal
20.00 - Bolsa Dia a Dia
20.05 - Boletim Meteorologico
20.08 - Direito de Antena

«UGT»

20.20 - Roque Santeiro

13º Episódio: Enquanto as «beatas» da cidade continuam a sua campanha de moralização, Tito estuda as possibilidades de montar, em Asa Branca, uma fábrica de velas votivas. Tal negócio leva-o ao Rio de Janeiro onde tem lugar uma série de consultas.

Astromar, irritado por Mocinha não lhe aceitar o pedido de casamento, ataca a estatua de Roque Santeiro. Um guarda apercebe-se da situação mas não consegue identificar o agressor. Mocinha interrompe as filmagens de Roque Santeiro acusando o realizador de atraiçoar a memória do herói.

21.20 - Vamos Jogar no Totobola
21.40 - Lotação Esgotada

«E Tudo o Vento Levou»: A saga do Sul dos EUA durante a Guerra Civil e depois, quando foi preciso reconstruir das conzas um mundo que vira os seus valores tragicamente postos em causa.

Neste panorama, Scarlett O'Hara e Rhett Butler vivem um agitado romance, atravessado por violentos contrastes: da alegria mais pura ao convívio angustiado com a morte e a destruição.

Interpretação: Clark Gable, Vivien Leigh, Olivia de Havilland, Leslie Howard, Thomas Mitchell, Barbara O'Neil, Hattie McDaniel, Butterfly McQueen.

Realizador: Victor Fleming

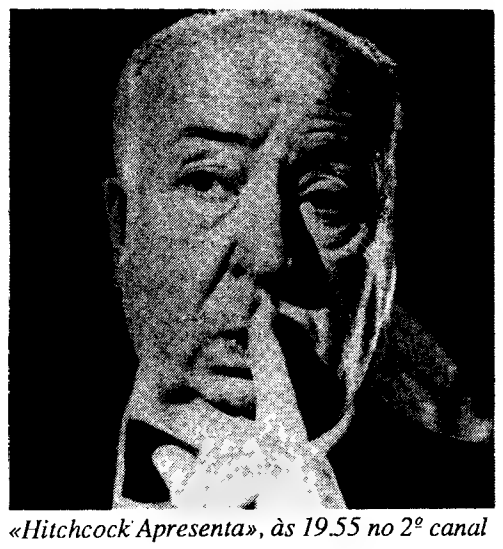
01.45 - 24 Horas
02.20 - Remate

RTP 2

15.35 - Piano Bar
16.35 - Trinta Minutos Com...
17.05 - Ponto por Ponto
19.00 - Simon Show
19.55 - Hitchcock Apresenta

105º Episódio: Um homem contrata um detective para seguir a mulher, pois pensa que ela o engana. Mas, para ficar mais descansado, contrata, também, um assassino profissional para liquidar o seu rival. E confessa-lhe que a mulher é a única herdeira de toda a sua fortuna...

Lotação Esgotada com o filme «E Tudo o Vento Levou», no 1º canal às 21.40



«Hitchcock Apresenta», às 19.55 no 2º canal

20.20 - Os Malucos do Circo

19º Episódio

21.00 - Jornal das Nove
21.30 - Fantasia e Realidade

«Jornada Através do Tempo»

22.00 - Clube de Imprensa
22.45 - Crime Organizado nos EUA

3º Episódio: São inúmeros os problemas e dificuldades de execução das leis perante a força cada vez mais sólida do crime organizado.

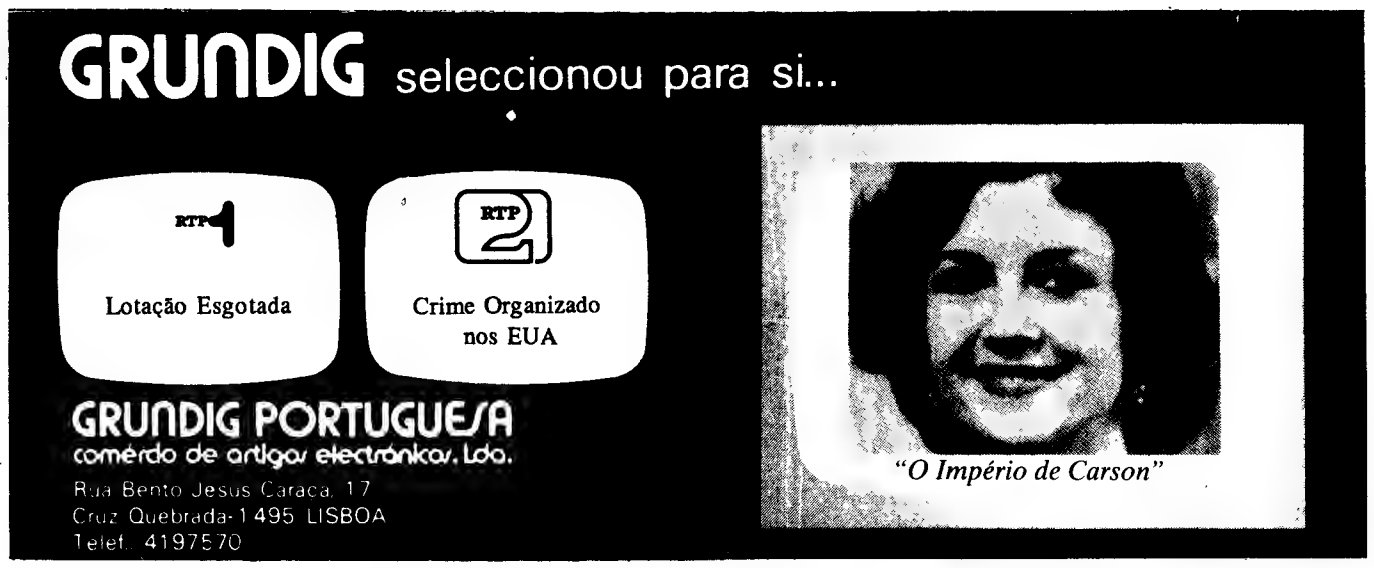
AMANHÃ

RTP-1

10.00 - Às Dez
12.15 - Tudo ou Nada
13.00 - Jornal da Tarde
13.35 - Ciclo Preparatório TV
17.36 - Sumário
17.40 - Brinca Brincando
18.20 - Você Sabia Que...
18.50 - O Império de Carson
19.30 - Telejornal
20.00 - Bolsa Dia a Dia
20.05 - Boletim Meteorológico
20.15 - Roque Santeiro
21.00 - Primeiro Andamento
21.30 - Programa da Direcção de Informação
22.15 - Anastásia
23.10 - 24 Horas
23.40 - Remate

RTP-2

13.16 - Os Imigrantes
14.00 - Pano para Mangas
15.35 - As Blue Bell
16.30 - Trinta Minutos Com..
17.00 - Countdown
18.00 - Ponto por Ponto
19.00 - Simon Show
19.55 - Hitchcock Apresenta...
20.20 - Os Malucos do Circo
20.55 - Montra de Livros
21.00 - Jornal das Nove
21.30 - Já Está!
22.40 - As Teias da Lei



PORTE PAGO

DL

Fundador Joaquim Manso

Propriedade, Composição e Impressão: RENASCENÇA GRÁFICA, SARL
Administração, Redacção, Publicidade e Serviços Técnicos: RUA LUZ SORIANO, 44 — 1200 LISBOA
TELEFONES: 32 11 54 / 5 - 32 02 71 2 3 Publicidade 36 87 40
Serviço da noite (depois das 21): Porteiro 32 11 54 Redacção: 32 02 71 / 2 / 3
Endereço Telegráfico DIBOA — Telex 12 363 LISBOA PORTUGAL
Distribuição: INTERPRESS Rua do Norte, 115-1 — 1200 LISBOA
TELEFONES 32 21 00 - 32 22 04 - 32 07 84
Preço do "DL" na Madeira: 55$00
DEPÓSITO LEGAL: 1426/82

Director A. Ruella Ramos

Director adjunto Fernando Piteira Santos

ÚLTIMA HORA

O Conselho de Ministros da França aprovou hoje um projecto-lei transformando a Régie Reanault em sociedade anónima, ficando o Estado como principal accionista. As actividades da Renault serão exercidas, a partir de agora, num quadro jurídico idêntico ao de outras empresas do sector concorrencial. O Estado contribuirá com 12.000 milhões de francos para a reconstituição dos fundos próprios da Régie.

Conselho de Gerência da RDP acelera cisão da empresa

O Governo vai privatizar a Rádio Comercial através de concurso público controlado por um «júri intergovernamental», confirmou o «DL» esta manhã

A notícia é divulgada na edição de hoje de «O Século», que acrescenta ser o referido júri «independente do Governo».

A Rádio Comercial, actualmente integrada na empresa pública RDP, factura cerca de um milhão de contos por ano e possui 280 trabalhadores.

A concessão prevista pelo Governo pode ir até 20 anos e, segundo a mesma fonte, a entidade privada que vencer o concurso terá a possibilidade de escolher os respectivos quadros, passando os excedentários para a Antena Um.

O mesmo matutino informa que o novo presidente da RDP, Arlindo de Carvalho, iniciou já alterações na estrutura da empresa com vista à futura cisão e exploração privada da Comercial, referindo nomeadamente uma ordem de serviço apontando para a integração da Rádio Porto na Comercial e a previsão de que outras rádios regionais sigam o mesmo caminho.

Registe-se que a Rádio Porto, com o potente emissor de Miramar e com os emissores de frequência modulada de Braga e Valença, tornar-se-ia(no âmbito da Comercial privada) a principal estação de rádio do Norte.

Entretanto, e segundo apurou o «DL», nomeações recentes a nível interno, como a anunciada promoção a director do departamento jurídico do dr. Júlio César(considerado elemento próximo do Director-Geral da Comunicação Social) e a (já efectivada) do eng. Rosa Santos(parente da família Botelho Moniz) para principal responsável do sector técnico, em substituição do eng. Vito de Oliveira, integrar-se-iam já no processo de cisão da Comercial.

Rosa Santos seria, neste caso, o homem do caderno de encargos da «privatização» da Comercial.

O dr. Casimiro Pires, actual director do departamento jurídico, poderá, tal como o eng. Vito de Oliveira, ser promovido a «assessor» do Conselho de Gerência, espécie de «prateleira» para altos quadros da empresa não interessados na destruição pura e simples do património da RDP.

A mesma fonte contactada pelo «DL» prevê que o «júri intergovernamental independente» venha a ser preenchido por elementos sugeridos pela própria administração da RDP.

Horácio Cavaco absolvido esta manhã em Faro

O presidente da Região de Turismo do Algarve, Horácio Cavaco, foi esta manhã absolvido no Tribunal Judicial de Faro, onde estava a ser julgado desde anteontem pelos crimes de «burla e peculato», consubstanciados, em 1973, na utilização para fins pessoais da quantia de 100 mil escudos dos fundos da Escola de Hotelaria e Turismo daquela cidade, onde era director.

A absolvição de Horácio Cavaco, militante do PSD, já era esperada depois, de, ontem à tarde, o delegado do Ministério Público, dr. Emanuel Alves, ter concluído pela «falta de elementos de prova que, em seu entender, impendiam sobre o réu.

Cruz Vermelha acorreu a mais de seis mil emergências

As unidades de socorro da Cruz Vermelha Portuguesa (CVP) acorreram em 1986 a 6453 emergências, e as suas ambulâncias percorreram no mesmo ano mais de um milhão de quilómetros, revela o relatório anual da CVP.

Segundo aquele documento, a CVP dispõe de 2411 alistados nas suas unidades de socorro, e o seu parque de viaturas inclui 68 ambulâncias e 30 viaturas todo-o-terreno.

Os postos de socorro da CVP procederam em 1976 a 192 065 atendimentos, acrescentando-se ainda às actividades daquela instituição 1615 serviços de apoio a diversas entidades, sobretudo autarquias e associações desportivas.

DECARAS

IVAN BESHOFF, o último sobrevivente da revolta de 1905 a bordo do couraçado russo «Potemkin», morreu ontem na sua casa de Dublin, com 104 anos. Besshoff, cuja família dirige uma cadeia de lojas na capital irlandesa, era engenheiro-assistente no Potemkin quando a tripulação se amotinou durante uma estada no Mar Negro. O motim foi considerado como a primeira prova de descontentamento das Forças Armadas russas e um prelúdio da Revolução de Novembro de 1917, que implantou o Estado comunista e deu origem à União Soviética. Depois do motim, Beshoff, natural de Odessa, fugiu para Londres, onde se encontrou com o dirigente comunista russo e líder da Revolução, Vladimir Lenin.

MELINA MERCOURI, ministra grega da Cultura, defende o chefe do Governo, Andreas Papandreou, contra alegações de que mantinha relações com uma hospedeira grega casada, revela a Imprensa. A antiga actriz declarou numa entrevista que o primeiro-ministro é um bom marido, «embora tenha a infidelidade no sangue». Todavia, Melina disse que não queria ser envolvida em especulações jornalísticas àcerca da amizade de Papandreou com Dimitra Liani-Kapopoulou, de 33 anos. «Não só admiro Papandreou como acredito que é um bom político», afirmou.

«MESTRE» ONOFRE DA SILVA, o pintor que aos 84 anos continua a recusar-se a vender os seus quadros, inaugura esta tarde, a partir das 16 horas, uma exposição no Salão Nobre da Casa da Imprensa (R. da Horta Seca, 20, em Lisboa). Nascido em Évora, o artista que diz projectar-se na vida «para além do ano 3 mil», possui um atelier em instalações cedidas pela Misericórdia no Palácio dos Inglesinhos (em pleno Bairro Alto), tendo em «Crepúsculo», «Batalha de Ourique» e «Alcácer Quibir» as suas obras preferidas.

ELISABETH TAYLOR, depois de obrigar a equipa de filmagens a esperar uma semana, apresentou-se ontem no cenário onde o realizador Franco Zeffirelli está a rodar «O Jovem Toscanini». Há 10 dias que a actriz se encontra em Bari, no sul de Itália, em cujo teatro Petruzelli decorrem as filmagens, negando-se a sair da «suite» do hotel e até a receber o realizador. Sexta-feira a actriz visitou o cenário, prometendo aos técnicos que se apresentaria segunda-feira para trabalhar. Embora com 24 horas de atraso, Liz manteve a promessa e chegou ao teatro já preparada para interpretar o seu personagem, uma soprano que volta aos palcos após uma longa ausência. O mesmo acontece com a actriz que com este filme volta ao seu primeiro grande trabalho nos últimos sete anos.

TERESA COSTA MACEDO, ex-secretária de Estado da Família, presidente da Confederação Nacional das Associações de Família, UIOF, foi convidada para a presidência do Instituto Fontes Pereira de Melo. O instituto, de orientação democrata-cristã, é uma organização independente, desvinvulada de partidos políticos e orientada para o apoio ao trabalho autárquico.

JÚLIO DANTAS, escritor lacobrigence, foi homenageado terça-feira pela edilidade local, na ocasião do 25º aniversário da sua morte. O descerramento do busto do escritor numa artéria interior da cidade, a Rua Marreiros Neto, constituiu o ponto principal do programa comemorativo, que aproveitou o feriado municipal. A iniciativa foi promovida conjuntamente pela Câmara de Lagos e o Rotary Clube local, a que se associa, até final do mês, uma exposição bibliográfica e iconográfica sobre o autor, no armazém regimental.

Refinaria do Porto continua parada

Conflito na Petrogal sem evolução

O Conselho de Gerência e os representantes dos trabalhadores da Petrogal vão reunir hoje às 14.30 para discutir novamente a tabela salarial, as carreiras profissionais e os enquadramentos da empresa. Esta reunião, contudo, está prevista há meses, e nela não se deve registar qaulquer evolução de posições, segundo um dirigente sindical da Federacão dos Químicos.

Por outro lado, ainda segundo a mesma fonte, a refinaria do Porto não começou a trabalhar hoje de manhã, por decisão que os sindicatos da CGTP classificam de tentativa de pressão sobre os trabalhadores e de ameaça de «lock-out». Contudo, um informador do Conselho de Gerência referiu que a refinaria está parada apenas por razões de segurança.

As organisações sindicais, por outro lado, desmentiram que estejam marcadas novas paralisações, segundo José Bento da Federação dos Sindicatos dos Químicos.

Ontem a partir do meio-dia começaram a verificar-se faltas de combustíveis na zona Norte, onde a distribuição esgotou completamente e não havia ninguém para abrir as válvulas. Ontem à tarde, aliás, já havia bicha de camiões à porta das instalacões do Porto. No sul não houve praticamente nenhuma distribuição a partir de sexta-feira.

No Algarve, segundo os sindicatos, durante a tarde de ontem já havia bombas com a gasolina super esgotada. No entanto, um porta-voz da empresa, disse não ter conhecimento de bombas esgotadas, afirmando que se houve algumas faltas elas não foram significativas.

O mesmo informador disse ainda que o Conselho de Gerência da empresa mantém a sua proposta de aumento salarial de sete por cento. Pelo seu lado, os sindicatos conservam-se nos 13,5 pontos percentuais de aumento para periodos de 12 meses.

SETE PONTO SETE

SUPLEMENTO SEMANAL DO «DIÁRIO DE LISBOA». SAI ÀS TERÇAS-FEIRAS. NÃO PODE VENDER-SE SEPARADAMENTE DO RESTO DA EDIÇÃO. RESPONSÁVEL EDITORIAL: JOÃO MENDES: CORRESPONDÊNCIA: RUA LUZ SORIANO 44, 1200 LISBOA. TELEF. 32 02 71/32 02 72. TELEX 12363.

Sete Ponto Sete

Razões técnicas levaram o «Diário de Lisboa» a não publicar, na sua edição de ontem, este número do «Sete Ponto Sete». Também não foi publicada qualquer local avisando os leitores do adiamento da edição. Alheio a estas questões, o «Sete Ponto Sete» apresenta, no entanto, as suas desculpas aos leitores.

A arte portuguesa do Século XIX

— uma exposição parisiense

Págs. 4 e 5

João Cristino da Silva, «Quatro pintores em Sintra»

A verruga no retrato (II)

Por Chaké Matossian

ENQUANTO o belo predomina, por natureza, na mulher, o «sublime deve ser o signo próprio do homem» (10). Segundo Kant, a mulher não deve ver, num rosto marcado, a projecção de um pesadelo (fantasma do corpo em pedaços); deve, pelo contrário, procurar nele *o olhar:* «ter sido desfigurado por manchas ou pelas cicatrizes das bexigas e ter, assim, perdido o seu *charme* não constitui, para o homem, um defeito, mesmo na opinião das mulheres; se nos seus olhos brilha a benevolência e se o seu olhar mostra a expressão de uma coragem consciente da sua força, penetrada de calma, ele pode continuar a ser amado e amável...» A mulher, não só não temerá o rosto rugoso nem o achará feio, como até encontrará nele uma força interior que lhe permitirá um certo orgulho: «uma mulher tem razão para se orgulhar de um tal marido» (11).

A expressão, enquanto *revelação* do carácter, suplanta a regularidade dos traços que alguns perseguem como indícios, despistagem de algum modo dependente do acaso e pouco rigorosa, *fisiognomonia* em relação à qual Kant exprime reserva: «Uma verruga no nariz designa um cáustico?... Conjecturas como esta não autorizam senão uma interpretação sem certezas.» (12)

No entanto, Kant admite que certas marcas, como o «rictus sarcástico» ou o «descaro» do olhar, traem uma «alma pervertida por um vício ou a tendênca para a ele se entregar».

Se o rosto verrugoso ou bexigoso nada apresenta de mal, para Kant, abrindo até a porta ao sublime e convidando a uma leitura mais profunda do que a das aparências (por exemplo, o rosto do melancólico, temperamento sublime por excelência, reveste-se de uma pele coriácea e de cor sombria), o mesmo não pensa Lavater, que entende a verruga como mancha reveladora de uma fraqueza de carácter, debilidade sem dúvida mais suportável na mulher do que no homem. Com efeito, «mulheres com verrugas loiras, aveludadas u com pêlo no queixo, sobretudo na parte de baixo do queixo ou no pescoço, são, originalmente, e em verdade, boas donas de casa, vigilantes, activas, mas de temperamento excessivamente sanguíneo, apaixonadas até à loucura e mesmo até à raiva. Elas atentam muito, e atentam muito, sobretudo, num objecto único. São inoportunas, e só com dificuldade nos desembaraçamos delas. É preciso tratá-las com prudência, não lhes testemunhar senão um interesse tranquilo, e tratar, com uma espécie de dignidade fria e doce, de as manter sempre a certa distância de nós. Pelo contrário, não se vê quase nunca, no queixo de um homem verdadeiramente sábio, com um carácter nobre e calmo, qualquer dessas verrugas grandes e castanhas que são tão frequentes nos homens de uma decidida imbecilidade. Mas se, por acaso, se encontrar uma assim num homem de espírito, descobriremos em breve que tal homem tem frequentes ausências, momentos de uma completa estupidez, duma inacreditável fraqueza». (13)

Lavater retoma, aqui, uma ideia platónica segundo a qual a espessura do envelope de carne estupidifica o órgão que recobre. Ora, a verruga consiste exactamente numa série de camadas de pele endurecidas que se desenvolve por contiguidade, vertical e horizontalmente. «No entanto, os deuses não podiam deixar a cabeça apenas ossuda e nua, por causa dos excessos alternados das estações do ano, e também não podiam envolvê-la e recobri-la de uma massa de carne, que a teria tornado estúpida e insensível.» (14) Lavater distingue claramente a verruga castanha e penugenta da dona de casa ou do imbecil e a verruga vulgar, menor e incolor, de que nada há a temer:

«Homens amáveis e de muito espírito podem apresentar na testa ou entre as sobrancelhas verrugas que, não sendo nem muito castanhas nem muito grandes, nada têm de chocante, nada indicam de aborrecido; mas nunca encontrareis verrugas grandes, escuras, com pêlos, no lábio superior de um homem a quem não falte qualquer qualidade muito essencial, que, pelo menos, não se distinga por qualquer defeito capital.»

Arcimboldo, «O Fogo»

Notas

(10) Kant, *Observations sur le sentiment du beau et du sublime*.
(11) Kant, *Anthropologie..., op. cit.*
(12) Idem.
(13) G. Lavater, *L'Art de connaître les hommes par la physionomie*, Paris, chez L. Prduhomme, 1806.
(14) Platon, *Timée* (75e), cf. également 75a.
(15) Lavater, *op. cit.*

Vídeo

Fermentos: o artifício laboratorial do Body Art

«Os happenings agradam-me bastante. É que introduziram na arte um elemento em que ninguém tinha pensado: o tédio.»
Marcel DUCHAMP

Dennis Oppenheim, «Reading Position for 2nd Degree Burn», 1970

A estranheza do tédio é a sua indivisibilidade, face negativa da alegria caracteristicamente conotada a uma comunhão necessária, voluntariamente contagiosa. O que parece não ter limites no tédio tende a espraiar-se pela alegria. O tédio é uma tonalidade do *só*. é «Stimmung» celibatária.

Do «happening» ao Body Art (arte corporal) há uma ponte de impossibilidade de um nível de comunicação imediata. Do todo harmónico a que o «happening» aspirava vem extrair-se um gesto quase dissonante, uma espécie de «épochè», situação posta entre parêntesis. O detalhe deveio fragmento. O Body Art encerra o apogeu de um conflito, a ilusão do discurso autónomo.

As diferenças são reconhecíveis adentro de um espaço homogéneo. O «happening» contribuíra ao recentramento esporádico de uma multiplicidade de práticas. O Body Art, último recurso do abandono do corpo individual na homogeneidade colectiva do grupo, revelou-se o exutório sacrificial da postura monádica.

A mudança de contorno, do colectivo ao individual, redistribui descontinuidades que continuam a germinar no corpo-indivíduo. Este assemelha-se, neste passo, a uma falsa continuidade. A passagem que parece resolver-se num núcleo pleno de potencialidades transmutativas beneficia e contém a metamorfose do acto «corporal». Do conjunto de significações reunidas no contorno móbil do grupo da Forma-«happening» emerge um complemento semântico. Na polarização que advém no corpo-artista é, de preferência, o corpo e não o gesto que acaba por auferir um suplemento sintáctico. A demonstração corporal torna-se parcialidade, fragmento de corpo. Recolhe a operação num traço, num rasto que a tecnologia — fotografia, filme ou vídeo — reenvia ao corpo, suporte mediático.

Os ingredientes do «happening» não foram esconjurados da massa «caótica» que constituiu o seu elemento. Foram apenas redistribuídos numa nova concepção do espaço artístico em que o corpo, da sua postura fenomenológica, foi relegado à posição quase clínica do *olhar*. Se alguma coisa mudou foi a *norma* — na qual se apoiara a experiência potencialmente «reveladora» do «happening» — que, ao ganhar uma certa transparência, se transformou em *linguagem*. A aspiração que o «happening» demonstrava ao pretender imbricar várias práticas num só crisol reaparece no Body Art. Da demonstração que este faz do suporte — fotográfico, fílmico ou videográfico — o que é exibido denuncia-se na materialidade plana da imagem, desautorizando-nos a procura de qualquer significação além do *estado* «realista» da imagem. No momento em que o corpo recolhe o estatuto de objecto (de arte) é reenviado a uma distância que, por sua vez, recolhe a mediação. O corpo re-inventa ou descobre de novo o logro realista e auto-sequestra-se na imagem.

Mostrar é transgredir como o monstro foi transgressão das regras naturais. O emprego da fotografia, do filme ou do vídeo é como recorrer ao corpo *emprestado* do artista. É um «corpo alusivo da dor» (*) ou de um certo hedonismo. O corpo entra num espaço que não é nem analógico nem ilusório. Deixa a dor ou o prazer *em suspenso*. A alusão atingirá ou não o alvo; é como uma *mise en retard* (Duchamp). A imagem é investida pelo corpo mas este distancia-se. A alusão, que também é distância, é efeito de «realidade». Prolonga-se, em suspenso, desde o momento efectivamente realizado do acto até uma nova apropriação da imagem pelo espectador.

Há um maneirismo que aparece, à primeira vista, curto-circuitado pela repetição da *impressão* (o acto de morder o corpo, por exemplo, e de impressionar a película) mas que no fundo se instala como presença indefinida desse momento revoluído e irrecuperável, reordenando a efectividade da distância na concisão material da planura da imagem.

A unidade minimalista do acto (Acconci — Oppenheim) concentra-se numa parcialidade corporal, num *artifício laboratorial*. O resto enquanto experiência ou actualização do corpo no acto reduz-se a um rasto (fotográfico,...) da acção. A estratégia de reduplicação assemelha-se a um desafio lançado do interior mesmo da dinâmica artística provocado pela complexidade constante da imagem socioantropológica do «sujeito» contemporâneo e do respectivo conflito que emerge como factor da desagregação da individualidade.

Pelo facto de coincidirem, o corpo do artista e o artista no corpo da acção corporal, a resultante formula-se num corpo-artista, que elevado ao grau de paradigma de experiência, procura desenhar (designar) um circuito de probabilidades da existência dos corpos. A intermutabilidade destes reconhece-se na actualização que a imagem testemunha, reconciliando o espectador e a experiência.

Escrever ou pintar são práticas que desarmam o tempo; o Body Art pôs a *nu* um tempo inerme.

Rafael Godinho

Notas

(*) — Emílio Rosa de Oliveira. «Gina Pane ou o corpo alusivo da dor». Colóquio — Artes, 39, Dezembro 1978. Jean Masonneuve, «Destin de l'iconique du corps dans un art en question» Connexions, 25, 1978.

Nova crise num organismo da ONU

■ A gestão do Alto Comissariado para os Refugiados fortemente contestada

Todos nos habituámos a lamentar os doze milhões de refugiados existentes no mundo inteiro. E, de súbito, perguntamo-nos: se não irá o único organismo mandatado pela Comunidade Internacional para os proteger, o Alto Comissariado das Nações Unidas para os Refugiados (ACR), confrontar-se com os mesmos problemas já conhecidos pela UNESCO.

A situação é grave: o número de refugiados aumenta e os países de acolhimento mostram-se cada vez mais reticentes, enquanto que os países de origem de onde homens, mulheres e crianças partiram em condições quase sempre dramáticas sabem bem que esse êxodo deve-se mais à necessidade de fuga à violência do Estado do que à própria miséria. Quanto aos países doadores — o ACR só funciona graças às contribuições dos seus Estados membros —, são de opinião que, como no caso da ONU, as dificuldades internas do Alto Comissariado constituem para eles uma boa razão para fecharem os cordões à bolsa.

Vários governos praticamente não escondem as suas queixas em relação ao Alto Comissário, Jean-Pierre Hocké, cuja política criticam. Criticam nomeadamente uma viagem recente à URSS, país que não assinou a convenção sobre o estatuto dos refugiados e cuja intervenção militar no Afeganistão causou cinco milhões de refugiados, e ainda a redução dos efectivos do escritório de Washington, tão úteis para os refugiados da América central.

Por outro lado, o pessoal do ACR não aprecia as medidas de reestruturação que causaram bastantes frustrações, mas que até ao momento ainda não trouxeram frutos; isto em cerca de dois anos. O presidente do conselho do pessoal, sr. Van Leewen, evoca no seu relatório à intenção do comité executivo do ACR, que se reuniu um destes dias, o «grave problema da desmoralização» dos funcionários da instituição, a qual não pode apenas ser explicada pela resistência às transformações estruturais, mas também pelo facto de que os resultados dificilmente adquiridos no passado não parecem devidamente valorizados, e que os melhores artífices desses resultados adquiridos foram «afixados» ou serviram de cobaias para um futuro indefinido.

Aqueles que melhor serviram o ACR, admitem dificilmente que Hocké tenha feito apelo a conselheiros exteriores cujo recrutamento e cujo trabalho são pouco apreciados pelo pessoal, o que demonstra uma falta de confiança em relação aos quadros dirigentes. De resto, a reestruturação, segundo o conselho do pessoal, eliminou pessoas por vezes prematuramente e nem sempre com razão, dado que o departamento se viu assim privado de certos elementos de valor, «cuja actividade deveria permanecer para todos uma fonte de inspiração».

Se por um lado, o sr. Hocké pretende ainda suprimir mais postos, por outro lado decidiu criar mais cem novos postos naquele departamento e quarenta e nove na sede em Genebra.

Podemos interrogar-nos quanto aos critérios de recrutamento: serão os candidatos designados tendo em conta as suas qualidades profissionais e humanas ou unicamente em função da sua sacrossanta «repartição geográfica» praticada na ONU?

Críticas das ONG

Debruçando-nos mais sobre o assunto, apercebemo-nos de que o modo de apresentar as transformações é mais severo do que as próprias transformações. O alto comissário refuta todas estas críticas e deseja que lhe seja concedido o tempo necessário para levar a cabo a reestruturação que julga necessária.

Faz saber que fez as suas provas no Comité Internacional da Cruz Vermelha onde, na sua qualidade de chefe de operações, adquiriu não só uma experiência de perigoso negociante, com os mais severos governos e movimentos de libertação, mas também um profundo conhecimento das misérias causadas pelas guerras consecutivas. Pouco lhe importa se destoa num meio «onusiano», é suíço, portanto é bom organizador e bom colector de fundos e, finalmente, ele só é alto comissário desde o início de 1986.

As Organizações Não Governamentais (ONG) criticam sobretudo o facto de não atribuir suficiente importância ao mandato mais específico do ACR, isto é, a protecção dos refugiados.

As organizações lamentam, entre outras, as derrotas na protecção dos refugiados na Birmânia, em Moçambique, no Sri Lanka,no Suriname ao longo da fronteira tailandesa, onde khmers vermelhos continuam, desde há vários anos, a atormentar refugiados cambodjanos. Chegam mesmo a perguntar-se se os repatriamentos serão verdadeiramente voluntários e não objecto de diversas fraudes.

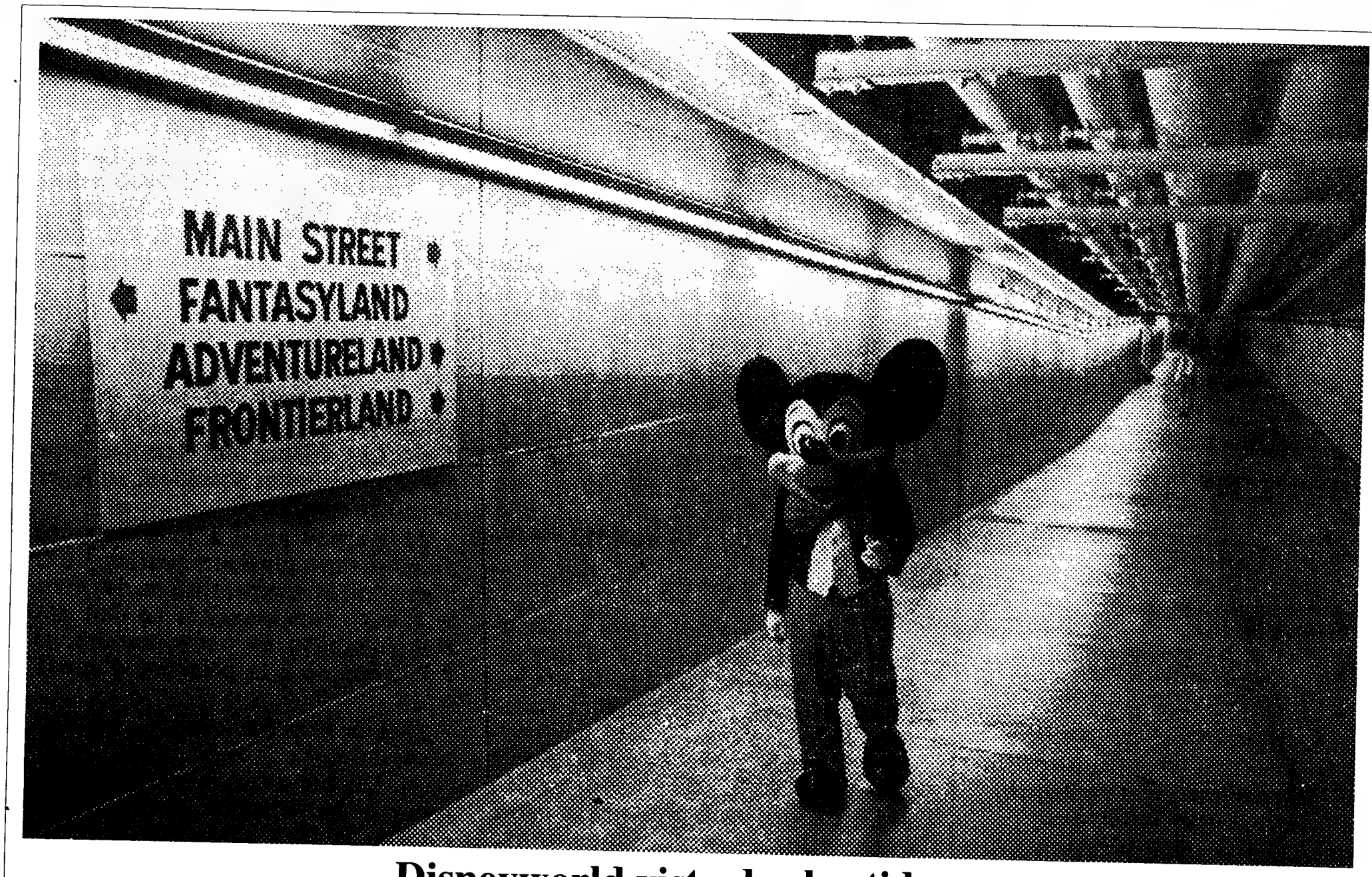
Hocké refuta também neste caso as críticas que lhe são dirigidas. Só o futuro lhe poderá dar razão, caso o comité executivo adopte o texto que lhe será entregue na próxima semana, denunciando os ataques armados a campos de refugiados. Até à data, e apesar de todos os esforços do ACR, certos governos demonstraram-se relutantes quanto a condenar categoricamente tais actos, sendo de opinião que para os poder estigmatizar, convém antes de mais ter a certeza de que os campos de refugiados não são apenas compostos por civis desarmados. Dão como exemplo os campos do Líbano, que são de facto verdadeiras fortelezas.

Este texto condena sem equívoco ataques armados contra os campos e os centros de agrupamentos bem como violação dos direitos dos refugiados e de pedintes de asilo. O documento convida os Estados a absterem-se de qualquer violação dos princípios do direito internacional e incita-os a ajudar o melhor possível as vítimas. Comporta uma série de medidas precisas para proteger mais eficazmente os locais onde se encontram concentrados os refugiados.

Por outro lado conduz os refugiados a conformarem-se com as leis dos países de acolhimento e a estes, por sua vez, pede-lhes a garantia de que os campos e outros locais de abrigo a refugiados se revestem de um carácter puramente civil e humanitário. O ACR deveria, naturalmente, e em quaisquer circunstâncias a eles ter livre acesso.

Se esta aposta estiver ganha, podemos supor que será perdoado ao alto comissário o facto de ter empregue 27 milhões de dólares para efectuar as suas reformas. Mas o mais difícil fica ainda por fazer: o Japão e os Países Baixos, que constituem os dois mais importantes doadores (25% do total das contribuições), não escondem o seu descontentamento face à política e à gestão do ACR e teme-se que em Genebra se tornem ameaçadores durante a próxima sessão do comité executivo.

Isabelle Vichniac



Disneyworld visto dos bastidores

Vinte e três mil empregados e uma disciplina de ferro. Eis o preço da vitória.

NINGUÉM de entre os vinte e dois milhões de pessoas que visitam, todos os anos, o imenso complexo de diversões do Disneyworld, na Florida, entrou algum dia neste edifício.

Situado a norte da cidadezinha interdita onde se encontram os bastidores do reino mágico, tem à porta uma simples placa: Disney University. É aí, nessas salas de aula forradas de alcatifa e com sofás superconfortáveis, que se esconde uma das chaves da extraordinária vitória deste negócio.

Os milhares de empregados permanentes ou sazonais contratados pela firma são aqui sistematicamente moldados pela *forma* da casa. Guias multilingues, mulheres da limpeza, condutores de máquinas, jardineiros, vendedoras, nadadores-salvadores, especialistas em efeitos especiais ou dirigentes, todos por ali passam.

Desde a primeira meia hora, o tom é dado por uma senhora de saia-casaco justo, sorridente mas exacta como um metrónomo: é Valery Oberle, directora da universidade. «A partir de agora têm a honra de pertencer à equipa Disney», explica ela em resumo. «Fazem portanto parte integrante da distribuição de um espectáculo multidimensional no qual representarão um papel seja ele qual for. Nunca se esqueçam de que estão a representar. Além disso, irão acolher pessoas que vêm aqui passar as suas férias. Devem recebê-los como se fossem 'altas personalidades' de chegada à vossa própria casa.»

Posto isto, cada um dos dez professores que trabalham sob a direcção de Mme. Oberle responsabiliza-se por um grupo de adeptos para os iniciar nas regras minuciosas do acolho Disney. Os temas das aulas fazem lembrar os dez mandamentos. Exemplo: «Os empregados mais afectuosos do mundo, neste momento, são vocês. Porque se tratarem bem os visitantes, serão bem tratados por eles.» Outra norma: «Tenham resposta para tudo mesmo que a pergunta vos pareça estúpida.» Explicação: «Perguntar-vos-ão mil vezes por dia onde são os lavabos. Pensem que para aquele que faz a pergunta a precisão e a rapidez da resposta são de extrema importância.»

Princípio a não esquecer: O espectáculo Disney é um trabalho de equipa. Não hesitem em pedir ajuda aos vossos colegas ou ao vosso chefe. Explicação: todos os anos, aquando das festas de Natal, o Disneyworld fica verdadeiramente submergido. No ano passado registou-se o recorde absoluto de visitantes: 148 000 pessoas só no dia 29 de Dezembro! São então mobilizados os contabilistas, as dactilógrafas, os peritos financeiros da casa para servir «hamburgers». Uma excelente ocasião para não perder o contacto com a realidade do público.

O próprio Walt Disney trabalhava num escritório que dava para a rua das lojas da Disneyland na Califórnia. Ainda hoje os homens de escritório se encontram no primeiro andar das casas fingidas que bordejam a Main Street do reino mágico. Mas atenção, eles devem estar completamente invisíveis. Sendo o universo Disney, o universo do sonho, nunca o devemos quebrar. Aprende-se tudo isto em detalhe na universidade da casa. Os empregados chegam ao trabalho de carro, claro, mas é óbvio que estacionam os seus automóveis em parques disfarçados. Daí são transportados em pequenos autocarros até às múltiplas entradas de serviço situadas por detrás do «décor». Por exemplo, entram no reino mágico pelo subterrâneo, envergam o fato do papel que representam e chegam ao seu posto através de corredores subterrâneos com cerca de 1600 metros aos quais chamam os «utilidors».

Um mundo subterrâneo

A cidade invisível que reina sob o conjunto das atracções estende-se por 35 000 metros quadrados. Ninguém aí entra sem mostrar identificação e é proibido tirar fotografias. Aí se encontram as reservas de fatos, as salas de repouso, os restaurantes, a enfermaria e a central electrónica. Quatro computadores familiarmente chamados Smacs, Deeds, Soda e Gerurisy, controlam ininterruptamente as funções do Disneyworld, nomeadamente as centenas de autómatos que auxiliam os actores de carne e osso.

Estes nunca se devem mostrar sem o seu fato de trabalho. Estão até proibidos de se deslocarem a outro sector que não o seu. Ver um cosmonauta deambular na zona do Far West seria coisa imperdoável. Claro está, os empregados nunca aceitam gorjetas, não fumam, não bebem álcool, nem podem aceitar partilhar um sumo de laranja com os visitantes quando estão em fato de trabalho.

Quanto à apresentação existem normas bem precisas. As mulheres só podem usar uma maquilhagem natural; quaisquer enfeites demasiado vistosos são proibidos. Quanto aos homens, nem barba nem bigode, nem cabelos compridos. Os fatos devem estar sempre impecáveis. São aliás limpos todos os dias, inclusivamente os fatos brancos dos varredores.

A limpeza é uma das obsessões dos dirigentes do mundo Disney. As ruas do reino mágico, as avenidas d'Epcot, o parque tecnológico, tudo é constantemente varrido, lavado e esfregado. Logo após os carros puxados por cavalos que passam na parada diária vem o apanhador do lixo eventualmente produzido pelos cavalos.

Jantar com o patrão das atracções

As praias de areia branca que bordejam as lagoas são limpas todas as manhãs de madrugada e os relvados cortados rente.

Desde que um dos canteiros de flores perde as pétalas, os jardineiros fazem a sua substituição nessa mesma noite. Quando inspecciona o seu império, Michel Eisner, o grande chefe não hesita em baixar-se para apanhar um papel caído.

Este rigor quase monástico seria dificilmente suportado se não fosse equilibrado por outras compensações. Cada um dos empregados do Disneyworld recebe um semanário da casa, «Eyes and Ears», onde encontra uma grande escolha de actividades desportivas e distracções. Todos os anos respondem a um questionário onde se pronunciam dando a sua opinião quanto ao funcionamento do serviço em geral. Os que têm mais de cinco anos de serviço são convidados, bem como as suas famílias, para um jantar presidido por Dick Nunis, o patrão das «atracções». São pagos os estudos aos jovens que queiram frequentar a universidade de Orlando.

Quanto aos salários, e para os principiantes, são superiores em 40% ao salário mínimo local. No entanto, isto não impediu o pessoal do Disneyworld de fazer, o ano passado, na Califórnia, uma greve de um mês para melhorar as suas remunerações.

A firma gaba-se de manter os seus empregados em média sete anos e os seus quadros cerca de treze anos. Regista-se um dos mais fracos «turn-over» da indústria americana do turismo: 25% ao ano. Todos os dias chegam centenas de candidaturas à direcção do pessoal do Disneyworld. Sabe-se que o empreendimento é um dos mais prósperos dos Estados Unidos. Após um grave estacionamento verificado em 1983, registam-se agora grandes melhoras. Tem-se conhecimento de que faz parte dos seus novos projectos a contratação de cinco mil «actores» para os próximos dois ou três anos. Para os jovens que procuram emprego, aqui têm o reino mágico.

Marc Ambroise-Rendu

Sol e Sombras

■ A Arte Portuguesa do século XIX no Museu do Petit Palais em Paris

Por Lucília Verdelho da Costa

Abriu no passado dia 19 e encerra a 3 de Janeiro, no Petit Palais, em Paris, uma grande mostra da arte portuguesa do século XIX, cujo comissário é o prof. José-Augusto França. No último número da «Colóquio-Artes», da Gulbenkian, Lucília Verdelho da Costa publica uma memória descritiva dos conteúdos da exposição. É esse texto que aqui reproduzimos, com a devida vénia.

O ideal neoclássico que, em Portugal e na sua capital reedificada pelo Marquês de Pombal após o terramoto de 1755, prolongou a época das Luzes para além do primeiro terço do século XIX, teve um desenvolvimento difícil através de várias crises. As invasões napoleónicas (1807-1810), e as consequentes guerras civis, foram, porém, um pano de fundo propício ao advento das ideias liberais que varreram a Europa e que triunfaram com o novo regime político, proclamado em 1820, e exaltado na obra de Sequeira de então. A contra-revolução de novo marcou um período de estagnação; mas, com a consolidação do regime liberal, em 1834, e a criação das Academias de Belas-Artes, dois anos depois, verificaram-se as condições propícias ao aparecimento de uma nova geração de artistas, logo então influenciada pelo Romantismo europeu. Uma busca de identidade, orientada pelo grande poeta Almeida Garrett, com um gosto vivo pela descoberta do País, das suas tradições e da sua paisagem, associa-se ao sentimentalismo expresso em comovedoras cenas de género ou de evocação histórica. Mas, a partir de meados do século, Portugal modernizou lentamente os seus costumes urbanos. Mecenas da nova geração, o príncipe consorte, Fernando de Saxe Coburgo Gotha, foi o principal impulsionador do Romantismo, construindo em Sintra, nos arredores de Lisboa, um palácio acastelado que precedeu os que Luís de Baviera edificou, numa semelhante inspiração revivalista e cenográfica; o gosto de Winterhalter ilustrou então certo luxo, burguês e cosmopolita, da classe no poder, ao mesmo tempo que o sentimento da «Saudade» ia finalmente inspirar obras como a estátua do «Desterrado» (Soares dos Reis, 1874), nesse sonho em devir nostálgico que continuou a ser o Romantismo.

Cerca de 1870, porém, uma sociedade em transformação hesitava entre a tradição romântica e o progresso das ideias que a nova geração de intelectuais realistas ia buscar, mais uma vez, a Paris; os artistas, seus companheiros de geração, formados a partir de 1865 na École Imperiale des Beaux-Arts de Paris, inspiraram-se, por seu lado, de Barbizon — sem se empenharem em qualquer projecto crítico que só os comentários humorísticos do desenhista Rafael Bordalo Pinheiro satisfaziam, até ao final do século. As leituras de Proudhon perderam entretanto sentido, ante a expansão do paisagismo naturalista e de uma pintura de História à moda dos Salons de Paris; e os intelectuais da geração de 70, que se autodenominarão de «Vencidos da vida», descreram rapidamente do progresso social que os animava. Divididos entre uma cultura recebida do exterior e as realidades sensíveis do próprio País, com suas paisagens e costumes, o seu desânimo correspondeu sociologicamente à falência dos projectos de industrialização e de expansionismo colonial. Esta crise, manifestada nos retratos dramáticos de Columbano, e assinalada cerca de 1900 pela emergência simbolista, fez também, recrudescer o apego a uma arte profundamente enraizada nos valores rurais, que J. Malhoa encarnou até morrer, em 1933. Assim, no esplendor de sol ou no retrato realista mais íntimo, a Arte portuguesa redefinia a sua identidade — por entre a oposição do sol e de sombras ou de realidades e de sentimentos que a percorreram . . .

Sala 1 — D. João VI: História e alegoria

Organizada em referência a Dom João, príncipe regente (1795-1816) e rei (1816-1826), esta sala ilustra as tendências da arte portuguesa no início de Oitocentos, logo marcada, em 1802, pelo programa neoclássico para o Palácio Real da Ajuda, aprovado pelo príncipe. Mas, protagonista e vítima, D. João VI foi simultaneamente retratado cerca de 1822 pelo pintor «naïf» J. I. de Sam Paio e pelo notável escultor J. J. de Aguiar (1769-1841). Discípulo de Canova, em Roma, onde permaneceu de 1785 a 1798, e onde executou o Monumento à Rainha D. Maria I (1794-1798), J. J. de Aguiar realizou, em 1823, a estátua de D. João VI, obra-prima da escultura neoclássica portuguesa. Durante a longa estadia da família real no Brasil (1807-1821), várias alegorias foram consagradas ao rei; nelas perduram os cânones de tradição romana do século XVIII, incluídos também na obra do pintor D. A. Sequeira (1768-1837). No entanto, no retrato esboçado de D. João VI, executado por este artista cerca de 1822, algo de novo se prenuncia na explosão luminosa da cor que marcou a última fase da carreira de Sequeira. Entre as alegorias e os caprichos da História, a Arte portuguesa hesitava entre o fim do neoclassicismo e a insuspeitada novidade romântica.

Domingos António de Sequeira, «O Milagre de Ourique», 1791-94

Sala 2 — Vieira Portuense entre mito e história

Francisco Vieira, dito Vieira Portuense (1765-1805), foi discípulo de J. Pillement no Porto, e de D. Corvi, em Roma, viajou em Itália, passando por Veneza, e trabalhou em Parma, onde colaborou com o impressor Bodoni; depois de trabalhar na corte de Dresda, instalou-se em Londres, de 1797 a 1800. Assimilando influências várias, de Correggio aos mestres venezianos, a sua obra foi sobretudo marcada pela de Angélica Kauffman: «Leonor e Eduardo I de Inglaterra na Palestina», 1798, e um tanto pelo paisagismo inglês: «Fuga de Margarida de Anjou», s.d. e «Júpiter e Leda», 1798. Na paisagem de Vieira Portuense integraram-se já elementos pré-românticos, mas a estrutura clássica é sublevada na composição «D. Filipa de Vilhena armando seus filhos cavaleiros» (1801), tema histórico inspirado na Revolução nacional de 1640; a cena anima-se na teatralidade expressa pelos gestos heróicos das duas personagens centrais, num desenho estilizado à inglesa e de colorido italianizante. Já realizada em Portugal, onde se instalou em 1800, esta obra assinala a viragem da carreira de Vieira Portuense que a morte prematura interrompeu. A heroicidade mítica em que a sua pintura se moveu anunciava já o Romantismo, mas Vieira Portuense não teve continuadores até ao advento de uma primeira geração romântica.

A pintura académica, com seus esquemas neoclássicos, foi dominada pelo ensino de A. M. da Fonseca (1796-1890), na Academia de Belas-Artes de Lisboa. Discípulo de V. Camuccini e de A. Pozzi em Roma, de 1827 a 1834, o seu «Eneias salvando seu pai Anquises do incêndio de Tróia» (1834), constitui o exemplo mais erudito da pintura neoclássica portuguesa.

Sala 3 — Sequeira entre lenda e paixão

D. A. de Sequeira (1768-1837), discípulo de A. Cavallucci e de D. Corvi, formou-se em Roma onde realizou obras como a «Conversão de S. Paulo» (c. 1791) a «Alegoria à Casa Pia» (1792-94), e «O Milagre de Ourique» (c. 1792), primeira grande composição patriótica da pintura portuguesa. Membro de mérito da Academia de S. Luca, em 1893, Sequeira instalou-se em Lisboa dois anos depois. Em 1802 foi nomeado, com Vieira Portuense, «primeiro pintor da Câmara e Corte», executando numerosas composições históricas para os Palácios da Ajuda e de Mafra. Os seus ideais jacobinos («Alegoria a Junot protegendo Lisboa», 1808) valeram-lhe a prisão após a retirada dos exércitos franceses. Como compensação, realizou então uma alegoria à Aliança entre Portugal, a Inglaterra e a Espanha (1810); porém, ele pode finalmente saudar a Revolução Liberal, numa «Alegoria à Constituição» (estudo), na qual se vislumbra o abandono dos seus esquemas alegóricos tradicionais, de filiação romana.

Entre os dois períodos, Sequeira executara excelentes retratos: de João Baptista Verde e de sua mulher (1809), do conde de Farrobo (1813), de seus filhos (c. 1816), ou de sua filha Mariana Benedita (c. 1822), da família do 1.º visconde de Santarém (c. 1816), J.C. Mendonça e Mendes (1819). Após a contra-revolução de 1823, refugiou-se em Paris, e foi admitido no célebre Salon de 1824, ao lado de A. Gros e de Gérard. No quadro desaparecido «Morte de Camões», que aí expôs, Sequeira consubstanciava o mito do herói romântico, já glorificado pelos poetas, mas o contacto com o Romantismo francês não influenciou a sua obra futura: se o fervor religioso que o impelira já a ingressar num convento nos finais do século XVIII, cedera ao «élan» das suas convicções políticas, estas foram insuficientes para abraçar picturalmente uma nova temática. Regressando a Roma, onde se instalou definitivamente a partir de 1826, Sequeira realizou um notável ciclo de composições religiosas entre 1828 e 1833. Nesta série, que inclui a «Adoração dos Magos», o «Descimento da Cruz», a «Ascensão» e o «Juízo Final», o primado da composição cede o lugar a uma «féerie» da luz. A sua explosão da cor, irreal e mística, dá um sentido final à obra de Sequeira, assim definida entre a lenda e a paixão.

Sala 4 — Sequeira entre os actores da história liberal

Se D. A. de Sequeira glorificou Wellington e desenhou a baixela oferecida ao duque da Vitória em 1816, exemplar único da ouriversaria neoclássica realizada em Portugal (1812-16, da qual foram cedidas algumas peças pelo Museu Victoria and Albert de Londres, para a exposição), após a revolução de 1820, ele projectou realizar uma grande composição sobre as Cortes Constituintes; entre os desenhos preparatórios destacam-se os retratos dos deputados — «feições abertas, jovens ou idosas, todas admiravelmente caracterizadas com um entendimento psicológico que o retrato português ainda não conhecera»... Uma alegoria ao juramento da Carta Constitucional (1826), retratando D. Pedro IV e D. Maria II, ainda menina, situa ainda a intervenção de Sequeira entre os actores da cena liberal. Um estudo do quadro desaparecido «A Morte de Camões» (s.d.) e um desenho de «Ugolino na Prisão» (s.d.) vieram recentemente enriquecer o conhecimento da obra romântica deste artista, cuja expressão luminosa e visionária ao fim da sua vida romana está presente nos esboços das composições religiosas de 1828-33.

Sala 5 — Os Românticos: paisagem, género e sentimento

T. da Anunciação (1818-1879) foi o primeiro pintor português a sentir-se atraído pela natureza. Jovem mal formado pela Academia de Belas-Artes de Lisboa, preferiu deambular pelos campos, libertando-se de convenções académicas que reformou quando, em 1857, foi, por sua vez, nomeado professor. As suas paisagens, ainda idealizadas, são povoadas por cenas de género («Vista da Penha de França, Lisboa», 1857), à semelhança dos quadros de costumes de A. Roquemont (1804-1852), bastardo do príncipe Auguste de Hesse que, instalado em Portugal em 1828 como retratista, veio ao encontro das aspirações nacionalistas dos românticos, que o consideraram um «artista português legítimo» (A. Garrett). A paisagem povoada, à maneira de Anunciação, surge também na obra de J. Cristino da Silva (1829-1877): «Vista de Lisboa tirada de entremuros», 1859, mas o pintor foi mais ousadamente romântico nas suas composições idealizadas da natureza: «A Passagem do Gado», 1867, «O Recuar da Onda», 1857; e paisagem e costumes combinam-se no retrato colectivo de «Cinco Artistas em Sintra», 1855, no qual Cristino homenageia os seus colegas de geração — os pintores Anunciação, Metrass, José Rodrigues e o escultor Vítor Bastos, figurando-os em sua companhia, numa cena de ar livre. Entretanto, Anunciação enveredou pela pintura animalista: em 1863 conhecera em Paris A. Yvon, F. Palizzi e C. Troyon cuja influência é sensível em obras como «O Vitelo» (1873), onde já afloram as propostas de Barbizon — na altura em que A. de Andrade (1838-1915) recebia influência da pintura italiana («O Pântano», c. 1861).

O sentimento, fonte essencial do Romantismo, marcou as imagens populares de J. Rodrigues (1828-1887): «O Cego Rabequista» (1855), e de A.J. Patrício (1827-1858), em temas como o da «Despedida» (1858). O estado de alma da «saudade», eminentemente romântico, foi finalmente a razão de ser do «Desterrado» (1872), obra-prima do escultor A. Soares dos Reis (1847-1889).

No domínio da pintura de História, F. Metrass (1825-1861), pintou o exílio de «Camões na Gruta de Macau» (1853), possível auto-retrato do artista e imagens de situações limite: «Só Deus!» (1856), composições influenciadas pelo Romantismo francês. Outras imagens mais mundanas percorreram o Romantismo: o visconde de Meneses

(1817-1878), que em Paris admirou Winterhalter, reflecte estas influências no retrato de sua esposa (1862), símbolo de uma sociedade que se actualizava ao gosto europeu. Esta transformação é ainda ilustrada pelo quadro «O Rei D. Fernando no Passeio Público» (1856), de Leonel Marques Pereira (1828-1892), uma das raras cenas de costumes mundanos que o príncipe consorte introduziu nas vivências da capital.

Na escultura, J. Simões de Almeida (1844-1926) deixou obras sensíveis, de discreto classicismo («Puberdade», 1877), ou de tendência histórico-sentimental («D. Sebastião», 1877).

Sala 6 — O Retrato: do Romantismo ao Realismo

J. A. Correia (1822-1896), discípulo de A. Roquemont («Retrato dos Filhos do Conselheiro Alves Ribeiro» c. 1840), completou a sua formação em Paris, onde, ao que se supõe, frequentou os ateliers de Ingres, Vernet e Delaroche; o «Retrato de António Manuel Fernandes Guimarães» (1873), de excelente correcção de desenho e boa observação psicológica, é uma austera e significativa imagem burguesa. O sentimento, algo agressivo, do «Auto-retrato» (s.d.), de Cristino, ou difuso no «Retrato do Professor C. W. King» (1847), do visconde de Meneses, em diferentes vivências românticas, caracteriza ainda os retratos da «Menina Amália de Sá» (1872), de J. Ferreira Chaves (1838-1899), e, mais tarde, o de «Laura Sauvinet» (1888), de J. Malhoa. O retrato realista surgiu com M. A. Lupi (1826-1883): tendo estudado em Roma, foi porém uma curta estada em Paris, em 1863, que o levou à descoberta das novas tendências da pintura. Com notável talento, ele figurou as maiores personalidades do seu tempo: os retratos do poeta A. Feliciano de Castilho (1873) e do famoso chefe político duque de Ávila (1880), da marquesa de Belas (1874), e de D. Maria das Dores Sousa Martins (1878), são imagens poderosas de dignidade dramática, de umm realismo impiedoso ou de uma sinceridade sem complacências. Semelhante realismo austero informou os bustos do escultor A. Soares dos Reis: «Busto de Inglesa» (1887) e «Viscondessa de Moser» (1884), com notável firmeza de observação psicológica dos modelos. J. Marques de Oliveira, que retratou A. Soares dos Reis em 1881, é ainda retratista romântico no «Auto-retrato» da sua juventude (1876). Mas, desta nova geração de pintores, foi A. Ramalho (1858-1916) o mais fecundo retratista. Discípulo de Cabanel em Paris, de 1882 a 1884, o seu retrato de uma «Senhora de Preto» (1884), trai uma maior modernidade no tratamento do negro manetiano e na pose natural do modelo. O decorativismo do retrato de «Mademoiselle Helena Dulac» (1883), imagem mundana de luxo burguês, anuncia a cenografia de estampas japonesas do retrato de «Abel Botelho» (1889). Maior e mais rara actualidade revela J. de Brito (1855-1946), no retrato de uma «Dançarina» (c. 1891): o tratamento do corpo mole e, sobretudo, do negro do seu trajo, acusam um sensível e inesperado entendimento pictural moderno. Neste eclectismo de finais do século, algo de vagamente whistleriano perpassa numa «Senhora de Preto» (1904), de A. Loureiro (1853-1932), pintor naturalista radicado durante muitos anos na Austrália; um expressionismo raro apodera-se do intenso cromatismo do «Auto-retrato» (c. 1900) de Aurélia de Sousa (1865-1922); e a imagem de António Carneiro, na altivez desdenhosa e afinal tímida do seu «Auto-retrato» (c. 1903), dilui-se na fluidez imprecisa do fundo, no seu lirismo simbólico de evasão.

Columbano, «O Grupo do Leão», 1885

Sala 7 — Os Naturalistas: da Terra ao Mar

«Pintei este sítio feio porque o acho bonito»: esta afirmação de Silva Porto foi uma espécie de programa da pintura naturalista em Portugal no seu início, cerca de 1879. Silva Porto (1850-1893), bolseiro na École des Beaux-Arts de Paris, de 1874 a 1878, e igualmente discípulo de Daubigny, foi o mestre incontestado do novo movimento. Professor dè pintura de Paisagem na Academia de Belas-Artes de Lisboa, em 1879, em sucessão de Anunciação, agrupou à sua volta o Grupo do Leão (1881-1889), em cujos salões figuraram todos os pintores naturalistas da sua geração. A influência do naturalismo francês reflectiu-se sobretudo na obra realizada pelo pintor no início da sua carreira: no quadro «A Charneca de Belas, ao pôr do sol» (1879), um imenso campo quase despovoado abre-se na sua textura densa, sem qualquer concessão à desolada fealdade do lugar e, antes que o pintor enveredasse por uma pintura animalista menos interessante, o lirismo de quadros como «A Ceifa, Lumiar» (c. 1884) tem uma qualidade original. As mesmas influências francesas reflectem-se na obra de outros bolseiros em Paris seus contemporâneos: A. Loureiro (1853-1932), E. Condeixa (1858-1933) ou mesmo H. Pousão (1859-1884); mas, regressados a Portugal, eles modificam a paleta e, sobretudo a técnica, num País cuja luminosidade dificulta a captação de vibrações atmosféricas. Esta mutação pictural é ainda visível na obra de C. Reis (1863-1940), sucessor de Silva Porto na Academia de Belas-Artes de Lisboa: o seu «Milheiral» (c. 1889), vasto campo sensualmente inundado de luz, é como que um desafio à «Charneca» de Silva Porto. Mas foi D. Carlos de Bragança (1863-1908) quem melhor traduziu nas suas paisagens da terra alentejana — «A Campina» (1898), «O Sobreiro» (1905) — a essencialidade de terra portuguesa. Muito mais tarde, J. Malhoa em «Outono» (1918), evocará ecos impressionistas, numa experiência sem continuidade.

Na pintura de costumes, os temas sentimentais do romantismo encontram eco nas cenas de género de Sousa Pinto (1856-1939), de formação e carreira francesas, admirador de J. Breton e membro do júri do Salon, em 1900, e de A. Tamalho («Chez mon voisin», 1883). Os interiores de Aurélia de Sousa prolongam o intimismo velado da pintura de Keil (1854-1907): «A Leitura de uma carta» (1874), e de M. A. Lupi: «Mulher à janela» (1878). Finalmente, J. Malhoa (1855-1933), na sua vasta «odisseia rústica nacional» (Fialho de Almeida, 1906) — por exemplo «Clara» (1903) —, deu o mais exacto retrato da sensibilidade rural e pagã dos costumes; cenas como as do «Fado» (1910) e dos «Bêbedos» (1907) são imagens realistas do campo e da cidade, ambas ilustrando a profunda nostalgia da alma portuguesa. Na escultura, António Teixeira Lopes (1866-1942), discípulo de C. Gauthier e de P. Cavelier na École des Beaux-Arts de Paris e Grand Prix na Exposição Universal de 1900, assinalou o apogeu do naturalismo em obras nas quais aflora o mesmo sentimentalismo — «A Viúva» (1893).

H. Pousão, mais do que qualquer outro dos seus contemporâneos, descobriu em Itália a intensa luminosidade da luz mediterrânica. Nas suas vistas de Roma e, principalmente, de Capri — «Casas Brancas de Caprile», 1882 —, a arquitectura das formas desenha-se em perfeita harmonia com os valores da luz circundante. Pintor ecléctico — «Cecília» — (1882) e «Senhora Vestida de Negro» (1882) —, os seus quadros traem ecos de lições romanas e parisienses, interrompidas por uma morte prematura. J. Vaz (1859-1931), discípulo de Silva Porto e membro do Grupo do Leão, pintou vistas sensíveis do Tejo e do Sado; a sua «Praia», de cerca de 1892, exprime uma poesia serena de fim de tarde.

Antes, porém, já J. Marques de Oliveira (1853-1927), pintara vistas transparentes e luminosas da praia da Póvoa de Varzim banhadas por uma atmosfera rósea, onde as figuras se diluem nas impressões da luz e da cor. A pintura pré-impressionista de Boudin, com uma maior liberdade poética, afloram no seu naturalismo «idealizador» e no «capricho terno e femininamente velado da sua arte» (Fialho de Almeida, 1892). A luminosidade diluída das telas de A. Carneiro (1872-1930) propõe imagens de sonho e ausência nas suas praias de estrutura simples — «Praia da Boa Nova» (1912). Esta atmosfera de símbolo e realidade marcou ainda as paisagens desoladas de Luciano Freire (1864-1935) — «Bucólica», 1896.

Sala 8 — Columbano e a «Geração Perdida» de 1890

Columbano Bordalo Pinheiro (1857-29) cursou a Academia de Belas-Artes de Lisboa, onde foi discípulo de M. A. Lupi. Isolado em Paris, de 1881 a 1883, como bolseiro, Columbano via reforçada a sua vocação para uma pintura de interiores sombrios: «A Luva Cinzenta» (que expôs no Salon de Paris em 1882), em que uma atmosfera soturna envolve os retratos, ali reunidos numa atemporalidade irreal. Alheio a escolas, Columbano ia-se assim definindo como retratista. No seu estilo, com uma técnica muito pessoal de modelação da luz, reflectem-se, porventura, algumas afinidades ibéricas, de Zurbarana Goya, como muitos críticos sugeriram. Porém, o realismo de Columbano é essencilamente interior, oriundo duma angustiante e surda interrogação do pintor, que se retratava ao retratar os outros. O seu temperamento amargo e inquiridor, levou-o a fixar, com uma ironia distanciada, os pintores agrupados à volta de Silva Porto, no retrato colectivo do Grupo do Leão (1885).

Columbano retratou grande número de artistas — os actores A. Pedro (c. 1891), E. Brasão (c. 1909) e A. Rosa (1911) — e de poetas e de escritores — Bulhão Pato (1908), Teixeira Gomes (1911) e Teófilo Braga (1917) —, da sua geração, marcada pela crise ideológica e política de finais do século. Na galeria de retratos desta «geração perdida», sobressai o do poeta Antero de Quental (1889), figura cadavérica onde a morte já se pressente. O pintor fixou também algumas, embora raras, figuras de mulheres: da cunhada, Maria Elvira Bordalo Pinheiro (1884), da sobrinha, Maria Cristina (1912), e da viscondessa de Sacavém (1890), com idêntico realismo sombrio.

Intransigente e sincero, Columbano deixou, nas suas imagens, o mais fiel testemunho da burguesia citadina do seu tempo. Fixando o desmoronar das suas esperanças, o pintor refugiou-se num mundo despedaçado de fantasmas, dele nos lançando um irónico e céptico desafio («Auto-retrato», s.d.). A partir dos anos 90, Columbano compôs também naturezas-mortas («A chávena de chá», 1898), onde o brilho apagado da textura das matérias silencia um tempo sem remissão.

Sala 9 — História e Academia

Se Marques de Oliveira inaugurou, com «Céfalo e Prócris» (1879), uma tradição académica que, de Roma, passou a inspirar-se directamente no ensino da Ecole des Beaux-Arts de Paris, Veloso Salgado (1864-1945), igualmente discípulo de Cabanel, e também de Benjamin Constant e de E. Delaunay, encarnou, no fim do século, a pintura de História em Portugal. Professor da Escola de Belas-Artes de Lisboa, a partir de 1895, as suas composições inspiradas na mitologia («Amor e Psique», 1891), ou na epopeia marítima dos portugueses («Vasco da Gama na presença do Samorim», 1898), consagraram-no oficialmente mentor do academismo nacional.

J. Malhoa dedicou-se também à pintura de História, afastando-se dos modelos convencionais: a lenda camoniana, com seus mitos e heróis, está presente na sensualidade da «Ilha dos Amores» (c. 1907), ou no realismo quotidiano de «Vasco da Gama ouve o piloto oriental» (1907).

No retrato, Carlos Reis realizou, nos primeiros anos do século XX, uma vasta obra, num estilo ecléctico e de aparato mundano, lembrado da aprendizagem parisiense — «Retrato da pianista Adelaide de Lima Cruz» (1908). Malhoa, retratista também, deixou duas imagens do príncipe real D. Luís Filipe, menino (1892), ou já à beira da morte (1908), que contam de maneira original na imagística áulica do tempo.

Na sua composição «O Marquês de Pombal examinando os planos da reconstrução de Lisboa» (1883), M. A. Lupi, por seu lado, recriou um episódio histórico, numa cena de interior, com uma sóbria dignidade burguesa.

O tríptico «A Vida» (1899-1901), de António Carneiro, influenciado em Paris por Puvis de Chavannes, reflecte uma visão metafísica que se articula em torno da «Esperança», do «Amor» e da «Saudade» — esperança de uma criança transformando-se em mulher, amor que se dimensiona num cenário wagneriano, saudade que tem por signos uma mulher enlutada e uma esfinge.

O século XIX termina assim, entre as brumas dos deuses e dos heróis, numa imagem simbolista da História.

Ecologia no Mundo

Extinção em massa ou defesa de santuários?

O planeta Terra encontra-se à beira da extinção em massa de espécies animais e vegetais. Essa extinção é provocada, não por causas naturais, geológicas ou cósmicas, como teria sido a extinção dos dinossauros, mas pela contínua e acelerada destruição, devida às sociedades humanas e às suas actividades económicas, dos habitats que mantinham em perpetuidade e estabilidade a vida dessas espécies.

Mais preocupante ainda, muitas das espécies que se vão extinguindo e se extinguirão proximamente nunca terão chegado a ser conhecidas, observadas e cientificamente descritas pelos naturalistas. Se as espécies de aves conhecidas provavelmente representam 98% das existentes, se, no caso dos répteis, anfíbios e mamíferos, essa percentagem poderá rondar os 95%, já no caso dos insectos e outros artrópodes se conhecem 874 161 espécies para um total calculado de cerca de 30 milhões. Quanto aos invertebrados, conhecem-se 116 8 3 espécies, mas o número real poderá atingir vários milhões. São conhecidas 73 900 espécies de plantas inferiores a 36 mil de microrganismos, mas não existe qualquer cálculo que permita avaliar quantas estão por conhecer.

A extinção em massa que está a verificar-se representa uma perda de diversidade biológica que repercute nas espécies remanescentes e na totalidade dos ecossistemas afectados. Até mesmo processos globais como o ciclo da água e dos nutrientes que estabelecem a ligação com os grandes processos químicos e biológicos podem ser alterados. A diversidade genética está relacionada, em cada espécie, com a capacidade de adaptação às modificações do ambiente. O desaparecimento de populações inteiras em determinado habitat diminui essa capacidade e chega a colocar a totalidade de determinada espécie sob o risco da extinção, não obstante as populações remanescentes. O desaparecimento de algumas espécies vai quebrar as intrincadas conexões, relativas à sua biologia e comportamento, que as ligam às restantes espécies em cada ecossistema. As consequências reais de todas essas alterações não podem ser avaliadas pois é ainda muito deficiente e incompleto o conhecimento que o homem possui do funcionamento biológico da terra na sua globalidade.

Problema dinâmico, solução estática

Para encontrar uma solução, a defesa e conservação de determinados habitats particularmente ameaçados ou especialmente ricos são absolutamente necessárias e urgentes. Parques, reservas, santuários, zonas protegidas fazem parte de uma rede indispensável cujo reforço e extensão não pode desleixar-se. No entanto, um simples programa de conservação está muito longe de ser suficiente.

De facto, os ecossistemas conservados intactos mas separados entre si por vastíssimas extensões biologicamente empobrecidas, e muitas vezes reduzidas à expressão mais simples, não têm capacidade para sustentar todas as espécies que originariamente possuíam, as quais, elas próprias, passam a correr um maior risco de extinção do que quando mais vastas regiões se encontravam preservadas. Mesmo os parques e reservas podem por isso ser considerados como uma solução estática para um problema dinâmico. Seria necessário consagrar pelo menos 1,3 biliões de hectares em todo o Globo a áreas protegidas para preservar amostras representativas de todos os ecossistemas terrestres. Ora, apenas existem de momento 425 milhões de hectares em condições equivalentes.

Mesmo os grandes parques nacionais dos Estados Unidos se mostram incapazes de cumprir a tarefa de preservar as espécies selvagens para que foram criados. Em muitos desses parques, mais de 25 por cento, e mesmo por vezes 36 ou 43 por cento das espécies de mamíferos originariamente existentes, desapareceram entretanto, a um ritmo tão lento que nem os próprios administradores dos parques se aperceberam disso.

Por isso, é hoje voz corrente entre naturalistas e biólogos preocupados com a preservação das espécies vegetais e animais que a política de parques e reservas deve ser complementada com uma política de restauração ou regeneração de vastas áreas hoje degradadas. Uma inteira nova disciplina tem vindo a ser desenvolvida ao longo da última década, assinalando prioridades, ensaiando métodos e realizando experiências pioneiras: é a biologia da conservação. A observação de processos naturais de auto-regeneração de ecossistemas em territórios degradados pelo homem e depois abandonados, ou o estudo de práticas de regeneração conhecidas já por alguns povos ditos primitivos são alguns dos pontos de partida de uma disciplina em torno da qual surgiu já uma associação (Society for Conservation Biology) e uma revista científica especializada *(Journal of Conservation Biology)*.

Recuperar a floresta

Um ambicioso projecto de restauração está sendo realizado na floresta tropical seca no Noroeste da Costa Rica. Para isso seriam usadas as poucas manchas intactas da floresta tropical seca existentes nos 10 500 hectares do Parque Nacional Santa Rosa. Com base nelas, as terras adjacentes ao Parque seriam restauradas e devolvidas a um estado de saúde semelhante ao dos tempos pré-colombianos. Existe um plano para obtenção de financiamentos que permitiriam, por esse processo, alargar o Parque a uma área de 70 mil hectares, a qual já permitiria de novo que as suas comunidades ecológicas pudessem auto-sustentar-se.

Em Portugal, a quase totalidade do território está profundamente penetrada de presença humana. Argumentando com esse facto, verificaram-se no início desta década diversos ataques à exagerada extensão que pretensamente teria adquirido a rede de parques, reservas e áreas protegidas que vinha sendo implementada desde 1974 sob os auspícios do arq. Ribeiro Teles e supervisão directa do arq. Fernando Santos Pessoa, primeiro presidente do nosso Serviço de Parques.

Embora e região portuguesa seja hoje relativamente pobre em espécies selvagens, as que aqui existem ou se reproduzem justificam plenamente um alargamento, e não uma diminuição, da rede de parques. E justificam igualmente um trabalho muito mais vasto de regeneração ou restauração, com prioridade para a reconstituição de florestas com espécies endógenas: o teixo, o carvalho, o castanheiro, a nogueira, o medronheiro, o sobreiro precisam de ver expandidas as suas populações. Com excepção do último, que beneficiou do lavor da cortiça nos mercados mundiais, as restantes espécies encontram-se numa situação de menosprezo alarmante.

Existem, aliás, boas razões de carácter social e económico para um extenso trabalho de regeneração da floresta tradicional portuguesa. Do ponto de vista ecológico, essa regeneração, ainda que parcial, seria um importante contrapeso às desastrosas consequências ambientais da expansão incontrolada do pinheiro, primeiro, e agora do eucalipto. Simultaneamente, os resultados que se conseguiriam na luta contra os calamitosos e escandalosos incêndios florestais (porque assentes no crime e vastas cumplicidades, e na indiferença ou incapacidade do aparelho judicial) seriam decerto muito mais eficazes e duradouros que as frotas de helicópteros e outros sofisticados meios tecnológicos que todos os anos por altura do Verão se reclamam em altos brados.

Embora outros temas venham mais frequentemente à ribalta, a limitação efectiva do poder das celuloses sobre o território e a recuperação da floresta autóctone serão de facto a pedra de toque de qualquer política ambiental coerente para Portugal. Enquanto, nesse campo, incendiários e plantadores de monocultura do eucalipto continuarem senhores como até aqui, as demolições de barracas não passarão de episódio menor ou de cortina de fumo. O Adamastor ambiental está ainda por enfrentar.

José Carlos Costa Marques

Transumâncias

NÃO é todos os dias que aparece o cliente ideal. É claro que, idealmente falando, o cliente não discute preço e, cá na terra, se não discute/conta, ou é tanso ou é estrangeiro. O pessoal, esta semana, anda cá com uma fé que o abalo das feiras, lá para os regionais, possa p'ra cá mandar mais uns quantos — talvez lhes chegue o cheiro — é preciso mostrar bem o material, esticar a manta a ver se cai algum.

Mas a venda sempre esteve por baixo, há até já quem tenha saudades do tempo da troca directa. Agora, lá uma vez por outra aparecem uns atrapalhaditos, com os pertences de pendura. Vai-se sacando qualquer coisita interessante, mas pouco mais. Talvez, bom mesmo, fosse que a coisa estoirasse. Baixava o consumo para satisfazer a obra e o empenho do inspector, e sempre aparecia mais material usado p'ra venda. Há uns complexos muito burgueses e consumeiros que não gostam nada do que já passou pela pele dos outros. Dantes era a desculpa da tuberculose e da tísica; agora é a SIDA e outras que tais. Acreditem que não há nada como o que já foi pelo menos amaciado por outras manápulas. Tive um amigo que a isto contrapunha o argumento de que «não há nada como o *prazer* da rodagem», ao qual eu emendava com a «*responsabilidade* e o *peso* da rodagem», mas ele não desarmava — 'tá quieto! O lustro, o cheiro a novo, a goma, baah! Trabalho e chatice de forma. Pois, também há o risco d'eles virem cheios de vício. E há maior prazer que o da recuperação? Porque é que julgam que há praí essa inflação de psicólogos e pedagogos? De que é que julgam que vivem os rapazes? É isso, até lhe poderíamos chamar o prazer, ou «a fruição do endireita». Mas haverá coisa mais sublime que um tipo agarrar-se a um rádio mudo com o circuito todo marado, os componentes a abanar com o chassis feito em fanicos e conseguir pô-lo a palrar? É claro e indispensável que tudo isto «após um trabalho aturado». O trabalho tem de ser sempre aturado ou então não tem piada nenhuma — cá na feira não há tese de mercancia, nem para se limitar aprovar o efeito do neon nos pirilampos, que não tenha no mínimo 600 páginas. Chego a pensar que se as domésticas em vez da Maria lhes desse para consumirem teses de C.H. (Cromo-níquel Hidráulico), então é qu'eu m'atirava às cai-mas com unhas e dentes. E não havia inspector qu'ousasse p'ra cá vir evocar cotações infundadas. Caramba, estará você a pensar o mesmo que eu? Elas em casa a dissertar sobre a oclusão dos componentes hidrotrópicos e agroactivos na sopa de nabiças? A publicidade na televisão a passar toda para a tarde por causa da subida nas sondagens de audiência dos programas de formação profissional do ITE? As criancinhas a esgotar uma edição de cromos editados pela «Mulherio» com a Zita Zuzarte a programar o Kitt para a captura e recuperação do He-Man; um programa do Eurico da Fonseca com apresentação do Eng.º Sousa Veloso nos tops de audiência, e um tipo a chegar a casa e elas a zurzirem-nos os ouvidos por causa da «tese da vizinha que tem mais vinte e sete notas de pé de página que a minha»! Chega.

Vinha toda esta treta a propósito do «prazer da recuperação» (do património falamos prá próxima) do eventualmennte mal usado. Pergunta-se: quem estabelece tais normas? Porque raio terá que ser o livro lido desvalorizado em relação ao virgem? Porque causa de meia dúzia de rabiscos e sublinhados, ou das páginas dobradas? Então como é que se explica que ali na feira do Largo do Comércio, o papel, quanto mais usado, melhor?! Ainda gostava de saber porque raio é que aquele tipo do cachecol, no sábado passado, se pôs a mandar bocas e a injuriar quando lhe pedi três notas por uma edição esgotada, lá porque aquilo tinha meia dúzia de páginas a menos. São tão mauzinhos! Tão mauzinhos...

Eduardo Manuel Astúrias

Nota

Chama-se a atenção do leitor desprevenido para o facto de todo e qualquer acontecimento aqui relatado ter decerto ocorrido nas imediações do Campo de St.ª Clara. Qualquer semelhança performativa com outros espaços não é senão pura coincidência.

Figuras Atópicas

Xamanes – o destino de um corpo náufrago

DOS variados sinais que indiciam num indivíduo a vocação xamânica a especificidade de determinados traços físicos pode ser considerado como um dos mais importantes. Com efeito, determinadas características físicas exercem tal impressão que investem o seu possuidor, aos olhos dos outros, de um poder a que não é alheio o temor de uma monstruosa alteridade. Deste modo feições demasiado feias, no limiar do horrendo, ou deficiências físicas fora do comum, podem contribuir para que tal pessoa seja encarada como alguém vocacionado para as funções xamânicas. (1) Atente-se, por exemplo, neste relato de Nuñez de Pineda y Bascuñan: «Ele tinha um olho oculto por uma venda, era pequeno de corpo, um pouco largo de ombros e coxeava de uma perna. Vê-lo inspirava horror e medo e deixava adivinhar a sua vil profissão.» (2) Métraux salienta que os Araucan sentem um temor supersticioso face a qualquer pessoa que sofra de uma anomalia física.

É que a monstruosidade assinala a presença de uma natureza desconhecida, que na medida em que pressupõe também uma natureza humana, engendra um sujeito apto a simbolizar a totalidade, (3) um homem objecto de uma visitação sagrada por parte de seres maléficos, logo alguém que participa, como atesta o «signum diaboli», de um mundo oculto que povoa os sonhos dos homens de pavorosos espectros, alguém dotado de uma visível familiaridade com tais assombrosos terrores.

No entanto, não é somente a partir de uma anomalia relacionada com a deficiência ou a fealdade que um corpo se revela disposto ao xamanismo: com efeito anomalias relacionadas com o comportamento sexual dos sujeitos são também fulcrais para a sua designação para a função xamânica. Assim, a ambivalência sexual, a homossexualidade, e, de certo modo, a androginia, surgem-nos como índices de tal vocação. Segundo Métraux, os xamanes araucan do sexo masculino são declaradamente homossexuais, vestem-se como mulheres e portam-se como tal: «(...) um jovem de constituição física delicada que se comportava mais como uma rapariga do que como um futuro guerreiro não era por tal desprezado ou alvo de troça. As suas tendências eram mesmo encorajadas já que o vestiam de mulher, sendo considerada a aparência feminina num homem como uma marca exterior da vocação xamânica.» (4) No mesmo povo as mulheres xamanes afectam uma postura viril, tipicamente masculina, dando azo à circulação de várias intrigas respeitantes às relações que mantêm com as alunas que iniciam na sua arte. Encontramos também xamanes homossexuais nas tribos da América do Norte, nomeadamente entre os Sioux, os Navajos, os Hidatsa, e os Crow entre outros. (5) Em África, entre os Dogon, os homens são escolhidos para desempenhar um papel activo na celebração dos rituais na medida em que apresentam no seu corpo sinais evidentes de feminilidade: reúnem em si os dois princípios universais, masculino e feminino, necessários à execução do ritual.

A conjugação dos dois princípios remete-nos para a figura mitológica do andrógino realizada no hermafroditismo também coincidente com a vocação xamânica. Se na cultura ocidental o andrógino nos surge referenciado n' «O Banquete» de Platão como ser originário, completo e auto-suficiente, como intermediário excelente, ser de junção das diferentes ordens, função de privilegiado mediador. Logo, a androginia do xamane constitui-se como sinal da sua propensão de agente de conexão com um mundo de espíritos e demónios.

Corpos predestinados, pelas aparências ou pelos actos, ao exercício da função xamânica, corpos-marginais na sua monstruosidade própria, nos seus comportamentos desviantes, ainda assim necessários e funcionais, poderosos e influentes, em culturas que apreciam com temor fascinado os que se sustêm na «corda sobre o abismo» (Nietzsche) sem recear «o pensamento que se instala nas vertentes mais abruptas» (Clastres), ainda que se arrisque o corpo na imprevisibilidade das metamorfoses.

Mas porquê um anómalo? Qual o sentido profundo, em termos sociológicos e simbólicos, do facto de uma cultura considerar que os anómalos entretecem preferencialmente relações com o sagrado, com o reino da invisibilidade? Para responder (parcialmente) a esta questão teremos que analisar, em primeiro lugar, as concepções e práticas relacionadas com o corpo do xamane e com o acto xamanístico, dramaturgia onde o seu poder é, a cada intervenção, reconfirmado sob pena de descrédito; em segundo lugar, construir uma interpretação do posicionamente específico do xamane face aos códigos, seu conteúdo simbólico e sociológico, e também, na medida do possível, dar conta da riqueza interior de tais personagens apreciar os seus trajectos nos estranhos mundos que percorrem, eles que representam para a sociedade a sua melhor memória, possuidores exclusivos de uma sabedoria ancestral: os mais audaciosos projectos que o pensamento selvagem engendrou.

Cura

Lévi-Strauss explica o processo da cura xamanística e o segredo da sua eficácia num texto fulcral (6); o xamane, através do cântico, narra à sua paciente uma epopeia, recheada de combates com espíritos variados, cujo local é o próprio corpo da doente. A cura processa-se à medida que ele vai derrotando os seus temíveis adversários. Por outras palavras: torna inteligível para a paciente, através do código mitológico, algo que para ela não passava de um fluxo descodificado (a doença). O xamane opera como um transdutor de códigos, como se recebesse no seu corpo um potencial demasiado elevado e o emitisse já reduzido, já passível de ser apreendido pelos restantes homens.

São os fluxos descodificados aqueles que mais ameaçam a integridade das sociedades selvagens (doenças, catástrofes naturais), que melhor as descarnam pondo à mostra, como chaga viva, a prova da sua precaridade, da ameaça de morte próxima. Toda a sua ânsia é então a de fazer significar tais fluxos ameaçadores. Explica ainda Lévi-Strauss noutro lugar (7): «Quanto ao símbolo, ele constitui uma entidade que, numa ordem conceptual, mantém as mesmas relações sintagmáticas com o contexto que, numa outra ordem conceptual, a coisa simbolizada mantém com outro contexto»; eis o trabalho do xamane: traduzir no código mitológico, para que a cura se realize com a ajuda da doente, o fluxo desconhecido que a doença representa. «O pensamento simbólico mete assim em relação paradigmática termos homólogos cada um sob uma relação sintagmática particular.» É exactamente este processo próprio ao pensamento simbólico que o xamane utiliza; mas, para que a cura resulte é fundamental que ele viaje ao mundo dos espíritos e, solitário ou invocando no seu corpo divindades protectoras, derrota em combates exaltantes os génios que malevolamente provocam a doença.

Se reflectirmos um pouco nestes dados e os conjugarmos com as informações já expostas podemos talvez extrair algumas ilações: o xamane é aquele que manipula o incodificado, que defronta e compreende forças que os outros membros da tribo temem e não conseguem compreender, daí que o seu corpo assuma características próprias desse universo imprevísivel de contínuos avatares. Os indivíduos que de algum modo apresentem sinais que os situem no limiar da ordem cultural (monstruosidade, homossexualidade, loucura) aparecem como aqueles que, por natureza, se encontram mais vocacionados para o contacto com matérias perigosas. O corpo do xamane para que desempenhe o seu papel codificador é necessário que seja um corpo incodificável para que possa penetrar no mundo dos espíritos e participar da sua alteridade.

Contudo consideraremos ainda uma outra série de dados: entre diversas tribos ameríndias como os Iquitos, os Apapocuva-Guarani ou os Guajiro, existe a crença segundo a qual o corpo do xamane se encontra repleto de uma substância mágica que lhe confere poder, mas que seria fatal a qualquer outra pessoa (8). No entanto, os Guarijo vão ainda mais longe: para eles o mesmo nome designa a doença que os xamanes curam, os seres sobrenaturais que a provocam e os espíritos auxiliares do xamane. Sob a mesma designação (wanülüü) agrupam diferentes modos de se relacionar com o sobrenatural. Para além disso, um dos principais modos de se tornar xamane é precisamente a frequência com que um indivíduo entra em contacto com o sobrenatural, nomeadamente através de doenças «wanülüü». Com efeito, a repetição das doenças habilita o indivíduo a manter, a partir de determinado momento, outro tipo de relações com os espíritos, visto que já os teve em si diversas vezes: transmutação dos maus «wanülüü» em bons «wanülüü», no interior do corpo do xamane (9).

O corpo do xamane encontra-se já um pouco morto como se cada vez que a sua alma viaja ou o seu corpo seja possuído por um espírito (algo que é continuamente provocado através de viagens solitárias, alucinogéneos, dança e música) houvesse um contágio mortífero para o seu corpo, um estranho pacto que o coloca à margem da ordem dos vivos e da cultura. A acumulação de doenças e a súbita inversão do seu significado revelam que o corpo do xamane é concebido como participante da natureza dos espíritos, apto portanto a recebê-los em si ou a projectá-los nos outros. O seu poder é directamente proporcional ao número de espíritos que o seu corpo puder conter na medida em que cada um tem uma especialidade e um poder próprios. Entre os Jívaros, o iniciado tem que comer o maior número possível de objectos diversificados, onde se encontram materializados os espíritos.

Sistema aberto

Podemos ir ainda mais longe: o corpo do xamane é concebido como um sistema aberto cujos órgãos são transmutados sob a acção de um espírito protector; vejamos alguns exemplos de iniciação australiana: «No interior da gruta o espírito retira todos os órgãos internos e fornece ao homem novos órgãos. Mas o espírito, não satisfeito de oferecer ao jovem curandeiro órgãos novos, introduz no seu corpo uma reserva de pedras mágicas Atnongara, que o curandeiro poderá projectar no corpo do doente para combater as influências maléficas (...); um curandeiro Warramunga faz a seguinte descrição: os espíritos cortaram e abriram o seu corpo, retiraram-lhe as entranhas, e substituiram-nas por novos órgãos.

Para acabar colocaram-lhe no corpo uma pequena serpente, graças à qual ele se encontrou dotado de poderes de curandeiro. Um curandeiro bibinga contou a Spencer que o espírito lhe abriu completamente o corpo ao meio, lhe retirou as entranhas, e substituiu-as pelas suas próprias entranhas que colocou no corpo do mortal» (10).

Diz Róheim que a profissão de xamane se constitui sobre a base de fantasmas infantis de destruição corporal compensados por uma retribuição de poder através de um phallus sádico-anal. Realmente temos que considerar que em sociedades onde o ascendente dos mais velhos sobre os mais novos é um «sine qua non» da sua existência, onde a sua ritualização nas iniciações é essencialmente dirigida ao corpo, à produção da dor e ao eregir sinistro da morte pela ameaça latente de destruição corporal; o fantasma da destruição do corpo aparece certamente como fundamental na vida intrapsíquica destes povos.

O corpo do xamane é vivido, então, como o lugar de «transfert» dos fantasmas colectivos da sua comunidade que exorciza, por meio da sua existência de dramaturgo, o conflito interno, ao dar visibilidade às suas contradições mais íntimas. Daí que o xamane possa apresentar traços de ansiedade, de neurose ou psicose, espelho vivo da alteridade, da loucura que mina e corrói os comportamentos sociais.

O xamane, lugar de fantasmas, adquire ele próprio por contágio, uma mesma natureza: «ele não era somente um homem nankara, mas também metade mamu (demónio)». Fora da ordem dos vivos porque é aí que a sua sociedade o quer ver; ser errante que ilumina a floresta a expensas drásticas do seu corpo tocha.

Um corpo náufrago que nunca aporta.

Carlos José

NOTAS

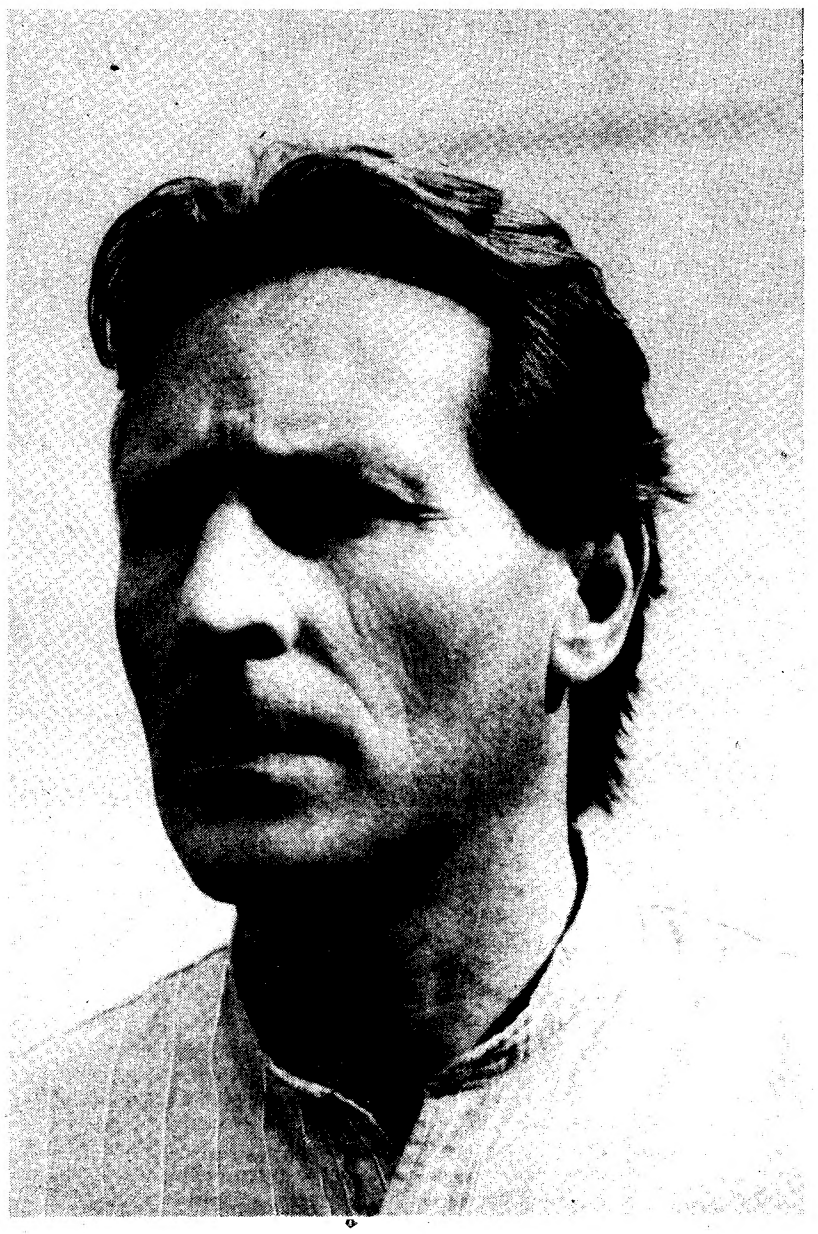
(1) Mauss, Marcel; Teoria Geral da Magia, in Sociologia e Antropologia; EDUSP.
(2) Métraux, Alfred; Religions et Magies Indiennes; Gallimard, 1967.
(3) Durand, G.; Les Structures Anthropologiques de l'Imaginaire; Bordas, 1969.
(4) Métraux, A.; idem.
(5) Desy, P.; L'Homme-Femme, in Libre 3.
(6) Lévi-Strauss; Antropologia Estrutural; EDUSP, Tempo Brasileiro, 1975.
(7) Lévi-Strauss; La Potiére Jalouse; Plon, 1985.
(8) Perrin, M.; Une Interpretation Morphogénetique de l'Initition Chamanique, in L'Homme 97-98, 1986.
(9) Perrin, M.; idem.
(10) Róheim, G.; Origine et Fonction de la Culture; Gallimard, 1972.

Retratos no Teatro

Jean-Pierre Tailhade

por Manuel Cintra

Com um passado intenso de actividade teatral e um futuro próximo já cheio de projectos, uns certos e outros possíveis, Jean-Pierre Tailhade é um estranho caso de francês radicado em Portugal. No fundo, ser ou não de outro país, hoje já importa pouco. Ter aquele sotaque característico, que a alguns enerva, a ele até lhe agrada, como lhe agradam todos os sotaques e todas as musicalidades. E quanto à dificuldade de avançar na vida teatral, parece não ser um mal lusitano, mas sim um mal. Que se põe entre quem faz e o que ainda não está feito.



JEAN-PIERRE TAILHADE trabalhou em teatro toda a vida, tendo sido até há alguns anos sobretudo actor. Razão pela qual se acha um «jovem» encenador, afirmação que faz sem ironia. *Charcuterie Fine*, de François-Louis Tilly, que acaba de ncenar para o Centro de Arte Moderna / Acarte, é uma peça de um jovem dramaturgo francês de quem se tem falado muito, recentemente, e do qual veremos também, na Fundação Gulbenkian, «Les Trompettes de la Mort», pela mão do Théâtre de la Salamandre, que virá brevemente a Lisboa. Nesta peça, actualmente em cena, o quotidiano é mostrado de uma forma quase mais crua que o real, sendo transformado quase num universo fantástico onde parece que aquelas coisas acontecem, mas só porque não são verdade. Jean-Pierre não se mostra totalmente satisfeito com esta encenação, e embora goste do trabalho que fez, pensa que talvez fosse o tema pouco adequado para ser abordado por si: diz isto em confronto com outro dos seus trabalhos recentes, «Parlez-moi d'amour», criação colectiva que dirigiu com três actrizes francesas em Toulouse, e que espera trazer a Portugal. Nessa peça os temas centrais são o teatro e o amor, temas que lhe parecem afinal ser aqueles que mais o apaixonam.

E o teatro vem de muito longe para este homem. Diz-se com um ar divertido, a comprovar essa evidência, que aos três, quatro anos, na escola, entrou numa versão dos Três Porquinhos, tendo mais tarde tido a função de «ser» as patas de trás de um centauro, e durante todo o liceu o teatro tendo estado já com a presença mais forte de todas. Foi assim que participou como profissional num espectáculo com apenas quinze anos; tendo entrado ainda muito jovem para o Théâtre Antique de la Sorbonne, em Paris, onde só se representavam tragédias gregas, e onde só havia, como na antiguidade grega, homens a representar. Foi aí que surgiu um dia a hoje tão conhecida Ariane Mnouschkine, que queria trabalhar em teatro, e a quem propuseram que desse apoio à costura, o que muito a enfureceu. E foi preisamente com Ariane Mnouschkine e Philippe Léotard que fundou daí a anos o Théâtre du Soleil, hoje um dos mais conhecidos grupos de teatro da região parisiense, e que viria a tornar-se famoso a partir da montagem de *1789*, sobre a Revolução Francesa.

Do Théâtre du Soleil passaria para o Théâtre de l'Acte, em Toulouse, onde trabalhou alguns anos. Foi nessa cidade, da qual fala com uma amizade muito especial, que recentemente montou com três actrizes do Théâtre de l'Acte a peça acima referida, *Parlez-moi d'Amour*. Para Jean-Pierre Tailhade a vida parece percorrida de veios com as suas curvas e contracurvas difíceis de interpretar. Diz que são encontros com determinadas pessoas, encontros no sentido mais profundo, que o foram orientando, fazendo com que a sua vida seguisse determinados rumos. Às vezes com dificuldade: a montagém de Parlez-moi d'Amour, por exemplo, esteve minada de contratempos que pareciam suceder-se por uns aos outros como se uma força estranha quisesse impedir o espectáculo de nascer um dia. Desde uma actriz que ficou por duas vezes, a mais de um ano de distância, gravemente doente quando doenças diferentes, a ele próprio que contraiu uma hepatite quando tudo parecia estar a correr bem, tudo parecia querer impedir a existência de um espectáculo no qual parece acreditar com toda a força, agora que já nasceu. Acaba por dizer que é sem dúvida difícil falar de amor neste século vinte.

Mas voltando atrás, Jean-Pierre Tailhade veio para Portugal depois do 25 de Abril, no seguimento dos Encontros de Teatro em Nancy onde veio a conhecer o grupo A COMUNA, decidindo embarcar no seu projecto e vindo a ser, durante alguns anos, um dos elementos chave do grupo. Claro que a divisão que o grupo viria a sofrer o marcou, como a todos os que nela estiveram envolvidos, particularmente Manuela de Freitas, de quem já aqui falámos, e José Mário Branco, mas quando se fala, a Jean-Pierre como a qualquer membro da Comuna que tenha vivido esses primeiros anos, sente-se ao longe uma aventura teatral apaixonada como até agora houve poucas no nosso País. E foi com os elementos que resultaram dessa divisão que Jean-Pierre, Manuela de Freitas e José Mário Branco formaram o Teatro do Mundo, grupo que fez durante algum tempo espectáculos de grande qualidade e que viria a extinguir-se de modo sinistro, por causa de um espaço primeiro prometido pela SEC; o da «Sopa dos Pobres» do Intendente, e depois, não se sabendo nunca muito bem porquê, novamente desaparecido do horizonte teatral, até aos nossos dias. Este um dos mais escuros crimes teatrais dos últimos anos, envolvendo a morte de um grupo, e que até hoje permanece por deslindar. Tinha o Teatro do Mundo por intenção convidar encenadores diferentes, não sendo assim liderado por nenhum em particular; foi assim que O GUARDIÃO DO RIO foi dirigido por Adolfo Gutkin, enquanto que a montagem COGUMELOS esteve a cargo de Jorge Listopad, vindo o último espectáculo do Teatro do Mundo, A TROCA de Paul Claudel, a ser encenado pelo próprio Jean-Pierre Tailhade.

Os anos seguintes foram difíceis, mas as coisas foram acontecendo e sucedendo-se, como sempre lhe tem acontecido. Tem correspondido esta fase a uma maior solidão. Pensou primeiro que estar só e partir só para o trabalho seria fácil, mas rapidamente percebeu que era muito mais difícil. Por vezes, durante a conversa, Jean-Pierre fala quase sem querer dessa solidão. Solidão que no fundo parece atravessar quase todos os homens de teatro. Mesmo quando fala da necessidade que um projecto tem, na maior parte dos casos, de ter um principal criador, que controla toda a situação, está a falar dessa solidão. Quando conta em Toulouse, no passado Inverno, foi convidado a fazer um espectáculo de improvisações, é de solidão que fala. Permanecia no escuro, junto do projector aceso, e esperava que alguém do público lhe pedisse para improvisar sobre determinado tema. Foi para si uma experiência fantástica. Tinha de travar todo o tipo de lutas, todas as noites, consigo próprio e com pessoas que na maior parte dos casos não chegava a conhecer. E no entanto, em momentos de grande magia, tem a sensação de se ter encontrado, com muita força, com algumas das pessoas que tinham sugerido determinado tema, e para quem estava a representar. Tentou trazer essa ideia a Portugal, mas aqui ninguém parece estar interessado em apostar num terreno tão fértil e importante como o da improvisação. Seja como for, Jean-Pierre já teve tempo para descobrir que aqui ninguém parece à partida pronto a apostar em nada, razão pela qual só indo para a frente e apesar disso é que se chega lá. E neste caso da improvisação, pensa vir a concretizá-lo também entre nós.

Jean-Pierre Tailhade encontra-se neste momento a acompanhar, a nível de texto, o próximo filme de João Mário Grilo, no qual terá igualmente a seu cargo a direcção de actores. Tem também um projecto para o Teatro Nacional D. Maria II, com os actores Rui de Carvalho, Manuel Coelho e Maria de Medeiros, esta última residente em Paris, desde há alguns anos, onde tem tido muito sucesso como actriz, e que será tema de uma destas próximas páginas. Dos seus projectos faz parte também colaborar no que virá a ser a primeira encenação teatral de Olga Roriz, ligada, como se sabe, até agora, à coreografia e ao bailado.

Adivinha-se, volta e meia, alguma angústia no passado e no presente deste homem. Afinal, fazer teatro já por si é normalmente uma profissão cheia de riscos e de inseguranças, não se sabendo nunca muito bem como as coisas vão correr, e fazer teatro num país que não é o nosso deveria trazer mais alguns riscos, mais alguns obstáculos. Digo deveria porque não parece ser assim. Seja ou não, o caso é que Jean-Pierre, com um ar vagamente **nonchalant** parece ter chegado a um ponto da vida em que a angústia e a preocupação valem pouco a pena. Ser actor num país estrangeiro, ter sotaque a representar, não se sentir pertencer aqui ou ali, por exemplo, são coisas que parecem partes integrantes, e de modo nenhum obstáculos, se é que algum dia o foram. Adivinha-se, por entre tanta despreocupação e tanto empenho em construir que já passaram por ali uma quantas daquelas peripécias que, como doem, ensinam depois a não doer.

Talvez seja por isso que no dia em que a ele me dirigi me respondeu primeiro que não, que não queria falar de si próprio, e muito menos do espectáculo que acabara de montar. Depois acabou por dizer que se eu quisesse, falaríamos de outras coisas. E de facto, ao longo desta conversa, falámos de muita outra coisa, para a qual aliás a conversa tinha uma teimosa tendência a se inclinar. E era com um certo descontentamento que Jean-Pierre por vezes tornava a falar de si. E mesmo assim, quase sempre através dos outros. E os outros, como nós, estão sempre a pedir mais, a um homem de teatro que até agora nunca parou. E a palavra **mais** resulta com muito pouco sotaque na boca de um francês.

Na quinta-feira

LER ESCREVER